# A EDUCAÇÃO NACIONAL

JOSÉ VERISSIMO

# A EDUCAÇÃO

# NACIONAL

> Este livro, quero que seja um protesto, um grito de alarma de *são brazileirismo*, um brado de enthusiasmo para um futuro melhor.
>
> SYLVIO ROMÉRO, *Hist. da Lit. Braz.*

**SEGUNDA EDIÇÃO**

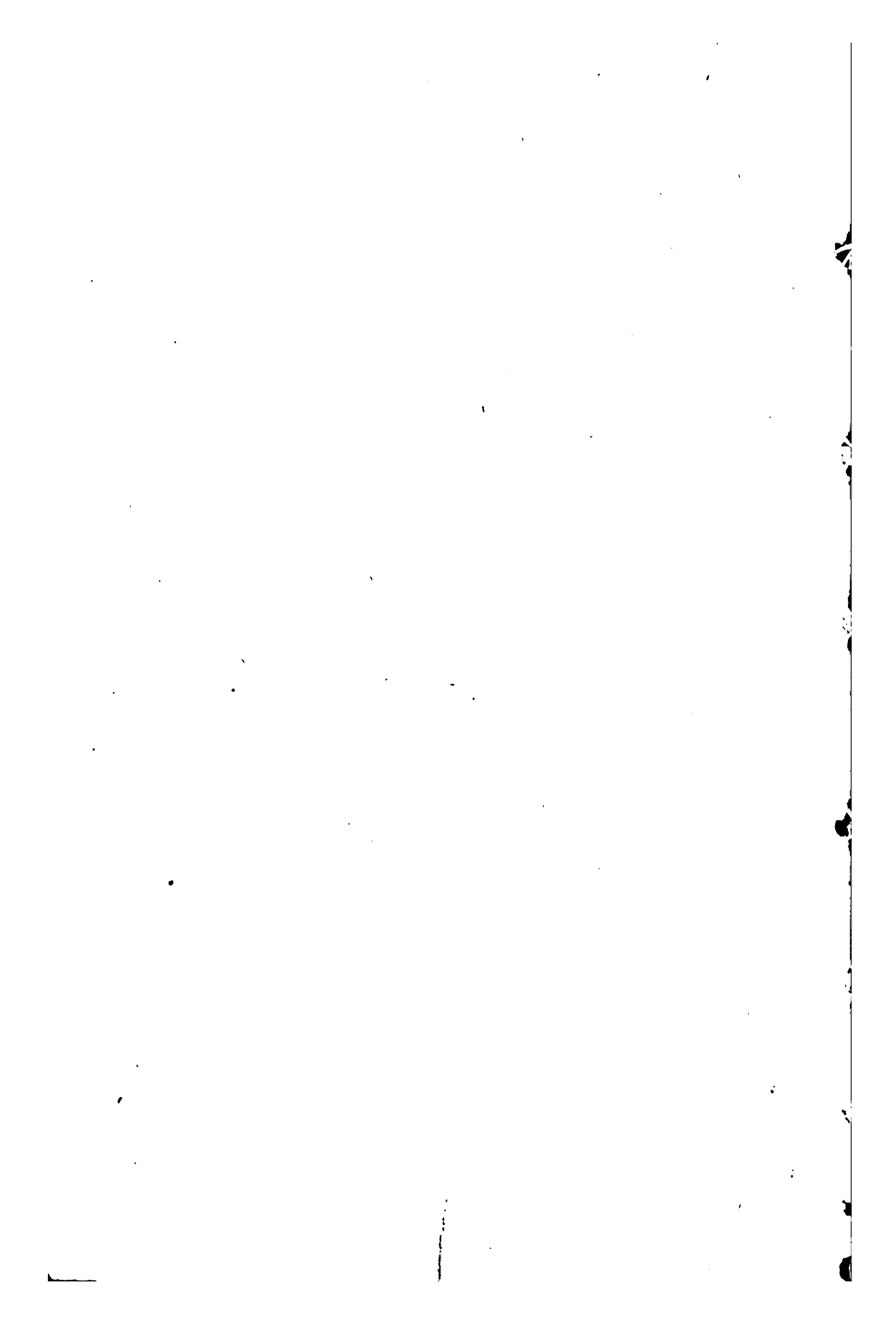
augmentada de uma introducção e de um capitulo novos.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

134, RUA DO OUVIDOR, 134 — Rio de Janeiro

S. PAULO — 45, Rua de S. Bento, 45

BELLO HORISONTE — Rua da Bahia

1906

# A INSTRUCÇÃO NO BRAZIL
## ACTUALMENTE

> «O ensino chegou (no Brazil) a um estado de anarchia e descredito que, ou faz-se a sua reforma radical, ou preferivel será abolil-o de vez.»
>
> DR. JOAQUIM JOSÉ SEABRA, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, *Relatorio* ao Presidente da Republica, em 1906, Vol. II, pag. 98.

### I

Este livro foi escripto logo após a proclamação da Republica. Não me arreceio de dizer que o foi com a maxima boa fé e sinceridade. Meditei-o e escrevi-o na doce illusão e fagueira esperança de que o novo regimen, que só o proposito de ser de regeneração para a nossa patria legitimaria, havia realmente de ser de emenda e correcção dos vicios e defeitos de que os seus propagandistas, entre os quaes me poderia contar, levaram mais de meio seculo a exprobrar á monarchia.

Ao seu ingenuo autor, desde a juventude dedicado, com ardor e estudo, ás questões de educação, parecia que tanto a philosophia especulativa como a experiencia da humani-

dade certificavam que o meio mais apto, mais proficuo, mais directo e mais pratico de obter emenda e correcção, era a educação. E assim pensando, ingenua talvez mas convictamente, elle o escreveu num verdadeiro alvoroço de enthusiasmo para, do fundo da sua obscuridade provinciana, propôr este expediente como o mais azado ás intenções que acreditava existirem no novo regimen, e ás condições do paiz.

O inicio daquelle, não obstante o seu vicio de origem, um antipathico levante militar, parecia dever justificar estas illusões e esperanças. O primeiro governo da Republica criou um Ministerio especial da instrucção publica e o confiou a um dos principaes fautores das novas instituições, que era tambem um provecto professor, conhecedor do assumpto. Essa criação, porém, como se hoje sabe pertinentemente, não obedeceu, segundo á primeira vista era todo o mundo levado a suppôr, a uma preoccupação auspiciosa da vida espiritual do paiz, nem siquer a algum sentimento ou convicção da necessidade de dar como base ao novo regimen um povo esclarecido, um corpo eleitoral alluminado pela instrucção larga e seriamente espalhada na população. Antes pelo contrario, determinaram a criação do Ministerio da instrucção publica feita pelo Governo Provisorio, mesquinhas questiunculas de gabinete, em uma palavra a necessidade ou conveniencia de afastar do Ministerio da guerra o respectivo titular, que nelle, parece, se havia mostrado incapaz, sem descontental-o, nem irrital-o, e com elle os seus numerosos e devotados discipulos, cuja acção fôra precipua na proclamação da Republica e continuava a ser preponderante naquelle momento.

Mais professor e ideologo, como lhe chamaria Napoleão, do que soldado, o general ministro da guerra não foi julgado

o homem para esta pasta em tal occasião, e á esperteza politica lembrou o alvitre da criação de um ministerio de ensino publico para o qual o removessem sem abalo. Benjamin Constant, que no pensar de todos, e talvez no seu proprio, se acharia neste melhor que naquelle, como um simples que era, caiu de boa mente no engano e tomou a serio a nova posição, que a sua incapacidade como administrador militar lhe deparara. Com as melhores intenções, porque parece foi principalmente um homem de boas intenções, porém com pouco espirito pratico, reformou de alto a baixo e por completo a instrucção publica do paiz, desde a primaria do Districto Federal (desse ramo a unica que lhe competia) até a superior, e ainda a especial e technica.

O merito dessas reformas era discutivel, e o autor deste livro o discutiu no *Jornal do Brasil* do primeiro semestre de 1892, encetando nesta cidade a sua existencia de jornalista, sob a esclarecida e generosa direcção do saudoso Rodolpho Dantas. Escrevi eu então, quando a experiencia de um anno da direcção da instrucção publica do Pará e de alguns mezes da direcção aqui do Externato do Gymnasio Nacional, facultaram-me julgar com maior conhecimento de causa a principal dessas reformas :

« Criada a pasta da instrucção publica, o seu primeiro ministro, o Sr. Benjamin Constant, procedeu, talvez com alguma precipitação, mas com uma legitima comprehensão da éra que o novo regimen devia abrir ao Brazil, a reforma do nosso systema geral de ensino publico. Não temos fetichismos politicos ou pessoaes, e fazendo principalmente obra de critica, não a pouparemos aos homens e ás coisas que, ao nosso fraco juizo, forem della merecedores. Sejam quaes forem,

porém, as que porventura tivermos de fazer á obra do Sr. Benjamin Constant, nenhuma dellas é tamanha que obscureça em nós o apreço de que é benemerita a inspiração superior com que a executou. Em que peze aos que pretendem ver o primeiro ministro da instrucção publica sob outro aspecto, a nós parece-nos que essa reforma é a obra capital da sua actividade politica.

« Por decreto de 8 de Novembro de 1890 foi por elle reformado o nosso ensino primario e secundario. O primario, que desde o imperio era da competencia das provincias, ficou com maioria de razão na fórma federativa dada ao paiz pelo governo provisorio, reservado aos estados, em que aquellas se transformaram. Dado, porém, o prestigio politico, que, apezar da federação, esta capital continúa e ha de continuar a ter no paiz, deve-se esperar que uma organização systematica do ensino primario, como foi a do Sr. Benjamin Constant, posta em pratica com constancia e seriedade e munida de meios de successo, como felizmente vai sendo, acabaria por se tornar o typo de igual ensino em todo o paiz ou pelo menos reagiria favoravelmente sobre toda a organização da instrucção primaria nacional, como aconteceu com identica organização nos estados da Nova Inglaterra, nos Estados-Unidos. E tanto mais é de crer este resultado, não só desejavel como, a bem da unidade moral da patria, indispensavel, quando a reforma do Sr. Benjamin Constant criou no Pedagogium um orgão que devia ser o factor consciente dessa obra de unificação moral.

« Pelo mesmo motivo da federação e consequente descentralização de todos os ramos do ensino, a nova organização do ensino secundario não foi tão radical, nem tomou na lei um caracter tão geral, como fôra para desejar. Entretanto,

ella acabava virtualmente com os taes estudos de preparatorios (art. 81), exigindo para a matricula nos cursos superiores, de 1896 em diante, o certificado de estudos secundarios ou o titulo de bacharel em sciencias e letras, dados na capital federal pelo Gymnasio Nacional e nos estados pelos estabelecimentos officiaes organizados segundo o plano do mesmo Gymnasio (art. 38). E determinava ao mesmo tempo (art. 81) que desde 1891 os exames de preparatorios fossem feitos « com os exames do Gymnasio Nacional, segundo os programmas adoptados neste estabelecimento.»

« Acceito, na pratica ao menos e como um facto ainda por muito tempo necessario, o principio da intervenção do Estado em materia de instrucção publica, principio, de parte a restricção que tambem fazemos, corrente em todo o mundo civilizado e apenas contestado por uma minoria insignificante, a reforma do Sr. Benjamin Constant apresenta-se com um caracter de pronunciado liberalismo. Ella deixava aos que já tinham começado os seus estudos de preparatorios o tempo sufficiente para os concluirem sem vexame nem prejuizo de direitos porventura adquiridos; deixava aos estados plena liberdade de darem elles proprios os diplomas de estudos secundarios, desde que organizassem estes estudos segundo o typo que lhes offerecia o governo federal e deixava á iniciativa particular toda a largueza para exercer a sua actividade, sem outra condição que a da aferição pelo Estado, das habilitações dos candidatos aos titulos exigidos para a matricula nos cursos superiores.

« Desde que o Estado, com uma liberalidade talvez unica no mundo, sustenta cursos superiores gratuitos ou pouco menos que gratuitos (e o não serem não diminuia em nada a

força do nosso argumento ), tem o direito incontestavel de impôr condições á entrada e tirocinio destes cursos. Os estados podem hoje crial-os e mantel-os elles tambem, e então serão senhores de decidir das condições da admissão nelles. A exigencia, portanto, da reforma do Sr. Benjamin Constant é justissima, cabendo sómente aos estados decidirem se lhes interessa ou não facilitar aos seus filhos a matricula dos cursos superiores da União, criando e mantendo estabelecimentos organizados de accôrdo com as justas exigencias daquella. Se alguma coisa ha a reparar, é que foi talvez demasiada a latitude dada aos estados nesta faculdade, com a unica restricção de organizarem o seu ensino secundario segundo o do Gymnasio Nacional, conferirem direitos á matricula dos cursos superiores da União. Não ha esconder que grande numero dos nossos estados carece dos recursos economicos e moraes para manter estabelecimentos com aquella organização. A vaidade bairrista, porém, não attenderá a isso e todos quererão ter lyceus e dar o certificado de estudos secundarios, quando talvez esses lyceus não correspondam effectivamente não só á letra mas ao espirito da nova organização.

« Em a nossa instrucção publica, hoje como hontem, a coisa de que mais carecemos é de verdade. Precisamos acabar de uma vez com a espectaculosidade de regulamentos, programmas, instituições e organizações que ficam na pratica sem nenhuma realidade. Não é, pois, sem apprehensões que vemos esta faculdade outorgada aos estados, sem o estabelecimento de um meio qualquer de fiscalização que garantisse a verdade desses estudos, meio que se poderia por ventura encontrar em um exame de entrada nas faculdades, perante membros das respectivas corporações ou pessoas por ellas designadas,

exame para o qual se exigiria aquelle certificado de estudos secundarios.

« Quanto ao ensino particular, augmentou-lhe a reforma a grande liberdade de que já gozava no antigo regimen, o que só póde merecer applausos dos espiritos verdadeiramente liberaes. E, mais, determinando, como vimos, que de 1895 em diante cessassem os exames de preparatorios, dispensou os alumnos dos cursos particulares dos exames a que o regulamento chamou de finaes, sujeitando-os apenas ao de madureza.

« Assim ficariam esses alumnos em maiores condições de *facilidade* que os do estabelecimento official typo, o Gymnasio Nacional, os quaes teriam de passar por tres series de exames, de sufficiencia, finaes e de madureza.

« Criado e estabelecido este exame de madureza — que quaesquer que sejam as reformas por vir, deve ser mantido em todo o seu rigor e seriedade — não haveria talvez perigo em conceder aos estabelecimentos particulares o direito de, sob a fiscalização do estado, procederem elles proprios aos exames finaes interiores, do que aliás, mais liberal ainda e, a nosso vêr, com algum exagero, os dispensou a reforma do Sr. Benjamin Constant. A concessão desses exames aos estabelecimentos particulares, sem outro termo de aferição do seu valor senão o de uma fiscalização forçosamente fallaz como a deu o Congresso em uma lei em boa hora recusada pelo veto presidencial, só poderia concorrer para fazer descer mais, se é possivel, o nivel dos nossos estudos secundarios. Nenhuma antipathia, ao contrario, a maxima sympathia temos pelo ensino particular, do qual vimos, mas nesta questão de educação nacional acima de tudo pomos os interesses sociaes, e mais ainda os do futuro, que ella deve preparar, que os do

presente. Sabemos, como toda a gente, que taes exames se praticam na Allemanha, mas tambem sabemos que se praticam sob a condição de uma fiscalização severa, difficil de obter entre nós, ou da verificação por novos exames officiaes. Demais, como ninguem ignora, não ha paridade de organização, ainda material, entre o ensino particular allemão ou inglez, que se citava em apoio daquella concessão, dado em estabelecimentos que offerecem não só todas as garantias de competencia e de escrupulo como de independencia e isenção, e o nosso.

«Ali são em regra geral riquissimas associações ou congregações, algumas seculares, quem sustenta esses estabelecimentos, que rivalizam não em dar mais alumnos, porém em preparal-os melhor, sem cogitarem de lisonjear por quaesquer concessões familias ou alumnos; aqui as mais decididas boas vontades e dedicações se acham isoladas e contam apenas como recurso de vida as pensões dos alumnos; não podem, pois, os institutos, que possuem ou dirigem, ser áquelles equiparados. Mais, argumentar contra o monopolio do Estado é desconhecer o principio que atraz estabelecemos e que a ninguem acudirá contestar: que, fundando e mantendo cursos superiores, o Estado tem o direito não só de determinar as condições quaesquer de admissão nelles, como o de verificar pelos meios que lhe pareçam melhores si os candidatos á admissão satisfazem ou não essas condições.

« A reforma do Sr. Benjamin Constant, mantendo a ainda necessaria supremacia do Estado em materia de instrucção publica, fel-o, portanto, com o maximo caracter de liberalismo, conseguindo do mesmo passo as relevantes melhorias seguintes :

« Organizar systematicamente o ensino secundario, acabando com o chamado curso de preparatorios e fazendo do antigo Collegio de Pedro II, que estivera até então isolado em o nosso systema de ensino publico, o estabelecimento modelo para a distribuição desse ensino, encarregando-o ao mesmo tempo de aferir do valor dos estudos feitos fóra delle ;

« Extinguir a errada preoccupação do fim pratico dos estudos secundarios que nos fazia exigir taes materias de preferencia a taes outras para a matricula neste ou naquelle curso superior, requerendo o mesmo preparo intellectual dos candidatos a uma especialidade qualquer, medicina, direito ou engenharia.

« E com esta medida livrou-nos das bifurcações, cujos máus resultados são já annunciados na Europa, e assentou a unica concepção legitima da natureza e do papel do ensino secundario.»

## II

As reformas de Benjamin Constant, os seus muitos regulamentos, porém, nunca se realizaram ; de alguns delles a unica parte posta em execução, como notou algures o Sr. Medeiros e Albuquerque, foi a tabella dos vencimentos, porque estes haviam sido nellas augmentados. As congregações officiaes em geral se lhes mostraram infensas, como se têm sempre mostrado a todas as reformas que apontam a outra causa mais que as melhorias materiaes do professorado. Aliás, não obstante feitas por um antigo professor e director de institutos officiaes de ensino, essas reformas, como é aqui frequentissimo, se não apoiavam em um conhecimento real e

exacto das condições do nosso ensino publico e das suas lacunas, necessidades e possibilidades. Demais procuravam inadvertidamente conciliar, sem exito possivel, ainda sob o puro aspecto theorico, em materia de instrucção, as concepções democraticas com o positivismo comtista. Não obstante defeituosas, tinham, entretanto, taes reformas o merito grande de criar um movimento a favor do ensino publico, um estimulo á nação para que se delle occupasse como uma necessidade urgente, e de mostrar no novo regimen altas preoccupações da cultura do paiz. Continuado com a mesma sinceridade e dedicação do seu iniciador, tal movimento poderia resultar numa obra util e fecunda. Mas as reformas de Benjamin Constant, salvo uma ou outra, ou em pontos secundarios, estavam votadas ao insuccesso, primeiro pelo indicado hybridismo da sua concepção fundamental; segundo, porque só elle talvez entre os directores da Republica (o Sr. Ruy Barbosa, antigo prégador da educação nacional, já tinha effectuado o seu avatar em financeiro) estaria convencido da sua necessidade e da conveniencia de realizal-as.

Outras razões de ordem particular juntaram-se a estas para annullar a acção e a boa vontade do primeiro ministro da instrucção publica. Respeitador excessivamente escrupuloso dos chamados direitos adquiridos, doutrina que entre nós tem a mais extravagante latidão, e por outro lado demasiado benevolo e facil ás suggestões da sua camarilha, elle não soube ou não pôde incumbir a execução dellas a quem, commungando nas idéas que as inspiraram, ou tendo, pelo menos, o mesmo ideal que elle, fosse capaz de as realizar, se não com a competencia, com a boa vontade e dedicação que emprehendimentos dessa ordem exigem. Como todos os seus anteces-

sores no difficillimo encargo de dirigir o ensino publico no Brazil, tambem elle não comprehendeu, ou esqueceu, que a instrucção é uma funcção de ordem moral, em cujos orgãos não se deve exigir sómente capacidade technica ou estrictamente profissional, nem mesmo o exacto cumprimento do dever regulamentar, mas tambem uma convicção philosophica dos seus effeitos, o devotamento de apostolos na sua execução e um ideal nos seus propositos. Tratar a instrucção publica, factor da educação nacional, como se trata a viação, ou qualquer outro ramo da actividade economica do paiz, é condemnar de antemão ao insuccesso toda reforma della. Tem inteira applicação ás cousas de educação o conceito do apostolo dos gentios : *Littera occidit, spiritus autem vivificat.*

Época do encarne politico dos republicanos da vespera, do dia e até do dia seguinte, que acudiam famelicos á mangedoura do orçamento, onde com pouca dignidade e compostura a maioria delles disputava a baia repleta que lhes pagasse das forçadas frugalidades do ostracismo monarchico, as reformas da instrucção publica abriram nella numerosos lugares que, certamente com excepções, foram preenchidos com a mesma escolha com que o seriam os de amanuenses das Secretarias. O primeiro e desastroso effeito desta circumstancia foi a abolição de facto dos concursos, em que se apurasse ao menos a competencia technica dos candidatos ao professorado. As novas e velhas cadeiras foram, em numerosos casos, dadas como reconhecimento de serviços e até apenas de boas intenções politicas. Alguns dos professores, assim pelo favoritismo introduzidos no ensino, foram immediatamente mandados á Europa, estudar as materias que deviam leccionar,

quando dessas materias algumas, como a sociologia, não eram ali objecto de ensino especial.

Outro pessimo effeito das condições em que foram taes reformas postas em pratica, foi a nimia condescendencia, quasi estou em escrever a cobardia, logo revelada e desde então até hoje continuada, como norma de governo, para com a indisciplina e desordem dos estudos e dos estudantes, cujas reclamações, por mais illegitimas e desarrazoadas que fossem, nunca deixaram de ser attendidas. Dahi o sacrificio inevitavel da autoridade dos mestres, dos quaes muitos já aliás a teriam perdido pela sua incompetencia ou pela indignidade com que haviam obtido as suas cathedras. O caso do Dr. Justino de Andrade, notavel lente da Faculdade de direito de S. Paulo, é typico daquelle procedimento do governo. [1]

[1] Eis como o Sr. Teixeira Mendes no seu panegyrico *Benjamin Constant, esboço de uma apreciação synthetica da vida e da obra do fundador da Republica brazileira* (Rio de Janeiro, 1892) I vol. pag. 405, refere este caso: « Sentimos não poder passar em silencio o acto pelo qual Benjamin Constant, na qualidade de ministro da instrucção publica deu a jubilação ao Dr. Francisco Justino Gonçalves de Andrade, lente da Faculdade de direito de S. Paulo. Os estudantes desta Faculdade, tendo resolvido convidar para uma festa que tencionavam realizar, não só os lentes da academia como o governador do Estado, dirigiram-se ao Dr. Justino de Andrade. Este não aceitou o convite e fez na occasião ponderações desagradaveis aos seus discipulos, alludindo ao estado de desorganização em que, no seu entender, se achava não só a escola mas tambem o paiz. Os estudantes promoveram então uma ruidosa demonstração do seu desgosto, não a levando completamente a effeito porque o Dr. Justino, prevenido, renunciou a dar a lição do dia para o qual ella estava aprazada. Os do 3º anno declararam mesmo que não compareceriam mais a aula emquanto o lente não

Mas era preciso não perder a sympathia da « mocidade esperançosa », principal sustentaculo, com o exercito, da Republica, e cujas manifestações ruidosas fingiam de opinião do paiz. Como si alguma cousa de solido se fundasse no favoritismo, na incompetencia, na ignorancia, diplomada ou não.

O exemplo e impulso dado na Capital da Republica pelo primeiro Ministro da Instrucção, foi seguido pela maioria dos Estados da nova federação. Em grande numero delles foi tambem reformada a instrucção publica, mas ainda com menos

fosse jubilado. Em consequencia destes factos a congregação reuniu-se, e ouviu o lente desfeiteado acerca das queixas que delle faziam os alumnos. O Dr. Justino affirmou que nada dissera de offensivo aos moços, e que estes se haviam retirado de sua casa sem dar-lhe a menor manifestação de desagrado. Resolveu-se pedir providencias ao governo provizorio e suspender as aulas até que este se pronunciasse sobre o caso. Os estudantes por seu lado dirigiram uma representação ao mesmo governo pedindo a jubilação do lente ». E o provecto e honrado professor foi jubilado, acompanhando o ministro o seu acto pusillanime de um officio de justificação, que o Sr. Teixeira Mendes transcreve integralmente, ao Director da Faculdade, e que, pelo tom prudhommesco, é um dos documentos mais estupendos que conheço.

O espirito de justiça do eminente chefe positivista não se poude conter que não reprehendesse severamente no seu livro o procedimento do ministro. Este, a seu ver, devia « preferindo entre os males o menor, ter sustentado o lente contra uma pretenção tão descabida da parte dos discipulos. »

São de ler neste livro, de grande valor apezar do sectarismo que o deslustra, as paginas (69-71 e 410 e seguintes do tomo I) em que o autor, com a sua excepcional competencia, assente num raro saber e em virtudes ainda mais raras, aprecia o nosso ensino e o nosso professorado official.

successo, pois além da maior deficiencia da cultura geral nesses estados, nelles a politica, ou a politicagem, unica politica de que são capazes, fez gorar, logo de principio, ou depois na sua execução, conforme as circumstancias, esses generosos propositos. Multiplicaram-se por esse tempo por todo o paiz as Escolas Normaes, e cada capital de Estado teve, criado, reformado ou remodelado consoante o plano do Gymnasio Nacional da Capital Federal em que foi convertido o antigo Collegio de Pedro II, o seu Lyceu estadoal para o ensino secundario. Por via de regra era insignificante o valor pedagogico de taes institutos, cuja maior utilidade, em muitos casos, seria « arranjar » uns tantos doutores apaniguados da politica local dominante.

A mostrar que este empenho pela instrucção publica era pura macaquice, um superficial alvitre de governo, e não um sentimento raciocinado e fundo, e menos comprehensão das exigencias de uma democracia, de um povo que tem de se governar a si mesmo e que se carece esclarecido, ahi está o facto de todos conhecido : mal a crise financeira surgiu para quasi todos esses estados, como natural consequencia dos seus desmandos administrativos, a primeira traça economica que lhes occorreu foi a suppressão dos seus institutos de ensino, o córte largo nas suas aliás minguadas verbas orçamentarias destinadas a esse serviço publico. Minas-Geraes, entre outros, supprimiu de vez muitas das suas Escolas Normaes e centenas de escolas primarias. Outro tanto fez o Rio de Janeiro, o mesmo fizeram outros estados. E o que seriam as escolas cujos mestres passavam mezes e mezes sem receber os seus vencimentos, como succedeu em alguns desses estados e até na Capital Federal. Para peiorar a situação de um ensino, cujo

progresso ficára todo nos programmas presumpçosos, a industria particular surgiu criando nesta cidade e em outras do paiz Escolas Normaes livres para prepararem professoras... publicas. Imagine-se o que valeriam taes institutos, e si alguma cousa teriam a invejar ás famosas faculdades belgas, allemães ou americanas que dantes, si não ainda hoje, vendiam diplomas ? Como se não bastasse, o governo, cedendo a exigencias desarrazoadas da industria do ensino particular (com a da farinha de mandioca talvez a unica genuinamente nacional que temos, embora largamente praticada por estrangeiros), entrou desde os annos de 90 a conceder a collegios particulares de instrucção secundaria, depois a faculdades de ensino superior as mesmas regalias dos institutos de ensino official. E salvo uma fiscalização absolutamente illusoria e inefficaz, até ridicula, e a exigencia da prova, na maioria dos casos sophismada, de um miseravel capital de 50 contos de réis, nenhuma superintendencia real e effectiva se reservou o governo de taes casas de commercio de ensino. Si não se soubesse que este desprendimento governamental era apenas uma nova manifestação do nosso radical desmazelo nacional, este caso poderia apparecer como um exemplo de liberalismo jámais dado por governo algum. E hoje já se contam por dezenas esses estabelecimentos chamados equiparados, que são o principal factor do estado lastimavel, verdadeiramente miserando e alarmante a que chegou o nosso ensino, entregue de um lado á desordem, indisciplina e desleixo que reina em o ensino official, de outro ao bronco mercantilismo do ensino particular.

Até em lugarejos do nosso miseravel interior, cidades de segunda e terceira ordem, onde seria impossivel encontrar

alguma das condições para um estabelecimento de modesto ensino secundario serio, ha tambem estabelecimentos desses equiparados ao Gymnasio Nacional, e dando diplomas de estudos secundarios.

Em que paiz, quizera me dissessem, se viu já cousa igual ? Nos Estados-Unidos, como manhosamente se insinuou contando com a nossa geral ignorancia do que do estrangeiro se não aprende da simples leitura dos jornaes ? É falso.

## III

A organização da instrucção publica nos Estados-Unidos, que aliás está longe de contentar plenamente os seus pedagogistas e directores, como o provam as sérias e repetidas tentativas que se ali fazem, para melhoral-a, dando ao ensino publico maior unidade e maiores garantias de efficacia, deriva discretamente da propria organização politica do paiz, do mesmo espirito que presidiu á sua constituição. Como quando as colonias inglezas emancipadas se transformaram em estados autonomos, unidos federativamente, já possuiam a sua organização propria, todos os orgãos indispensaveis á sua vida funccionando normalmente, e se mostraram ciosissimas de os conservarem taes e quaes, com a formação da União não se alterou notavelmente o systema de ensino publico inaugurado nessas colonias, sem grande uniformidade aliás, desde em antes de começar a segunda metade do seculo XVII, e, portanto, desde os seus principios. Foi pensamento preeminente dos pais da Republica, de Washington particularmente, como havia sido o dos fundadores daquellas colonias,

a disseminação da instrucção popular, e da realização deste pensamento nasceu, cresceu e desenvolveu-se o admiravel systema escolar norte-americano, precursor e modelo do ensino publico e primario em todo o mundo. A União, entretanto, não interveio nelle, senão moralmente, com as recommendações, os conselhos, as insinuações dos seus principaes e mais escutados chefes, e cedendo aos estados, com o fim predeterminado de ser o seu producto ou renda utilizada na instrucção publica, uma porção consideravel dos seus territorios. Porque os Estados-Unidos não se organizaram, como nós, como uma nação sem terra; ali as terras foram justamente consideradas da União. Esta foi que as cedeu, sómente em parte, aos estados, que não lhes poderiam jámais alienar totalmente o dominio, com a condição de serem aproveitadas como um fundo inexgotavel para a manutenção do ensino publico. Desde os primordios da nacionalidade, foi nos Estados-Unidos igualmente vigorosa a iniciativa individual e a collectiva, semelhantemente forte o espirito de emprehendimento pessoal e o de associação e tambem energico, activo, o sentimento altruistico da solidariedade social, da obrigação dos ricos distribuirem a sua riqueza com a communhão donde a haviam. Disto tudo resultou a multiplicação de fundações particulares, pessoaes e collectivas, umas méramente como meios de vida; outras, e estas mais numerosas e incomparavelmente mais consideraveis, como recursos de propaganda religiosa ou orgãos de opiniões e correntes de idéas, que mediante ellas procuravam influenciar a nação. Doadores riquissimos e generosos entraram logo, por si mesmos ou, em muito maior numero, por intermedio de corporações e associações sem nenhum caracter commercial, a

fundar estabelecimentos de ensino de todos os gráos, magnifica e luxuosamente installados e apparelhados, dando ao estudo e ao saber, pela primeira vez, mansões dignas delles. De sorte que a instrucção publica se organizou desta maneira : encima, aconselhando, animando, esclarecendo (e como orgão desta funcção foi criado em Washington o *National Bureau of Education)* todo o serviço do ensino publico do paiz, a União ; depois, de um lado os Estados, cada um com uma organização sua, ás vezes peculiar, da instrucção, com o seu Director geral, Superintendente, como ali em geral lhe chamam, da educação, o seu Conselho geral *(General Board)* e os seus superintendentes e Conselhos locaes *(school-boards)*, as suas leis e regulamentos, a sua fiscalização, as suas escolas normaes para a formação de mestres, as suas admiraveis escolas primarias, inveja de todo o mundo, as suas *grammar-schools*, as suas *high-schools*, os seus *colleges* e academias, as suas universidades, segundo as denominações peculiares ali ;. do outro, os grandes institutos das associações ou corporações, religiosas ou leigas, fundados e mantidos com enormes capitaes, e, portanto, inteiramente differentes dos que em outros paizes póde criar a industria particular, pelos seus fracos recursos obrigada a capitular com as menos confessaveis exigencias do publico. Nem é licito estabelecer paridade entre o que impropriamente se chama ensino particular nos Estados Unidos (ao menos aquelle que é mantido e dado com o apoio de opulentas corporações) e o que noutros paizes, e no nosso especialmente, tem essa qualificação. Universidades ha nos Estados-Unidos (e ali a universidade realiza plenamente, como em nenhum outro paiz, a sua denominação) cuja renda, não das propinas dos seus alumnos, mas dos bens que lhes

constituem a solida base de existencia, é igual a tudo o que gasta a União brazileira com o ensino publico a seu cargo. Que é, em comparação o ensino particular aqui ? Uma industria de necessitados, um negocio de homens pobres, isolados, muitos incompetentes, alguns *ratés* da cultura, das letras ou da propria profissão, que abrem uma escola, um collegio, como simples meio de vida, meio aliás mesquinho, incerto, contingente, pelo que são obrigados, para não perderem esse esforço e recurso, a transigir com os pais, os alumnos, a clientela emfim, da qual exclusivamente vivem. Que garantias de honestidade profissional, de escrupulo na distribuição do ensino, de hombridade, de seriedade, de isenção e autonomia podem offerecer taes estabelecimentos ? A da honradez e competencia pessoal dos seus proprietarios e directores, admittindo que estes as tenham ? Absolutamente não bastam, porque a acção e efficacia de uma e outra dependem estreitamente, inilludivelmente, de seu desafogo material, da sua situação autonoma diante de uma clientela, cuja comprehensão da educação em toda a parte deixa mais ou menos a desejar. E foi a taes institutos de ensino, verdadeiras casas de mercancia de uma instrucção falha em todos os sentidos, que o nosso governo concedeu largamente, prodigamente, regalias que até pouco tempo eram o privilegio de um instituto por elle criado, mantido e generosamente subsidiado, e onde o ensino era distribuido por professores cuja capacidade se apurava em provas publicas, e de nomes feitos e conhecidos no paiz. [1] Certo nos

[1] O que são, em geral, esses collegios equiparados, conforme elles por se fazerem reclamo se annunciam, dil-o, melhor do que eu poderia fazer, o funccionario encarregado pelo Ministro da Justiça e dos negocios interiores, Dr. Dunshee de Abrantes, de

Estados-Unidos, terra de muito commercio, ha tambem estabelecimentos daquella especie, criados por pobres diabos, exploradores da industria do ensino. Mas com esses ninguem faz conta ali, nem fóra dali; estão para os primeiros como as miseraveis e sordidas tascas de maruja reles das suas cidades maritimas para os magnificentes hoteis das suas grandes metropoles.

Mas os algarismos aqui falarão mais alto que todas as asserções, ainda fundadas nas mais competentes autoridades. Segundo o *Report of Commissioner of Education* dos Estados-

inspeccionar os existentes nesta capital, que aliás é a unica cidade do Brazil que estaria em condições de ter estabelecimentos de ensino que rivalizassem com os officiaes. No seu *Relatorio* de 15 de fevereiro de 1904, o Sr. Dunshee de Abrantes, depois de ter informado do que observou em cada um desses estabelecimentos (e tudo é em desabono delles) synthetiza assim o resultado do seu inquerito:

« Diante da longa exposição, que acabamos de fazer, não podemos deixar de concluir que os institutos particulares equiparados ao Gymnasio Nacional, existentes nesta cidade, não satisfazem as exigencias da lei nem as necessidades do ensino.

« Não satisfazem as exigencias da lei, porque a sua situação material, por demais precaria, não permittiu até hoje, durante perto de cinco annos, que se organizassem definitivamente, cumprindo as obrigações que assumiram. Falta mais ou menos a todos uma installação condigna. Nenhum possue laboratorios e gabinetes para trabalhos praticos de sciencias. O material escolar, que cada qual procura apparentar que tem, é insufficiente e quasi todo imprestavel. O progresso nullo da grande maioria dos alumnos não póde ser apenas increpado á desidia inherente a estes e ao pouco escrupulo, em geral, das familias na educação das crianças; parece em parte provir tambem da má escolha dos corpos docentes, em que, ao lado de mestres idoneos e de reconhecida competencia technica, figuram

Unidos, que é o documento sobre instrucção publica mais importante do mundo inteiro, e o mais opulento e conceituado repositorio de elementos para o estudo de quanto se refere a este assumpto, publicado no *Annual Reports of the Department of the interior*, o numero de estudantes do ensino secundario foi em 1901-1902 naquella Republica de 655,301, dos quaes 550,611 nos estabelecimentos publicos *(public secon-*

professores, que só o são pelo proprio appellido e que servem apenas para simular, de mistura com aquelles, o preenchimento das formalidades legaes e a existencia de uma congregação numerosa e selecta. Em uma palavra, um só desses estabelecimentos, favorecidos com as vantagens das instituições officiaes, desempenha fiel e conscienciosamente o regimen e os programmas adoptados para o Gymnasio Nacional.

« Não correspondem ainda os collegios equiparados ás necessidades do ensino, porque nenhum dos seus directores, subordinando-se ao systema gymnasial em vigor na legislação escolar, o fez por convicção, renunciando ás suas doutrinas e deixando de as procurar secretamente pôr em pratica. Perturba-lhes mais ainda o funccionamento interno a instabilidade constante do seu professorado. Veda-lhes, finalmente, que exerçam a sua funcção social, com verdadeiro proveito para o desenvolvimento espiritual da nossa Patria, a sujeição financeira, em que vivem e que não lhes permitte fecharem a porta á incompetencia e resistirem altivamente a suggestões estranhas, que os façam ir descendo, de transigencia em transigencia, ás mais criminosas concessões no preparo e julgamento dos seus educandos.»

Em um paiz de real moralidade administrativa, o governo, verificando a fidelidade destas informações, teria cassado a taes institutos as regalias que em má hora lhes concedera, e obtido do Congresso uma medida que as prohibisse.

Aqui, continuou a concedel-as com a mesma, sinão maior, prodigalidade.

*dary schools)* e apenas 104,690 nas particulares *(private secondary schools)*. Conforme o mesmo documento para 1902-1903, o total dos alumnos, em todos os gráos de instrucção, foi nesse periodo ali de 17.539,478, sendo no ensino publico 16.127,739 e no particular, 1.411,739, com a porcentagem, para as escolas publicas elementares de 93,37, para as secundarias, 78,34 e para as superiores, 40,50.

O augmento da frequencia das escolas publicas secundarias (os nossos gymnasios e lyceus) é assignalado pelo Commissario, que mostra que no anno de 1902-1903 foi esse augmento de 42,288 ou 97 %, observando elle mais que nos quatorze annos ultimos o augmento, que nos estabelecimentos particulares fôra diminuto (apenas de 21 % naquelle anno) foi sempre crescente nos estabelecimentos publicos. Nesse anno os estabelecimentos publicos de ensino secundario eram 6,800 com 24,349 professores; os particulares sómente 1,690, com 9,446 docentes. E no emtanto este ensino ali é riquissimo, como a nós nos é difficil conceber. A sua dotação em 902-903 attingiu a somma de cerca de 27 milhões de dollars, ou em nossa moda, ao par, uns 54 mil contos.

Portanto nos Estados-Unidos os ramos do ensino que mais directa e efficazmente entendem com a educação nacional, os que dão a instrucção geral a maior numero de cidadãos e assim mais influem na cultura geral do paiz e na formação não só do caracter nacional, mas do espirito e da opinião das massas, estão sob a dependencia do Estado, providos, dirigidos, fiscalizados, pagos e inspeccionados por elle. É certo que ali o ensino superior, pelo numero dos seus alumnos representa 59,50 do total da frequencia deste ensino, e as grandes escolas particulares que o dão, competem vantajosamente com

identicos estabelecimentos publicos, quero dizer, dos Estados. Em rigor, porém, não é exacto chamar aquellas de particulares, ao menos no sentido que tem no Brazil a expressão « ensino particular. » Esses estabelecimentos *(colleges, academies, universities)* originaram-se acolá de dotações e beneficios *(benefactions)* de sommas consideraveis, algumas até collossaes, feitos por algum ou alguns ricaços americanos, ou foram fundadas e são mantidas por corporações ou associações, geralmente religiosas, e todas, sem excepção, dispoem de avultadissimos capitaes e grandes rendas, que lhes permittem não fazer economias em detrimento do ensino e manter para com o publico uma independencia que é solida garantia da honestidade e isenção do seu procedimento. Não é extraordinario ver nos Estados-Unidos individuos riquissimos dar ainda em vida ou deixar por morte sommas enormes para fundação de taes estabelecimentos. Morrendo-lhe um filho que muito prezava, o senador Leland Stanford fundou em sua memoria, com um primeiro donativo de 25 milhões de dollars (cincoenta mil contos, cambio par) e sob o nome de Leland Stanford Junior University, a universidade de Palo Alto, na California, que em poucos annos se tornou justamente famosa pela grandeza das suas installações e excellencia do seu ensino. Muitas outras tiveram identica ou equivalente origem. Segundo um papel do Sr. Charles Thwing, presidente de uma das universidades norte-americanas, publicado no Relatorio citado do Commissario da educação, sobre *Universidades Americanas*, os beneficios feitos por particulares á universidades, collegios e escolas technicas foram em 1902 de 17.039,967 dollars, e a somma doada para o ensino superior nos dez annos de 1893 a 1902 foi de 115.500,000 dollars.

Ha, segundo a mesma autoridade, instituições de educação superior cuja dotação ascende a mais de 12.500,000 dollars. E preciso dizer que muitas destas dotações e larguezas são feitas a institutos officiaes, seja para serem empregadas como melhor parecer ás suas administrações, seja para o fim determinado de criação de novas cadeiras ou faculdades, instituição de estudos e laboratorios novos, ou outros. Que ha, já não direi no Brazil, paiz em que se julga que um capital de 50 contos (que na maioria dos casos só existe no papel), é sufficiente para garantir a existencia e dignidade de uma faculdade superior, mas em outro qualquer paiz, que a isto se compare?

E os Estados da União Americana rivalizam de zelo em bem do ensino que dão, e das suas universidades, para se não deixarem sobrepujar pela iniciativa particular. A este respeito escreve na sua citada monographia o mesmo Sr. Thwing, um *university man:* « Existem actualmente (1903) nada menos de 41 das chamadas universidades estaduaes que representam o interesse de cada estado *(commonwealth)* na educação superior. O impulso da sua criação derivou-se por muito da concessão *(grants)* de terras feita pela nação; mas estas concessões actualmente apenas bastam a uma pequena parte, no caso do maior numero, do fundo necessario para a sua administração annual. O povo de cada Estado, mediante a legislatura, determina que uma parte da renda annual do Estado seja empregada em beneficio da universidade.» E para ver com que largueza, a verba da universidade de Michigan foi para 1899-1900 de dollars 554,700, a de Minnesota de 351,842, a de Wisconsin de mais de 390,000, a de Illinois de mais de 482,000.

Depois disto seria insolente petulancia pretender antepôr no Brazil, com o exemplo dos Estados-Unidos, o ensino particular ao publico, e pedir para aquelle regalias e privilegios que elle não merece, nem pela capacidade revelada pelos seus agentes, nem por condições materiaes que lhe garantissem ao menos uma relativa independencia do publico e de suas exigencias desarrazoadas.

Não se creia, porém, que eu seja infenso á iniciativa particular em materia de ensino, ou que mantenha algum preconceito favoravel ao Estado. Muito pelo contrario, a minha doutrina politica é adversa a este e á sua preponderancia em qualquer ramo de actividade social. Chego a duvidar da sua legitimidade e a acreditar possivel reduzil-o a nihilidade ou ao minimo de faculdades compativel com a sua existencia, si esta é de facto necessaria. Mas as condições do Brazil, parece-me, ainda nos impõem, e nos imporão por larguissimos annos, a necessidade de contar principalmente, relevantemente com o Estado, como factor preeminente da educação nacional. Iniciativa individual, espirito de empreza, e devoção desinteressada á causa publica, não se inventam, são productos e maneiras de ser de um povo, de uma raça, de uma civilização, e nós somos um povo em que bastou que se acabassem com as condecorações, os titulos de nobreza e outras distincções honorificas, para cessarem quasi por completo os donativos que a nossa caridade interesseira no tempo dellas fazia ás instituições pias. E só a estas fazia, porque as instituições de ensino nunca mereceram aqui do publico nenhuma especie de benevolencia. Ora seria sacrificar inteiramente a nossa cultura, e, portanto, o nosso progresso, a nossa civilização, o nosso futuro, que della immediatamente dependem,

entregal-a á iniciativa particular, que aqui absolutamente não existe, ou que, em materia de ensino, apenas existe, e ainda assim minguada e mofina, como um ramo de commercio. Permitta-se aos particulares concorrerem com o Estado na distribuição do ensino, mas exija-se-lhes garantias sérias, das que ponham logo os seus institutos fóra das contingencias dos favores do publico. Dêm-se-lhes todos os privilegios e regalias, mas acompanhadas de taes exigencias no que respeita á verdade da instrucção que distribuirem e dos diplomas que conferirem, que nunca se possa legitimamente levantar contra a sua probidade, as suspeitas que ora, e não sem motivo, se levantam. A educação nacional não póde ser objecto de commercio, e o ensino particular no Brazil, qual existe e é praticado, não faz della outra cousa, o que basta para, em nome dos interesses superiores da nossa cultura, da nossa civilização e do nosso futuro, reprovar essa fórma de ensino aqui, e tudo fazer para reformal-a completamente, de modo que ella venha a ser um factor util da nossa evolução e um digno auxiliar do nosso ensino publico.

## IV

Este tambem exige uma reforma radical e completa. Não a reforma aqui costumeira, e sempre improficua dos regulamentos, os bysantinismos das leis e do papelorio, a devoção bronca do estatuto, mas uma transformação profunda dos costumes, da inspiração, da comprehensão e da pratica do nosso ensino publico.

A Constituição Federal brazileira no seu artigo 35 attribuiu á União, pelo seu poder legislativo « criar instituições

de ensino superior e secundario nos Estados e prover a instrucção secundaria no Districto Federal. » Aquella funcção, porém, não lhe é, segundo o mesmo artigo, privativa, o que quer dizer que os Estados poderão tambem, por suas assembléas legislativas, prover ao ensino secundario e superior nos seus territorios.

Que se tem feito de facto depois de 24 de fevereiro de 1891, em que foi promulgada essa Constituição ? Reformadas varias vezes, muitas vezes, demasiadas vezes, as leis e regulamentos que regiam aquellas duas especies de ensino e os institutos que aqui no Rio de Janeiro e em alguns Estados o distribuiam, tudo na realidade continuou como dantes. Ou, mais exactamente, peiorou. Não podia ser maior, como ficou dito, o desinteresse dos poderes publicos por esta sua funcção de velar pela educação nacional; foram praticamente abolidos os concursos para a escolha dos lentes, e as cadeiras distribuidas ao sabor da politicagem, do patronato, do empenho ; o periodo annual dos estudos foi effectivamente reduzido a seis mezes ; [1] acabou a exigencia do ensino integral dos programmas, como a da pontualidade dos docentes ás suas aulas ; os exercicios escolares foram abrogados ou reduzidos a um ridiculo simulacro; os exames a

[1] Ha muitos annos, como ninguem ignora, que as aulas das escolas superiores desta Capital não começam a funccionar antes de julho e encerram-se em outubro. O Gymnasio Nacional, que antigamente se abriu sempre a 3 de fevereiro e se fechava a 31 de outubro, este anno de 1906 abriu-se officialmente a 15 de abril, mas de facto em maio, e se deve encerrar a 14 de novembro. Leve-se em conta os nossos numerosissimos feriados, e veja-se ao que fica reduzido o anno lectivo, seis mezes, quando muito.

uma farça ou méro arremedo do que haviam sido e deviam ser taes actos. Para a maxima parte dos professores do ensino official, o magisterio, que devia ser a sua principal occupação, tornou-se apenas uma funcção subsidiaria da sua actividade, uma achega, para muitos um *pis aller*. Crescido numero delles o abandonaram de todo ou o desleixaram totalmente pela politica, pelas finanças, pela industria e por negocios e interesses de toda a ordem. E cada dia os poderes publicos, inconscientes da sua missão e do mal que faziam, iam lhes augmentando as regalias, os favores, os privilegios, as vantagens, de sorte que nenhuma inexactidão ha em dizer que no Brazil o ensino publico não existe por amor da educação nacional si não exclusivamente no interesse do professorado. [1]

[1] Em 1896 houve aqui no Rio um verdadeiro amotinamento dos estudantes da Escola Polytechnica contra os lentes. Tendo os rapazes publicado nos jornaes um manifesto no qual, sob suas assignaturas, accusavam os seus professores de desidiosos, a muitos de incompetentes, alguns de bebados e a alguns outros de desviarem para as suas livrarias domesticas os livros da Bibliotheca da Escola, o Governo deu novo director a esta, o Dr. Antonio Augusto Fernandes Pinheiro, e o incumbiu de fazer um inquerito sobre aquellas accusações. O resultado desse inquerito, transmittido em officio desse director ao Ministro do interior, foi publicado no *Diario Official* de 10 de agosto daquelle anno. Desse documento verifica-se que devendo ser o numero de lições e repetições no anno lectivo de 1895 nas 52 cadeiras ou aulas daquella escola, de 3111, as lições dadas foram de facto 1983 ou menos 1128 que as marcadas no Regulamento. Destas faltas muitas foram certamente devidas á ausencia dos alumnos, porém mais de um terço ao menos á dos lentes. A este proposito escreveu o Director no seu relatorio: « Pelas conclusões que acabam de ser tiradas do apuramento

E esta opinião, que apenas do estudo sincero e desinteressado do nosso ensino publico tira alguma autoridade que possa acaso ter, não é só de um observador isolado e acoimado de pessimista. É o juizo tambem do proprio ministro encarregado de superintender esse ramo de serviço publico no nosso paiz, o Dr. José Joaquim Seabra. Depois de verificar o estado miserando em que se encontra a instrucção publica no Brazil, escreve elle com louvabilissima franqueza, no seu Relatorio de março de 1905, vol. II, pag. 41 :

« O processo do nosso ensino está feito. Não ha fugir diante dos factos allegados, da evidencia das provas exhibidas, do clamor unisono e crescente (aqui se engana o Ministro, ninguem ou apenas um ou outro clama ou melhor murmura

acima indicado das cadernetas do anno de 1895, se deduz infelizmente que os estudos da Escola Polytechnica não correspondem á grande despeza que com a manutenção deste estabelecimento faz o Estado, e que os alumnos tinham razão quando em seu manifesto de maio se queixavam da pequena frequencia de varios lentes e por consequencia da insufficiencia das respectivas lições...» Respondendo ás accusações dos alumnos contra o ex-director da Escola que não tivera a energia bastante para chamar os lentes desidiosos ao cumprimento dos seus deveres, ponderava o novo director : « O mal não vem tanto do ex-director, quanto da situação que pouco a pouco se criaram em Congregação os lentes da Escola e pela fraqueza do Governo, em varias occasiões em que a Congregação desobedeceu ás decisões deste... Os lentes tornaram-se verdadeiros pequenos soberanos, isentando-se do respeito ao principio de autoridade, mas em compensação muito ciosos do respeito á sua propria autoridade. » Verificou mais o director que de facto os lentes podiam quasi todos deixar de dar aula sem que na folha de pagamento se lhes decontassem essas faltas, como era de lei,

no Brazil contra a miseravel situação do ensino publico) que de um extremo ao outro da Republica se faz sentir. Nenhuma illusão é mais permittida, salvo para aquelles que, respirando optimismo, vivem alheios ao meio, cegos, surdos, insensiveis ás impressões que os cercam, ou então para os que, obcecados por um mal entendido interesse não querem perturbada esta situação propicia de lassidão e facilidades, a qual permitte aos alumnos fazer em pouco tempo e sem o minimo esforço, exames successivos para alcançar o cubiçado diploma.»

« O ensino secundario está a desapparecer de entre nós, si é que ainda existe — continúa o Ministro. O Gymnasio Nacional, estabelecimento modelo, mantido pelo Governo (o Ministro diria mais exacta e republicanamente pelo Estado) dotado de largos recursos orçamentarios, dispondo de um corpo docente numeroso e de competencia fóra de toda a duvida, não preenche, infelizmente, os fins a que foi destinado.

e tambem certifica que a Congregação autorizara a criação de gabinetes e laboratorios de aulas que os não comportavam, como as de mathematicas puras, só para o fim de gozarem os respectivos lentes da gratificação mensal de 100$000 prevista no Codigo de Ensino. Com o mesmo motivo, accumulavam os lentes as aulas de recordação ou repetição e com ellas os respectivos vencimentos.

Não hesito em asseverar que si em cada uma das escolas superiores ou secundarias mantidas pelo Estado se fizesse um inquerito semelhante o resultado seria identico, e em mais de uma peior, pois o caso da Escola Polytechnica em 1895 póde ser hoje talvez mais do que então, sem perigo de erro, generalizado a todos os nossos estabelecimentos de ensino federaes sem excepção.

O ensino que nelle se ministra é defeituoso, falho e improficuo.» [1]

Parece que depois de haver o proprio Governo verificado esta situação do ensino publico no paiz, qual a descreve e expõe sem rebuços, o Ministro preposto á sua administração, alguma cousa se devia ter feito ao menos para cohibir os abusos por elle denunciados e corrigir os defeitos declarados, cuja emenda coubesse na competencia do administrativo. Peza dizer que nada se fez, mas é a exacta verdade. Os immensos abusos, o formal desrespeito a leis e regulamentos, as irregularidades de toda a ordem continuaram e augmentaram, [2] e não só por parte das administrações e dos corpos docentes dos estabelecimentos do ensino publico de todas as categorias mas do mesmo poder publico que os

[1] No seu *Relatorio* deste anno, vol. II, pag. 98, vae ainda mais longe o mesmo Ministro, pois tem a franqueza de escrever: «O ensino chegou a um estado de anarchia e descredito que, ou faz-se a sua reforma radical ou preferivel será abolil-o de todo.»

Não ha ninguem que informado do seu estado, deixe de dar razão ao Ministro. Mas de quem é tambem a culpa ?

[2] Além da manifesta incompetencia, não só profissional mas moral, de muitos lentes do nosso ensino superior e secundario, que são ludibrio dos alumnos e escarneo do mesmo ensino, da sua falta de assiduidade e da sua impontualidade, enormes em todos os estabelecimentos, muitos delles, não só com violação da lei, mas offensa da moral, abrem cursos particulares bem remunerados, onde os seus proprios alumnos tratam de ir aprender aquillo que elles deviam ensinar-lhes nas aulas officiaes, cursos cuja frequencia lhes é uma garantia de approvação. O Governo sabe disto e medida alguma até hoje tomou para impedir tão indecoroso abuso.

denunciava com tão digna franqueza e parecia lastimal-os com tanta sinceridade.

O mal, porém, do nosso ensino publico, está muito menos na imperfeição e deficiencia das leis e regulamentos que o regem, do que na insufficiencia, principalmente moral, dos incumbidos de executal-os. Na sua falta, menos de competencia technica ou profissional, pois muitos a tem, mas de fervor pela sua funcção, e até do simples sentimento do dever profissional, está o mal, talvez irremediavel sem uma formidavel reacção, do nosso ensino. Todas as reformas serão inuteis si, como até aqui tem succedido, se continuar a não pratical-as ou a apenas pratical-as na sua letra, e não no seu espirito. Não são regulamentos, ainda bons, que nos faltam, nem é de idéas, ainda sans, como as do ministro Seabra, que carecemos, mas sómente de quem seja capaz de executar e fazer executar uns e de realizar outros. Fazer seguir os actos ás palavras é o signal do estadista, quando as palavras são sensatas e os actos discretos.

A prova mais cabal, porém, de que effectivamente a Republica nenhum interesse real e novo tinha pela instrucção publica, é que aquelle Ministerio especialmente á ella consagrado, como um méro expediente politico, pouco mais durou que a vida do seu primeiro titular, e apenas teve mais outro. Foi logo extincto, e depois de reduzido a uma simples Directoria do Ministerio da Justiça e Negocios interiores, fundiu-se, desappareceu, com todas as funcções que haviam justificado a sua criação, como departamento separado da administração publica, confundido e misturado noutra Directoria desta mesma Secretaria, já sobrecarregada de diversos assumptos. Em 1894 a Commissão de Instrucção publica da Camara dos Deputados,

propôz a criação de um Ministerio de Instrucção publica e Bellas Artes, acompanhando a sua proposta de um parecer justificativo redigido pelo seu relator, o Sr. Medeiros e Albuquerque. Não obstante excellentemente justificada nesse parecer a necessidade de semelhante criação, como um meio de impedir que a instrucção nacional não ficasse no abandono em que ia, e que não tem feito se não augmentar, o projecto nunca foi siquer tomado em consideração.

No prefacio da 1ª série dos meus *Estudos Brazileiros*, o qual é de fevereiro de 1889, disse eu que a instrucção publica era no Brazil apenas uma alinea obrigada da *Fala do throno*. Pois esse mesmo lugar perdeu nas falas do throno da Republica, que são as mensagens presidenciaes. Apenas pela ausencia, ou pela insignificancia das referencias, brilha nesses documentos aquella entidade.[1] Quanto ao interesse pessoal dos governantes por ella, posso dar, entre outros, este testemunho: em sete annos que tive a honra de dirigir o Externato do Gymnasio Nacional, uma das casas do que foi de facto e é de direito, o principal estabelecimento do ensino secundario do paiz, nunca os presidentes da Republica, nem qualquer dos seus secretarios a quem era aquelle instituto

[1] Isto é perfeitamente exacto da maioria dessas falas presidenciaes. Na que acaba de dirigir ao Congresso o Presidente Rodrigues Alves, no ultimo anno da sua administração, encontram-se estas referencias á instrucção publica, nas quaes confirma com a eminente autoridade do seu cargo e de suas responsabilidades o que no texto dizemos do descalabro do nosso ensino publico:

« Em Mensagem anterior ponderei: « A instrucção publica, em todas as suas differentes phases, continúa a reclamar a vossa attenção esclarecida. É um serviço que interessa vivamente ao progresso do paiz e não funcciona com a necessaria ordem e

subordinado, o visitaram ou se informaram delle commigo. Extrema confiança no seu delegado ali, ou pura indifferença ? Em todo caso, descuido e desidia.

E a liberalidade, a prodigalidade poderia dizer-se, com que o governo brazileiro tem concedido iguaes vantagens e regalias ás do Gymnasio Nacional, equiparando-os a elle para todos os effeitos legaes, a quantos industriaes do ensino se lhe apresentam requerendo esse favor, sem inquirir ou apenas inquirindo *pro forma*, da capacidade profissional e moral de taes solicitantes, é sobeja prova, ou da sua completa inintelligencia da importancia capital do problema da educação nacional, ou do seu criminoso desleixo e relaxamento, em relação a tudo o que não sejam os interesses immediatos e momentaneos da politica quotidiana. Jactando-se de patriotas, e fazendo do patriotismo alardeado sem medida, nem compostura, como um reclamo á aura popular ou aos favores do poder, elles esquecem que o futuro da patria, a sua grandeza e illustração dependem da educação que lhe dermos hoje. Tem sido repetidamente citado o famoso conceito do maior dos pensadores americanos, o nobre idealista Emerson, de que a educação da criança deve começar cem annos antes. Na sua fórma singular e apparentemente paradoxal, esta sentença ex-

proveito. O ensino superior resente-se de falhas que conheceis; as disciplinas indispensaveis para a admissão nos seus cursos não estão sendo bem ensinadas e os exames têm sido facilitados de tal fórma que convém rever a legislação para dar moldes mais proveitosos a um serviço de tanta importancia. »

« Estou ainda convencido da necessidade de adoptar providencia que normalize esse ramo da administração publica, afim de que se não aggravem cada vez mais os males produzidos pela organização actual.»

prime rigorosamente uma verdade profunda. A educação da criança, e mais a educação de um povo, que é a collectividade de innumeras crianças tornadas homens, para ser perfeita e completa, e dar quanto della se espera, deve começar gerações atraz, para utilizar tambem, não só a escola, que é obra de momento, e apenas um dos factores da educação, e, por si só insufficiente, mas as aptidões adquiridas dos seus progenitores e as grangearias da sociedade cuja é. Tal obra demanda annos longuissimos e para ella um seculo seria apenas o bastante.

Em materia de instrucção publica, e, portanto, de educação nacional, da qual aquella é o factor mais immediato, quando não o mais efficaz, nós estamos desbaratando ou esperdiçando o que nos legaram os nossos pais, e mostrando-nos inteiramente indifferentes ao futuro. Não hesito em affirmar que não ha presentemente no Brazil um só estadista, um só homem politico, um só dos nossos dirigentes que cogite seriamente, praticamente, nessa questão ou que sinceramente della se preoccupe. E no emtanto ninguem dirá que, com o problema do povoamento do nosso vasto territorio deserto e improductivo, que é o problema capital do nosso paiz, não seja o da educação nacional o que mais importa ao nosso futuro.

Cumpre-nos, pois, ou pelo Estado, já que, parece, as nossas condições ainda não dispensam o seu concurso e até a sua preeminencia entre os orgãos desta funcção, ou pela nossa propria iniciativa de cidadãos, si ella fôr capaz de ir além do ensino particular como negocio, qual o temos, cumpre-nos, como quer que seja, attender com amor, com boa vontade, com competencia e com espirito de verdade a este problema.

physiologico, deve ser igualmente possivel pelos meios psychologicos e moraes.»

« Dahi esta importante consequencia que « os recentes estudos sobre o systema nervoso são aptos para corrigir, por uma sciencia mais completa, os preconceitos derivados da sciencia contra a força da educação. A suggestão que cria instinctos artificiaes capazes de contrabalançar os instinctos hereditarios, constitue uma força nova comparavel á hereditariedade ; ora, a educação, diz Guyau, « é um conjuncto de suggestões coordenadas e raciocinadas, pelo que se comprehende á primeira vista a importancia, a efficacia que ella póde adquirir, tanto do ponto de vista psychologico como sob o aspecto physiologico.»

« Desprezam-se ás vezes as idéas acreditando-se que ellas quasi não têm influencia sobre a conducta. É um erro. Em todos os sentimentos ha um conjuncto de idéas mal analysadas como em todas as nossas idéas existem sentimentos.

« A propria palavra tem uma força, porque suscita todos os sentimentos que resume. A palavra honra, por exemplo, desperta uma legião de imagens ; entrevemos vagamente, como olhos abertos na obscuridade, todas as testemunhas possiveis do nosso acto, desde nosso pai e nossa mãi até nossos amigos e nossos compatriotas, e, si fôr viva a nossa imaginação, ainda mais, todos os nossos antepassados que, em identica circumstancia não hesitaram. No fundo das idéas moraes ha um elemento social e historico. A palavra, producto social, é uma força social.

« O homem de genio é frequentemente aquelle que traduz as aspirações de sua época em idéas: pronuncia a palavra, nm povo inteiro o segue. As grandes revoluções, moraes, re-

ligiosas, sociaes, realizam-se quando os sentimentos, por muito tempo represados ou apenas conscientes, chegam a formular-se em idéas e palavras: abriu-se o caminho, o fim apparece com os meios, effectua-se a selecção, e a um tempo todas as vontades se dirigem no mesmo sentido, como uma torrente que achou o ponto pelo qual é possivel a passagem. O comportamento depende, pois, em grande parte, da porção de idéas que cada um adquire sob a influencia da experiencia, das relações sociaes, da cultura intellectual e esthetica recebida. Cada homem acaba por ter esse conjuncto de idéas e de *maximas*, que se torna a origem das suas resoluções e acções. Ha mesmo na humanidade a tendencia de traduzir tudo em maximas, porque a maxima é uma generalização que satisfaz o pensamento.

« Como as faculdades physicas, as do espirito desenvolvem-se no individuo em uma relação reciproca: a actividade intellectual, porém, é mais *independente* que as outras. Si tendes sôbre uma questão de facto ou de raciocinio idéas erradas, é possivel modifical-as em pouco tempo, convencendo-vos por uma demonstração ou por um facto; para modificar um habito, uma inclinação, um sentimento são precisos mezes e annos.

« A intelligencia é, em relação ás outras faculdades do nosso espirito, o que os olhos são para os orgãos do nosso corpo, um tacto á distancia. Por isso a actividade intellectual tem um poder superior para dirigir e transformar os outros generos de actividade. Descobrindo nas cousas aspectos novos, produz, portanto, duplo effeito: excita novos sentimentos, abre novos caminhos á acção. Toda idéa nova tende assim a tornar-se um sentimento e um estimulo, conseguintemente uma idéa força.

A intelligencia é o grande instrumento da selecção voluntaria. É um meio abreviativo da evolução, accelera e executa em alguns annos as selecções que exigiriam seculos.

« Nas sociedades como nos individuos, os productos da intelligencia e da experiencia estimulam e dirigem todas as demais funcções sociaes. As creações religiosas, moraes, estheticas, politicas, economicas, são determinadas pelos progressos da humanidade ou no conhecimento real das cousas, ou na descoberta dos ideaes. A instrucção é um motor de importancia principal no mecanismo social; com uma condição, porém, que influa sobre as idéas verdadeiramente directoras e selectivas, sobre aquellas que, por sua intima relação com o sentimento e a vontade, merecem por excellencia o nome de idéas-forças.

« Discutindo em seguida as theorias da hereditariedade applicadas á influencia da educação, o Sr. Fouillée mostra como longe de desabonal-a, a favorecem essas theorias. Se em virtude da lei de Galton da regressão para a média, a hereditariedade tende ao equilibrio médio, a educação póde levantar o ponto desse equilibrio, fazer subir o centro de oscillação, modificar a média normal, para a qual a hereditariedade produzirá a regressão. Se a hereditariedade é a grande força de conservação, a idéa é a grande força de progresso; uma garante a estatica e o equilibrio, a outra a dynamica e o movimento.

« Expondo assim as bases de sua pedagogia e os fundamentos das idéas que sobre a educação nacional vae emittir no seu livro—bases e fundamentos que nos limitamos a traduzir ou resumir, o Sr. Fouillée conclue assim a sua exposição de principios :

« Ha, em summa, um meio termo entre os preconceitos pró e contra a educação. Si ella não manifesta toda a sua força, é que raramente é dirigida para o seu verdadeiro fim e por meios apropriados a esse fim. Dahi resulta uma perda de forças vivas, pela neutralização mutua e pela desordem das idéas. Semeam como quer que seja ao acaso idéas no espirito ; ellas germinam tambem ao acaso das circumstancias externas e das predisposições internas : é a selecção fortuita como no dominio das forças materiaes. Não basta instruir; cumpre que a instrucção se torne por si mesma uma educação, um processo de selecção reflectida e methodica entre as idéas que tendem a realizar-se em actos.

« Nós dizemos sempre instrucção ; outros povos dizem: cultura; e com razão. O primeiro termo leva-nos a considerar materialmente as cousas aprendidas; o outro, o gráu de fertilidade adquirida pelo espirito. A educação não deve ser uma simples acquisição de saber; porém uma cultura de forças vivas, que tenha por fim obter a vantagem para as idéas—forças mais elevadas.»

Não póde mais haver duvida : podendo e devendo apoiar-se hoje em principios scientificos, a educação entrou tambem na sua phase positiva. Si, porém, a sua administração póde tomar desses principios uma direcção segura, a sua acção permanece ainda e permanecerá sempre dependente de circumstancias insuperaveis, das quaes a principal é o temperamento do educando. A educação não é uma panacéa, um remedio infallivel para todos os males e efficaz em todos os casos e individuos, mas é um poderosissimo modificador e director (e educar quer dizer dirigir) de almas, e póde-se afoitamente asseverar, que, si ella não foi mal dada, seus

effeitos não são jámais completamente nullos. E como os seus effeitos se accumulam, passando de umas gerações a outras, e irradiam no meio em que se realizam, a obra collectiva da educação—que é a mesma obra do homem para o seu aperfeiçoamento e melhoria— é eminentemente, primeiro um dever nacional, depois um dever de humanidade.

Esgotada, como cremos, a influencia de todas as religiões, que foram em seu tempo e no seu meio, as principaes educadoras da humanidade, resta á educação leiga, inspirada nos grandes interesses humanos, e baseada na experiencia e na sciencia universal, continuar essa funcção.

E só por não refazer completamente este livro, em que o problema da educação ainda é encarado de um ponto de vista puramente nacional, acaso estreito e mesquinho, é que o republico tal e qual, esperando aliás que o leitor intelligente, unico estimavel, se não illuda com o seu verdadeiro sentido, que eu presumo ser largamente humano, embora sinceramente brazileiro.

Não sou um patriota; ao menos não o quero ser na accepção politica deste vocabulo, assevandijado pelo uso deshonesto com que com elle se qualificam os mais indignos republicos. Amo a minha terra e a minha gente, (para dizer o meu sentimento na formula lapidar de Camões), mas amo-as sem os excessos e a indiscrição do que vulgarmente se chama patriotismo. Para amal-as absolutamente, como as quizera poder amar, fôra para mim necessario que eu achasse nellas a verdade e a justiça, e não precisasse de lh'as recommendar nestas paginas, em que aliás puz toda a minha affeição por ellas. Não façamos da Patria um idolo, um novo Moloch, a quem tudo sacrifiquemos, ainda a nossa consciencia e o nosso pensamento. O patriotismo é certo uma virtude, quando

sincero, desinteressado e esclarecido. Mas como é talvez a unica virtude de que nas nossas sociedades se tira lucro material, isso lhe perverte a propria essencia e diminue grandemente a excellencia. O abuso que delle se fez levou o grande humorista inglez, o celebre Dr. Johnston, a dizer que o patriotismo era o ultimo refugio do velhaco. Relanceemos os olhos em torno de nós e lhe verificaremos a exactidão do asserto. O amor que possamos ter á nossa patria só será legitimo e proficuo, se nos fôr um estimulo para, melhorando-nos a nós mesmos, a melhorarmos tambem, e se não pretendermos isolal-a do resto da humanidade. É por esta que afinal devemos trabalhar, ainda na obra da educação nacional, e esta, pena de ser immoral e degradante, ha de desprender-se inteiramente de todo o sentimento de egoismo collectivo, que no fundo, como demonstrou H. Spencer, e o sentimos todos, é o fundamento do patriotismo.

Levantemos os nossos corações, e não temamos dizer á nossa patria a verdade que julgamos dever aproveitar-lhe. Nada nos obriga a ter com ella os escrupulos respeitosos de filhos para com suas mãis. Como diz um publicista americano, « nós não somos filhos de nossa patria ; nós somos a nossa patria. O governo republicano, accrescenta elle, é uma companhia por acções, em que cada cidadão é um membro com o direito essencial de objectar, mas não o de desobedecer.» [1]

Até esse direito de desobedecer nós lhe reconhecemos, quando a nossa consciencia nos mostrar claramente que as conveniencias da humanidade, da justiça e da verdade, devem prevalecer ás da nossa patria, da iniquidade e da mentira.

[1] Albert B. Hart, *Practical Essays on American Government*, New York, 1894, p. 101.

# INTRODUCÇÃO

( DA PRIMEIRA EDIÇÃO )

Faz um anno, examinando contristado a situação moral do Brazil, no prefacio do livro *Estudos Brazileiros*, concluia eu essa desanimadora revista por estas palavras : « Em meio do desalento geral e da funda descrença que lavra não só os espiritos que o vento do scepticismo tinha preparados, mas ainda o povo estranho aos embates do pensamento moderno, surge apregoando-se capaz de regenerar o paiz a idéa republicana. » E, tendo singelamente declarado o meu pensamento a respeito da intuição do republicanismo militante no Brazil, e da impossibilidade da federação com a monarchia, reparava : « Pois bem, forçosamente republicano, não porque acredite na efficacia e infallibilidade da republica, na qual vejo apenas uma resultante e não um factor, uma formula governamental mas não a fórma definitiva que ainda escapa ás nossas previsões, porém por julgal-a determinada pelas nossas circumstancias politicas e evolução historica, é, sinão com hostilidade, ao menos sem nenhuma sympathia que encaro o

actual movimento republicano, fadado por ventura a não remoto triumpho. »

Está feita a Republica. Sómente veio um pouco mais cedo que o previam quantos os destinos do Brazil occupavam. Si o seu advento a alguem surprehendeu, foi áquelles que mais concorreram para apressal-o, os parlamentaristas e os politicistas. Com esses realizou-se o *quod volumus* ás avessas. Não é tempo ainda de julgar si ella cumpriu ou cumprirá as promessas feitas.

O facto da mudança de fórma de governo, maiormente por causas onde não sei si o futuro historiador descobrirá alguma insigne inspiração desinteressadamente patriotica, não é, entretanto, de per si mesmo bastante para facultar-nos uma éra nova de regeneração. As fórmas de governo têm um valor relativo, mesmo porque, conforme o demonstra a historia e o ensinam os mais allumiados pensadores, a força progressiva das nações actúa de baixo para cima e não de cima para baixo. É no povo que reside, e é a somma de seus esforços, em qualqer ordem de phenomenos, que produz a Civilização e o Progresso.

No Brazil a republica póde e, devemos todos ao menos esperar, ha de ser um bem, por dous motivos de ordem mais elevada que o parvoinho jacobinismo com que a preconizavam hontem ou a endeosam hoje os que fazem disto uma questão de fé e sentimento.

O primeiro e acaso mais ponderoso é que, segundo disse no trecho que tomei a liberdade de citar, ella era fatalmente determinada pela nossa evolução historica e circumstancias politicas. Ha na historia uma especie de fatalismo, a rever as leis que presidem á evolução geral da Humanidade, e que nada

obstante o ingente trabalho dos pensadores desde Aristoteles, a Sociologia — sciencia ainda vaga e fluctuante — não conseguiu até agora estabelecer e demonstrar. A uma dessas leis, certo, obedeceu a nossa recente evolução social apenas apressada pelo fortuito de uma causa que logicamente a não devia produzir. É que na historia o acaso, segundo o pensar de Littré, não é um effeito sem causa, mas um effeito produzido por um encontro de causas entre si independentes. [1]

A outra razão porque deve ser-nos a republica prestadia, é comportar moldes mais amplos, fórmas politicas e administrativas mais largas que a monarchia, o que para nós povos americanos, mais que necessario, é indispensavel á nossa evolução.

A federação, erradissimo alvitre para salvar a caduca instituição, era irrealizavel sob a fórma monarchica, na qual tambem se não ageitavam as reformas projectadas pelo ministerio deposto com a dynastia.

Estas considerações, porém, por mais incontestaveis que sejam, não nos devem induzir a crer a simples mudança da nossa fórma de governo capaz de renovar de todo em todo e para melhor o paiz. A historia é feita com um elemento, o povo; é, pois, o povo, e não o governo quem em definitiva póde radicalmente mudar as condições de uma nação, cujos vicios e defeitos — cumpre insistir — são antes seus que dos que administram e dirigem. Sobrou por isso razão a quem disse cada povo tem o governo que merece.

Si, como forçoso é reconhecer, o estado moral do Brazil, e ainda seu estado material, é propriamente desanimador e

[1] *Transrationalisme*, in *Rev. de la Phil. Posit.* Tom. XXIV, pag. 40.

precario e, sobretudo está muitissimo áquem das justissimas aspirações dos patriotas e dos gloriosos destinos que lhe antevemos, não ha tão pouco negar que nem sómente a monarchia e as instituições que lhe eram ministras, sinão nós todos somos disso culpados.

É, pois, a nós mesmos, é ao povo, é á nação, que cumpre corrigir e reformar, si quizermos realize a republica as bem fundadas e auspiciosas esperanças, que alvoresceu nos corações brazileiros.

Para reformar e restaurar um povo, um só meio se conhece, quando não infallivel, certo e seguro, é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada accepção desta palavra.

Nenhum momento mais propicio que este para tentar esse meio, que não querem adiado os interesses da patria. Affirma um perspicuo e original historiador da pedagogia, que do estudo da historia e evoluimento da educação publica resulta, entre outras, esta conclusão: « uma reforma profunda na educação publica e nacional presume uma reforma igualmente radical no governo. »[1]

Nós tivemos já a reforma radical no governo, cumpre-nos completar a obra da revolução pela reforma profunda da nossa educação nacional.

## II

Brazileiro nenhum, estudando com amor, á falta de talento, a sua patria, em todas as manifestações da sua vida, na

[1] C. Issaurat, *La Pédagogie, son évolution et son histoire,* Paris, 1886, pag. 485.

sua Politica, na sua Arte, na sua Industria, na sua Literatura, e até nos seus Costumes e Tradições, deixará de verificar consternado a pobreza do nosso sentimento nacional.

Por sentimento nacional entendo eu não só essa maneira especial de sentir, isto é, de receber e reproduzir as impressões, que distingue os povos uns dos outros, mas ainda o conjuncto de impressões recebidas em uma perenne communhão com a patria e transformadas no cerebro em idéas ou sensações que têm a patria por origem e fim, causa e effeito. D'est'arte concebido o sentimento nacional é elle independente do caracter nacional, antes subordinado a causas extrinsecas de ordem physica que a causas moraes de ordem psychica e é tambem independente do simples patriotismo politico.

O Brazil, graças á unidade de raça formada pelo franco cruzamento das tres que aqui concorreram no inicio da nossa constituição nacional, graças a não perturbação desse primeiro resultado pela concurrencia de elementos estrangeiros, assim como á unidade da lingua, da religião, e, em summa, das tradições que mais poderam influir naquelle facto, isto é, as portuguezas, tem incontestavelmente mais accentuado caracter nacional que os Estados Unidos. E semelhante facto, escrevi eu algures,[1] nos assegura um movimento social mais lento, é verdade, porém mais firme.

Ali, onde um grave pensador allemão, o celebre Dr. Strauss, não reconhece caracter nacional,[2] são muitos, diversos e desencontrados, os elementos ethnicos e sociaes. Ha

[1] *As populações indigenas e mestiças da Amazonia,* in *Scenas da Vida Amazonica,* Lisboa, 1886, pag. 28.

[2] *L'Ancienne et la nouvelle foi,* Trad. Narval, Paris, 1876, pag. 239.

centralização administrativa e politica, a escola brazileira, isolada na esphera de uma pura e estreita acção de rudimentar instrucção primaria, não teve a minima influencia nem na formação do caracter, nem no desenvolvimento do sentimento nacional.

Sem orgulho patriotico — que não merece ser assim chamada a nossa parvoinha vaidade nativista — sem educação civica, sem concurrencia de especie alguma, o caracter brazileiro, já de si indolente e molle, como que se deprimiu, e o sentimento nacional que luz pela primeira vez na lucta com os hollandezes e depois nos conflictos de nacionaes e portuguezes nas épocas que proximamente antecederam ou seguiram a Independencia, esmorece, diminue, quasi desapparece.

Indagando, com esta minha velha preoccupação de nacionalismo, as manifestações desse sentimento nas mais caracteristicas fórmas do sentir de um povo, na sua poesia e na sua arte, foram sempre negativos os resultados. Em abono de asserto semelhante, escrevi eu em outro ensejo: «As maiores commoções politicas ou sociaes por que tem passado o Brazil, como, e não falo sinão de factos contemporaneos, as revoluções de 17 em Pernambuco e 42 em Minas, os diversos movimentos sediciosos do momento da Independencia, a revolução do Rio Grande do Sul, a guerra da Cisplatina ou a guerra do Paraguay, os phenomenos mais caracteristicos da nossa nacionalidade, como a escravidão, não só como instituição juridica mas como um facto consuetudinario, digamos assim, nada disso deixou um signal apreciavel em o nosso romance ou em a nossa poesia.» [1]

[1] *O romance naturalista no Brazil*, nos *Estudos Brazileiros*, 2ª serie, Rio, 1894.

Varias causas acudiram a estorvar em nós o *brazileirismo*. Direi das mais salientes.

É principal a desmarcada estensão do paiz comparada com a sua escaça e rareada população. Isolados nas localidades, nas capitanias e depois nas provincias, os habitantes, por assim dizer, viveram alheios ao paiz. Desenvolveu-se nelles antes o sentimento local que o patrio. Ha bahianos, ha paraenses, ha paulistas, ha rio-grandenses. Raro existe o brazileiro. É frase commum : *Primeiro sou paraense* (por exemplo) *depois brazileiro*. Outros dizem : *a Bahia é dos bahianos*, *o Brazil é dos brazileiros*. Pela falta de vias de communicação, carestia e difficuldade das poucas existentes, quasi nenhuma havia entre as provincias. Rarissimo ha de ser encontrar um brazileiro que por prazer ou instrucção haja viajado o Brazil. Durante muito tempo os estudos se iam fazer á Europa, muito especialmente a Portugal. Lisboa e Coimbra eram as nossas capitaes intellectuaes. As relações commerciaes foram até bem pouco tempo quasi exclusivamente com aquelle continente e com aquelle estado. Tudo isto vinha não só da geographia do paiz, mas tambem da ciosa legislação portugueza que de industria procurando isolar as capitanias, longe de acoroçoar as relações entre ellas, preferia as tivessem com o reino. Destes differentes motivos procede o estreito provincialismo brazileiro, conhecido sob o significativo appellido de *bairrismo*, que hostilizava e refugava de si o mesmo brazileiro oriundo de outra provincia alcunhando-o, no Pará por exemplo, de *barlaventista*.

A falta de uma organização consciente da educação publica do mesmo passo cooperou para manter esse isolamento e, como quer que seja, essa incompatibilidade entre os filhos

e habitantes das diversas provincias. A educação nacional a que os Estados-Unidos recorreram para reduzir e atalhar os perigos que á unidade da nação trouxesse um demasiado espirito local, nunca a houvemos, nem ainda hoje a temos aqui.

Pessimamente organizada, a instrucção publica no Brazil não procurou jámais ter uma funcção na integração do espirito nacional. A escola viveu sempre acaso mais isolada pelo espirito que pelo espaço e topographia. Si nella se tratava da patria, não era com mais individuação, cuidado e amor que de outras terras. Era antes vulgar merecer menos. A mesma provincia não foi jámais objecto de estudo especial. Porém essa, ao menos de experiencia propria, e por assim dizer intuitivamente, vinha mais ou menos a conhecel-a o natural. Foi durante muito tempo numeroso o exodo das crianças a estudar fóra do paiz na idade justamente em que se começa a formar o caracter e o coração, e em que se recebem as primeiras e eternas impressões do amor da familia e do amor da terra. Nem ao menos vinham a ser uteis esses cidadãos, assim alheiados da patria. Não iam em idade de adquirir outro saber que não aquelle galantemente taxado por Montaigne de *sciencia livresca*, e tornavam em geral descaroaveis da patria e de seus costumes, e profundissimamente ignorantes della. Muitos desses achavam-se depois — imagine-se com que sentimento nacional — á frente dos seus negocios.

O illetrado brazileiro — ainda ha pouco 84 % da população — nada encontrou que impressionando seus sentidos lhe falasse da patria e a seu modo fosse tambem um factor da sua educação. Não ha museus, não ha monumentos, não ha festas nacionaes. O que frequentou a escola onde lh'a não fizeram conhecer e amar, desadorando a leitura e o estudo, não

procurou fazer-se a si proprio uma educação patriotica. Esta mesma boa vontade ser-lhe-ia aliás difficil realizar, pela falta de elementos indispensaveis. Porque, em virtude mesmo desta indifferença pelas cousas nacionaes, conforme vou aqui apontando, de modo algum combatida pela educação publica, é pauperrima a nossa literatura nacionalistica.

O nosso jornalismo, quiçá mais numeroso que notavel, afóra a politica e as pequenas noticias, os *faits divers*, escaçamente se occupa do Brazil. É mais facil encontrar nelle noticia de cousas estrangeiras — européas para ser mais preciso — que do paiz ; e nas provincias si raro é o jornal de algum valor que não tenha uma correspondencia de Lisboa ou de Paris, porventura se toparia algum que a tivesse, não de outra parte do Brazil, mas do Rio de Janeiro. Não possuimos uma unica revista que leve a todos os cantos do paiz os trabalhos dos seus escriptores, dos seus pensadores, dos seus artistas e os estudos no paiz feitos. Não temos illustrações por onde fiquemos conhecendo os diversos aspectos da variada paizagem brazileira, ou as obras e construcções no Brazil e por brazileiros feitas, nem os nossos homens e successos notaveis, nem algum raro monumento erigido. [1]

Os excellentes livros que sobre nós escreveram alguns sa-

[1] Aqui na capital do Pará, onde escrevo (e o mesmo, sei, acontece em geral nas outras capitaes dos Estados), cidade de população talvez não inferior a 80 mil habitantes, é mais difficil encontrar ou obter um livro (ou outro qualquer producto) brazileiro que qualquer obra estrangeira, mesmo allemã ou italiana. As principaes revistas européas têm aqui assignantes. A recente *Revista de Portugal* possue talvez mais de trinta. A mallograda *Revista Brazileira*, creio apenas tinha uns quatro. Livro ou periodico brazileiro publicado fóra do Rio de Janeiro, é para nós como si o fôra na China.

bios viajantes estrangeiros, ficaram até agora por traduzir e, desencontradiços nos livreiros indigenas, sómente na livraria de algum raro curioso de cousas patrias, se nos deparam. Livros proprios sobre cousas brazileiras, tirante os romances que, de passada note-se, esses mesmos começam a escacear — são raros.

O desanimador resultado destes factos infelizmente incontestaveis, é esta dolorosa verdade:

— Nós nos ignoramos a nós mesmos!

E a funestissima consequencia desta ignorancia é a extrema pobreza sinão falha completa de sentimento nacional.

O mencionado isolamento das capitanias primeiro e das provincias ao depois, não só determinado, segundo vimos, por condições geographicas e economicas, como nos tempos coloniaes systematicamente acoroçoado pela metropole como medida politica, preparou de longa mão o espirito regional do Brazil, e assim tornou possivel sem abalo nem vexame a actual federação.

Certo não virá ao espirito de nenhum brazileiro atacar a federação instituida pela revolução de 15 de Novembro, da qual esperamos todos largos beneficios para o paiz. Mas sómente aos politicos obsidiados pelas suas paixões partidarias, será licito cegar-se á evidencia das cousas e confiar inteiramente em fórmas e formulas de governo. A confederação em si mesma tem os seus perigos que avultam num paiz qual o nosso, onde o sentimento regional prevalece ao nacional e onde —diga-se francamente—é latente, em alguns Estados ao menos, o espirito separatista. Um publicista americano, considerando o antagonismo entre a confederação e a nação, d'est'arte se exprime: «O estado confederado é a real antithese do principio

nacional, como a confederação é fatalmente a antagonista da nação historicamente considerada. A qualquer luz encaradas, tornam-se manifestas estas antitheses. A nação, como organismo social, suppõe uma unidade organica; e este organismo é que a ninguem é dado transmittir. Para a confederação é artificial a existencia da sociedade, formada como uma associação de homens em determinada communidade de interesses, ou apenas como a reunião daquelles que vivendo antes separados, voluntariamente a ellas accederam. É no desenvolvimento da vida historica do povo na sua unidade, que se origina a nação ; a confederação prejulga como origem da sociedade o acto voluntario daquelles que individual ou collectivamente a realizaram, e suas instituições têm apenas esse precedente formalistico. » [1]

Estas differenças fundamentaes na evolução e indole da nação e da federação encerram os perigos intrinsecos desta fórma, perigos que aos politicos pevidentes cabe antever e conjurar. Além desses a federação brazileira encerra especialmente um outro e gravissimo, qual é a indicada falta ou pobreza de sentimento nacional, tornando acaso provaveis, e em todo caso possiveis, as tentativas de separação.

Estados sei eu onde o partido bastante ousado para soltar o grito de separação, estaria certo de acordar secretas aspirações e geraes sympathias, que não duvidariam talvez vir á praça manifestar-se. Um pequeno facto entre mil que o observador está nos casos de verificar : neste Estado foi a velha bandeira brazileira, nunca dantes arriada diante de ninguem, nem por ninguem impunemente menosprezada, substituida

[1] E. Mulford, *The Nation, the foundation of civil order and political life in United-States,* Boston, 1882, pag. 324.

no tope do palacio do governo por um estandarte de que usava o Club Republicano, branco e encarnado. Reintegrada depois — desgraçadamente com modificações infelicissimas — até hoje, quatro mezes após, não foi ainda hasteada em nenhum dos edificios publicos do Estado. Identico successo teve aqui tambem lugar com o nosso entre todos bellissimo hymno nacional.

É este apprehensivo estado do espirito publico antepondo o sentimento provincial ao sentimento nacional, e gerando, em alguns Estados ao menos, um claro espirito separatista, que é preciso debellar, si queremos realmente conservar intacta a gloriosa herança de nossos pais, a unidade da patria — condição indispensavel para a realização dos seus destinos.

## III

Para a realização desses destinos — e deve ser esta a nossa cara, ardente e constante preoccupação e esperança, como para despertar o sentimento da patria, do mesmo passo combater o espirito separatista e acima do principio federativo pôr a unidade moral da nação — impõe-se-nos como o mais urgente dever a criação da educação nacional.

Horacio Mann, uma dessas nobres figuras que com Franklin, William Penn, Washington, Jefferson, Lincoln e outros serão a eterna honra e a eterna gloria dos Estados-Unidos, declarava falando da educação publica: « O primeiro dever dos nossos magistrados e dos chefes da nossa Republica é de subordinar tudo a este interesse supremo. Em nossos paizes e em nossos dias, ninguem é benemerito do titulo de homem

de estado, si a educação pratica do povo não tem o primeiro lugar no seu programma. Póde um homem ser eloquente, conhecer a fundo a historia, a diplomacia, e jurisprudencia, o que lhe basta aliás para pretender a elevada condição de homem de estado : mas si suas palavras, seus projectos, seus esforços não forem por toda a parte constantemente consagrados á educação do povo, elle não é, não póde ser homem de estado americano.» [1]

Deve esta tambem ser a preoccupação constante, activa e effectiva de quantos pretenderem não só as honras sinão a honra de estadistas brazileiros. Mais talvez que os Estados-Unidos pede e reclama o Brazil, tanto a diffusão e exaltação da instrucção publica como, e maiormente, a organização da educação nacional.

Dous paizes se nos offerecem contemporaneamente, como exemplo eloquente e memoravel de quanto póde para a regeneração nacional a educação publica, quando servida conscienciosamente e devotadamente não só pelos governos mas por todos os cidadãos. São esses paizes a França e a Italia.

É principalmente dos seus escriptores, dos seus poetas, dos seus publicistas, dos seus oradores, dos seus professores a obra da unificação da Italia. Cavour, como soe acontecer ainda aos mais proeminentes estadistas, não foi sinão um desses homens que em dado momento historico consubstanciam em si e representam o trabalho accumulado das gerações e as suas aspirações, que aquelles criaram, educaram e dirigiram.

O *risorgimento*, como á esta phase da sua vida nacional

[1] Apud Spuller, *Au Ministère de l'Instruction publique,* Paris, 1888, Préface.

chamam os italianos, é propriamente uma resultante do trabalho giganteo de uma nova educação, não feita sómente nas escolas, porém nas universidades, na imprensa, nos livros e na tribuna. E graças a este movimento, aquella nação que apenas saía de ser *uma expressão geographica* na dura fraze de Metternich, surge-nos, vinte annos depois, na primeira linha das nações européas.

Vencida e mutilada, diminuida no seu territorio e fundamente ferida no seu orgulho, é para a educação publica que se volve a França. Não é facil dizer concisamente o que se fez em França neste intento. Á Allemanha, á propria vencedora, foram-se, uns espontaneamente, outros em commissões officiaes, professores e pedagogos a estudar naquelle fóco scientifico nem só a organização, sinão os methodos, os systemas, o machinismo, a theoria e a pratica do ensino publico. E não foi sómente a Allemanha o veio explorado, mas ainda a Inglaterra, os Estados-Unidos, a Suecia, a Hollanda, a Suissa. Estadistas que mereceram o nobilissimo appellido de *ministros pedagogos*, como Julio Ferry, como Spuller, como Julio Simon, trataram as questões da educação publica, e isto diz muito, com a mesma attenção com que outros tratavam os assumptos da reorganização militar. Sabios como Paulo Bert, como Carlos Robin, como Miguel Bréal, como Berthelot, como Faye, deixaram os seus gabinetes e laboratorios para virem excitar o prélio sagrado a favor da educação nacional. A literatura pedagogica até então em França pouco menos de nulla, desenvolveu-se em proporções extraordinarias, e multiplicaram-se a encherem bibliothecas os trabalhos theoricos e os trabalhos praticos, os trabalhos philosophicos e os trabalhos historicos, sobre as varias feições

da sciencia e da arte de educar. Surgiram numerosos os jornaes, as revistas e as associações pedagogicas e, quasi se póde dizer sem exagero, que a reorganização da educação publica mereceu aos francezes igual solicitude que a restauração da sua força militar. Em um solemne congresso de professores, dizia um desses ministros acima referidos: « Foi então (depois dos desastres da guerra) que a democracia comprehendeu a necessidade de transformar a instrucção primaria, para refazer á França, não direi um espirito novo, mas um temperamento, costumes, idéas adequadas aos seus novos destinos.» [1]

Nós tambem temos de refazer-nos, não sómente temperamento, idéas e costumes novos, sinão tambem um espirito novo, o espirito nacional tão enfraquecido em nós. Assim urgente quanto imperiosamente o estão igualmente exigindo os nossos novos destinos.

Aqui, como ali, como por toda a parte, é á educação que compete essa tarefa.

Este livro—que nenhum outro valor tem sinão o da intenção que o inspirou e o anima, fôra a mais bella obra da minha obscura vida, o mais alto e como quer que seja exagerado galardão dos meus desvaliosos mas sinceros esforços, si por ventura pudesse chamar a attenção do nosso publico para esta momentosissima questão da educação nacional.

Não é seu intuito discutir a nossa instrucção publica, porém mostrar como ella carece de espirito brazileiro, como ella é alheia a qualquer ideal superior de educação, em uma

[1] Spuller, Ministro da Instrucção Publica, in *Rév. Pédagogique*, Tome XI, pag. 485.

palavra, como ella absolutamente não merece o nome de educação nacional, e, ao mesmo tempo indicar o que deve ser para se tornar um factor na obra augusta da grandeza da patria.

A este escopo primario, prendem-se questões estreitamente connexas para não poderem ser esquecidas na indagação e resolução deste problema capital de preparar a patria para bem servir a humanidade.

Precisamos ser physica, moral e intellectualmente fortes, e que a Humanidade conte comnosco. Para isso, porém, carecemos primeiramente ser brazileiros.

O amor da patria alenta-se do conhecimento do seu passado, e do seu presente, e da fé no seu futuro. « Não ha na historia povo, conceitúa um escriptor francez, que não tenha devido o seu renome á magnitude de um idéal por muito tempo ambicionado e ardentemente buscado.» [1] « Nos Estados-Unidos, ensina-nos Tocqueville, a patria pulsa em toda a parte e desde a ultima aldeia até o conjuncto da União é objecto da mais viva solicitude. O habitante affeiçoa-se a cada um dos interesses do seu paiz como aos proprios. Desvanece-se da gloria da nação, julga vêr nos seus successos o seu proprio trabalho e com isso se orgulha. Tem pela sua patria analogo sentimento ao que vota á familia.» [2]

Neste Novo-Mundo, o Brazil, certo, tem direito a um eminente lugar e aos mais insignes destinos. Sejamos brazileiros com todo o ardor do nosso temperamento, mas sem os langores e desfallecimentos que o neutralizam. Não copiemos

[1] Le P. Didon, *Les Allemands,* Paris, 1884, pag. 11.

[2] Alexis de Tocqueville, *De la Démocratie en Amérique,* 17me édit. Paris, 1888, Tom. I, pag. 163.

ninguem, mas estudemos tudo e todos, e principalmente estudemo-nos a nós mesmos. Tiremos do conhecimento da patria, os mesmos elementos com que lhe havemos de preparar a grandeza. Que superior aos Estados-Unidos pela unidade ethnologica e pela maior accentuação do caracter nacional, ella o venha a ser tambem por juntar ás energias novas da America as delicadezas espirituaes da Europa, consorciando os mais altos dotes de espirito e coração, o sentimento e a intelligencia, com as maximas actividades da nossa coeva civilização industrial. Que igual aos Estados-Unidos pela força, pela riqueza, por todos os progressos da arte e da industria, lhes sejamos superior pela elevação moral da nossa concepção da vida — realizando na America, sem fazer do successo um criterio de moralidade, o typo ideal das futuras civilizações que apenas lobrigamos atravéz das generosas illusões da nossa fé no progresso indefinido.

Pará, Março de 1890.

---

I

## A EDUCAÇÃO NACIONAL

O nosso systema geral de instrucção publica, não merece de modo algum o nome de educação nacional. É em todos os ramos — primario, secundario e superior — apenas um acervo de materias, amontoadas, ao menos nos dous primeiros, sem nexo ou logica, e estranho completamente a qualquer concepção elevada da patria.

Póde ser um meio — bom ou máo, não é nosso proposito discutir-lhe o valor — de méra instrucção, mas não é de modo algum um meio de educação, e sobre tudo de educação civica e nacional. Ora, toda a instrucção cujo fim não fôr a educação e, primando tudo, a educação

nacional, perde por esse simples facto toda a efficacia para o progresso, para a civilização e para a grandeza de um povo.

Nada absolutamente distingue a instrucção publica brazileira da instrucção publica que se poderia dar em outro paiz, e na escola brazileira o Brazil, quasi se póde dizer parodiando um dito celebre — brilha pela ausencia. Amontoar materias, não ligadas entre si por nenhuma idéa moral superior, e ensinal-as bem ou mal, não é educar ou, segundo o conceito de Spencer [1] preparar o homem para a vida completa, como membro da familia, da patria e da humanidade.

Depois de expôr o plano da instrucção em uma democracia, Paulo Bert observava: «Nada disto tudo é a educação, sinão a materia da educação, e não a educação propriamente dita. O que é agora necessario é que a vida circule no meio de todos estes conhecimentos e que os anime. Sem ella todo este conjuncto de factos que carregaram a memoria e sobreexcitaram a intelligencia, poderão formar um negociante sagaz, um habil industrial, talvez um sabio ou um poeta, mas não um homem ou um cidadão. Ora,

[1] *L'Éducation intellectuelle, morale et physique,* Biblioth. utile, pag. 7.

a vida, quem a póde dar é o ensino civico e moral.» [1]

Esta mesma fundamental differença entre a mera instrucção e a educação fazia-a sentir a respeito do Brazil, o Sr. Ramalho Ortigão num artigo em que com singular maestria debuxou o *Quadro Social da Revolução Brazileira* :

« Uma casa provida de bons livros, escreve elle, de bons laboratorios, com bons programmas de ensino, bons mestres, bom ar, boa mobilia e boa luz, é, quando muito, uma fabrica de sciencia.

« Para que se transforme num instituto de educação é preciso que nelle se imponha á mocidade, por meio da mais rigorosa disciplina o sentimento da solidariedade social, o espirito de esforço e de sacrificio na subordinação ao dever, a regularidade, a exactidão, a firmeza do porte, de accôrdo com a firmeza do caracter, em todos os actos da vida. Só assim se formam cidadãos, o que é uma coisa differente de formar bachareis.» [2]

É esta a causa do grande mal, da profunda diathese que nos mina e arruina — não termos,

[1] *Leçons et Discours*, Paris, pag. 408.
[2] *Revista de Portugal*, tom. II, pag. 22.

não havermos jámais pensado em ter educação nacional.

Nas nossas escolas a geographia é uma nomenclatura de nomes europeus principalmente; a geographia patria, quasi impossivel de estudar pela ausencia completa dos elementos indispensaveis, resume-se a uma arida denominação tambem; a historia patria em geral existe apenas nos programmas, e quando excepcionalmente ensinada cifra-se na decoração inintelligente de pessimos compendios tão feitos para despertar os sentimentos nacionaes como si se tratasse da historia do Congo; a cultura civica não existe de modo nenhum, assim como a cultura moral; o livro de leitura, por sua vez, o livro de leitura que é acaso a mola real do ensino, mantém a mesma indifferença patriotica, e as suas paginas são paginas brancas para a geographia e a historia da patria.

São os escriptores estrangeiros que traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade.

Seja-me permittida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugue-

zes e absolutamente alheios ao Brazil os primeiros livros que li. O *Manual Encyclopedico* de Monteverde, a *Vida de D. João de Castro* de Jacintho Freire (!) os *Lusiadas* de Camões, e mais tarde, no Collegio de Pedro II, o primeiro estabelecimento de instrucção secundaria do paiz, as selectas portuguezas de Aulete, os *Ornamentos da Memoria* de Roquette — foram os livros em que recebi a primeira instrucção. E assim foi sem duvida para toda a minha geração:

Acanhadissimas são as melhorias desse triste estado de cousas, e ainda hoje a maioria dos livros de leitura si não são estrangeiros pela origem, são-no pelo espirito. Os nossos livros de excerptos é aos autores portuguezes que os vão buscar, e a autores cuja classica e hoje quasi obsoleta linguagem o nosso mal amanhado preparatoriano de portuguez mal percebe. São os Fr. Luiz de Souzas, os Lucenas, os Bernardes, os Fernãos Mendes e todo o classicismo portuguez que lêmos nas nossas classes da lingua, que aliás começa a tomar nos programmas o nome de lingua nacional. Pois si se pretende, ao meu ver erradamente, começar o estudo da lingua pelos classicos, autores brazileiros, tratando coisas brazileiras, não poderiam fornecer relevantes passa-

gens? E Santa Rita Durão, e Caldas, e Basilio da Gama, e os poetas da gloriosa escola mineira, e entre os modernos João Lisboa, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Machado de Assis e Franklin Tavora, e ainda outros, não têm paginas que sem serem classicas resistiriam á critica do mais meticuloso purista?

Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessarias reformas é a do livro de leitura. Cumpre que elle seja brazileiro, não só feito por brazileiro, que não é o mais importante, mas brazileiro pelos assumptos, pelo espirito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime.

Que si elle nos der *lições de coisas,* não nos venha ensinar industrias, occupações e usos que nos são completamente alheios, postergando as manifestações, embora humildes por ora, da nossa pequena actividade industrial. Que em vez de exclusivamente nos ensinarem o que é e como se prepara a lã ou o vidro, ou uma casa por processos inteiramente europeus; como nos devemos aquecer, nós que não temos disso necessidade, e quaes são os usos e empregos de madeiras e

outros materiaes que não possuimos, [1] nos mostrem o que é, onde e como se cultiva a borracha, quaes os seus empregos e qual a hygiene profissional do seringueiro; que nos inculquem as noções mais claras, mais exactas e mais novas sobre a cultura do café, do cacáo, da canna ou do algodão, sobre as industrias pecuarias ou as industrias caseiras; como nós poderiamos fazer o queijo e a manteiga ou como se construe e, principalmente, como se deve construir a casa brazileira para que ella satisfaça plenamente as exigencias da hygiene, do conforto e das necessidades especiaes do nosso clima.

Que o livro de leitura com paginas de nossos poetas e prosadores, e paginas sobre assumptos brazileiros, nos traslade, originaes ou traduzidas, narrativas dos grandes viajantes que percorreram o nosso paiz, como Martius, como Agassiz, como Couto de Magalhães, como Saint-Hilaire, como Severiano da Fonseca, ou dos que fizeram a nossa historia, os Rochas Pittas, os Southeys, os Porto Seguros, os João Lisboas. Os mes-

[1] Esta critica cabe a quasi todos os livros de *lições de coisas* feitos ou traduzidos no Brazil, com excepção da notabilissima traducção e adaptação do livro de Calkins pelo Sr. Ruy Barbosa, o qual aliás apenas seria prestavel nas classes elementares.

mos velhos chronistas, os Vicentes do Salvador, como os Anchietas e os Nobregas, os Jaboatãos, os Vasconcellos ou os José de Moraes, com um pequeno trabalho de lhes modernizar a linguagem, quantas paginas tão perfumadas do sabor da patria antiga que não davam, juntamente com o ensino dos primordios da nossa vida!

Não basta, porém, conhecer a patria no seu solo, nos seus accidentes naturaes, na sua natureza, no seu clima, nas suas producções, na sua actividade e na sua riqueza; não é sufficiente saber-lhe as origens, como se povoou e se desenvolveu, qual o seu contingente á civilização ou os seus elementos de progresso, as luctas que teve de sustentar, os triumphos que obteve ou os revezes que soffreu: é necessario mais, é indispensavel, em um paiz livre principalmente, em especial numa republica, conhecer as suas instituições, em si e nas suas origens, saber-lhe as leis com as obrigações que impõem e os deveres que garantem, estudar as leis geraes de moral, de economia e de politica que presidem ás sociedades e estabelecem e dirigem as relações entre os seus membros; aprender a solidariedade nacional na solidariedade escolar, e a noção do dever civico, do dever humanitario e do dever

em geral, no dever e na disciplina da escola. O conhecimento destes diversos aspectos da patria, não já como *região*, não já como *nação*, sinão como *estado*, como uma sociedade cujos fins, conforme os de todo estado, são o desenvolvimento das faculdades da nação, o aperfeiçoamento da sua vida, [1] constitue a educação civica.

Bem comprehendida, a educação civica deve ser a generalização de toda a instrucção dada na escola para fazel-a servir ao seu fim verdadeiro, que é, com a cultura moral e intellectual do individuo, a educação nacional.

Essa face da educação escapou até hoje á organização do nosso ensino escolar, do qual devera ser como a cupula e remate. E assim o edificio da nossa educação publica ficou sem alicerces — o estudo do paiz — e sem acabamento — a cultura civica.

Reclamando-a para o paiz, em 1882, dizia brilhantemente o Sr. Ruy Barbosa no copioso relatorio com que justificou o projecto de reforma do ensino a commissão cujo era relator: «Obrigatoria hoje na escola americana, na franceza, na

[1] Bluntschli, *Théorie générale de l'État*, trad. Riedmatten, Paris, 1881, pag. 286.

suissa, na belga, na allemã, na italiana, em toda a parte, digamos assim, esta especie de cultura não carece de que a justifiquemos aqui. Tereis instituido realmente a educação popular, si a escola não derramar no seio do povo a substancia das tradições nacionaes? si não communicar ao individuo os principios da organização social que o envolve? si não imprimir no futuro cidadão idéa exacta dos elementos que concorrem na vida organica do municipio, da provincia, do Estado? si não lhe influir o sentimento do seu valor e da sua responsabilidade como parcella integrante da entidade nacional?» [1]

É isto que nós não temos e que faz da nossa organização da instrucção publica uma especie de conjuncto amorpho, perfeitamente inutil como factor da civilização nacional, a qual fica assim entregue sómente á acção inconsciente das forças progressivas, dynamicas diria melhor, que as sociedades encerram.

Uma educação para ser nacional precisa que a inspire o sentimento da patria, e que a dirija

[1] *Camara dos Deputados.* — *Reforma do ensino primario e varias instituições complementares da instrucção publica.* — Parecer e Projecto, Rio de Janeiro, 1883, pag. 217.

um fim patriotico. «A idéa que fazem nos Estados-Unidos da instrucção publica, diz Hippeau, é conforme os principios democraticos aos quaes se subordina tudo no paiz verdadeiramente mais livre da terra: ella tem por fim formar cidadãos.» [1] E Paroz, reconhecido por juiz competentissimo [2] como «um dos escriptores de mais justa reputação em materia de ensino» fazendo sentir que «é a escola a pedra angular da grande republica,» e expondo os principios que a inspiram e dirigem, deixa manifesto que «o conjuncto desses principios tem por fim, mantendo a unidade da escola, conservar-lhe um caracter nacional e democratico, e formar esse espirito publico que caracteriza o cidadão americano.» [3]

Esse espirito que anima e vivifica a instrucção e lhe dá um caracter nacional, e o qual embalde procuramos na escola primaria do nosso paiz, escusado é buscal-o alhures, na secundaria ou na superior.

[1] Hippeau, *L'Instruction publique aux États-Unis,* Paris, 1878, pag. 3.

[2] Ruy Barbosa, *Primeiras Lições de Coisas*, por Calkins, Preambulo do traductor, pag. VII.

[3] Jules Paroz, *Histoire universelle de la Pédagogie,* Paris, 1883, pag. 364.

Entretanto si é na escola, como o centro real da verdadeira educação popular, onde mais deve avultar e se revelar, em nenhum dos ramos do ensino é superfluo, como não é em qualquer manifestação artistica, literaria, e até scientifica e industrial de um povo que tem alguma originalidade e sentimento nacional.

Não ha quem ignore a acção poderosissima do ensino superior na obra da unidade allemã. «Foi nas universidades e não alhures, escreve juiz autorizadissimo, que se gerou e se desenvolveu a idéa da unidade allemã; foram as universidades que resuscitando um passado esquecido despertaram com o sentimento patriotico, o ardor bellicoso dos antigos germanos, e atiçaram com uma perseverança sem exemplo o odio contra a França; foi nas universidades que se formaram os homens que dirigiram ou secundaram esse grande movimento nacional, cujos terriveis effeitos experimentamos.» [1]

A acção nulla da instrucção publica do Brazil na formação do sentimento nacional, não foi supprida ao menos por outros elementos que indirectamente o despertassem e desenvolves-

[1] Dreyfus Brisac, *L'Éducation Nouvelle*, Paris, 1882, pag. 219.

sem. A literatura — causa e effeito do espirito de um povo, mas no periodo inicial antes effeito que causa — a literatura, como aliás tem sido assás notado, não procurou nem inspirar-se no espirito popular, nem dirigil-o. O povo tambem, por sua vez, conservou-se-lhe estranho.

Quasi se pudera dizer negativa a acção da literatura brazileira como agente da educação nacional, que ella transviou, ou pela servil imitação classico-portugueza, ou pela errada comprehensão do romantismo e presentemente do naturalismo, ou pela inintelligente imitação estrangeira, franceza principalmente.

Não existindo entre nós arte, faltou-nos tambem esse elemento de educação nacional, a qual não achou igualmente recurso em certos meios mais indirectos ainda, mas não menos uteis e efficazes, como os museus, as collecções historicas, os monumentos e a celebração das épocas e datas gloriosas ou simplesmente felizes da nossa historia.

Indicada e estabelecida a inteira deficiencia da nossa educação publica, ficam por isso mesmo assentados quaes são os elementos indispensaveis para dar-lhe o caracter nacional, que lhe

fallece e que os interesses da patria brazileira estão instantemente exigindo.

Além da parte desta tarefa que propriamente pertence á escola ou antes á instrucção publica em geral, porção consideravel della incumbe a nós todos.

O Governo decretou os dias de festa nacional. Não os deixemos cair logo em desuso, como na monarchia. Que não sejam apenas um dia feriado, mas dias de festa, e que todos os annos, constantemente, os jornaes, os oradores populares, os mestres recordem e rememorem ao povo os factos que tornaram taes dias benemeritos da nossa consagração.

Um escriptor francez que nos intuitos mais nobremente patrioticos peregrinou pela Allemanha, o já citado padre Didon, diz que entre os meios de educação patriotica devem contar-se ali as festas nacionaes. E assim as descreve: «Enchem estas festas de regosijo a população inteira. Não lhes soa nenhuma voz, nem um grito discordante. As que testemunhei, algumas vezes testemunha contristada, respiram um ardente amor da patria. Tenho ainda de memoria o anniversario de Sedan em Augsburgo: as bandeiras palpitando em todas as janellas, o povo endo-

mingueirado, musica e concertos por toda a parte; na praça da matriz, o monumento funebre elevado aos soldados mortos durante a guerra de 1870, sumia-se debaixo das corôas, dos ramos de loureiro e das sempre-vivas.» «Assim se conserva, pondera o patriota francez, e cresce o patriotismo allemão, abrangendo todas as cousas, animando todas as instituições, enlaçando na unidade todos os filhos da raça germanica.» [1]

Não ha talvez povo civilizado, a excepção do nosso, onde os dias da patria não sejam verdadeiramente dias de regosijo publico, de festas nacionaes não só nos calendarios, mas na rua e no coração de todos os cidadãos.

Nos Estados-Unidos — exemplo que é preciso citar, pois são, como nós, um povo de hontem — é immenso e sempre enthusiasticamente manifestado o amor das suas tradições, o apreço pelas cousas patrias. O 4 de Julho é ali solemne e universalmente festejado. Ao seu Washington (é certo que são rarissimos os Washingtons) elevaram um dos mais altos monumentos do mundo, e de sua casa fizeram uma memoria e um museu civico. Os seus homens notaveis são-lhes objecto

[1] *Obra citada,* pag. 303.

de culto patriotico, e, com o caracteristico desvanecimento anglo-saxonio, por vezes augmentam e exageram-lhes os merecimentos, o que revê ainda o sentimento nacional.

Não descuremos mais nós tambem o que é nosso; suscitemos a educação civica donde sairá o sentimento nacional e com elle o amor da nossa patria, indispensavel para a fazermos grande, poderosa e invejavel.

---

II

# AS CARACTERISTICAS BRAZILEIRAS

Cumpre-nos ter a coragem de affrontar com a nossa situação, de dizer lealmente e completamente a verdade. *Ubi veritas, ibi patria,* ensinou o philosopho. É necessario, pois, esteja a verdade na patria, para que a amemos como deve ser amada — em toda a altivez do nosso amor.

Não é absolutamente exacto o cançado simile da patria e da mãi. Máo filho fôra o que saísse á praça com os vicios e defeitos daquella que lhe deu o ser. Essa, quando por angustiosa infelicidade elle não possa mais estimar, tem ainda a obrigação de venerar mesmo erradia, calando no fundo da sua alma e occultando com ciumento cuidado os seus descaminhos. Tal é o dever infallivel do bom filho.

Máo patriota, desleal cidadão fôra, porém, aquelle que sob não sei que falso pejo entendesse menos amar a patria dissimulando-lhe vicios e defeitos, cuja emenda está exigindo divulgados e conhecidos.

Não, a patria quer-se amada ainda com as suas maculas, ou, e direi melhor, com os senões e defeitos de seus filhos e de suas instituições, sob a explicita condição, porém, de que em prol de suas melhorias havemos de empregar todo o nosso amor e com elle todo o nosso esforço. Sei que no Brazil temos acaso abusado deste amor desligado de falsas conveniencias patrioticas— com tanto mais merecimento á censura que os esforços empenhados na extincção dos vicios accusados, não têm sido em relação nem com o numero, nem com a vehemencia das accusações.

Argúe desamor da patria este zelo de critica não seguido de mais forte e positiva vontade de regeneral-a, regenerando-nos nós em primeiro lugar. As virtudes e vicios de um paiz não são sinão as virtudes e vicios de seus naturaes. Reconhecel-os no paiz é inculcal-os nos seus filhos.

A patria, essa, na sua figura ideal e amada, paira acima dos nossos erros e das nossas paixões—atacar os vicios dos que a constituem

ainda é estremecel-a no filial desejo de a ver não só objecto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho.

Desse singular costume que nos põe a publicar-lhe os defeitos, em vez de melhoral-a melhorando-nos a nós mesmos, dirá este livro as causas, e dizendo-as procurará incitar-nos a todos nós brazileiros e principalmente áquelles que tomaram a si a empreza formidavel da nossa administração, a corajosamente removel-as.

Não basta estar, como até agora havemos feito, a pôr a nú, qual o sacrilego filho de Noé, ao que parece apenas pelo prazer do escarneo, as vergonhas do paiz; cumpre mais que tudo remedial-as, e abandonando as declamações tão de nosso gosto, pôrmo-nos franca e singelamente a servil-a, com a consciencia de um dever individual, religiosa, humilde, mas devotada e correctamente cumprido.

O brazileiro, radicalmente politico, no peior sentido desta palavra, teve o seu julgamento, e com elle o seu caracter pervertido, pela educação que lhe deram os partidos a que infallivelmente pertencia e a cuja indole — pois doutrinas e comportamento nunca tiveram distinctos — subordinava todos os pensamentos e acções da

sua vida social. Esta educação partidaria foi a unica especie de educação civica que tivemos.[1]

Desde a Independencia e consequente genese dos partidos politicos não conheceu a sociedade brazileira outra vida que não a vida politica e no que esta tem de menos elevado e nobre. Nunca tivemos vida commercial, porque o commercio esteve sempre e está ainda hoje em mãos estrangeiras; nunca tivemos vida industrial, porque não temos industria; nunca tivemos siquer vida agricola, porque a agricultura eram os escravos que a faziam; nunca tivemos vida militar, porque nem o exigiram as circumstancias especiaes do paiz, nem o consentiu a profunda aversão do nosso povo pelo militarismo, e, finalmente nunca tivemos vida intellectual, porque nunca tivemos movimento scientifico, movimento literario ou movimento artistico, e esses a um tempo factores e resultantes da civilização, a Sciencia, a Arte, a Literatura foram apenas apanagio de uma limitada minoria antes afastada que intromettida no movimento geral da nação, e jámais influenciaram a massa popular.

[1] Com se terem com a Republica extincto os partidos, pois se ainda não criaram outros, e a politica ficou a mercê da especulação individual ou de grupos oligarchicos, esse mesmo factor de educação civica desappareceu (1906).

Balda assim de estimulos de actividade e energia, determinados em qualquer sentido pela Industria, pela Sciencia ou pela Arte, mas em definitiva em proveito da patria, a sociedade brazileira limitou a sua exclusiva actividade á politica ou, e preferivel é a expressão, ao partidarismo.

Não é no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e artificial, que devemos estudar o Brazil, mas na provincia, no interior. É esse que é o Brazil, ou sejam quatorze milhões de habitantes contra os 500 mil da capital. [1]

Nada mais miseravel, mais triste, mais sem attractivos a não serem os da natureza, do que as povoações do nosso interior, condecoradas algumas, verdadeiras aldêas, com o pomposo titulo de cidades. Para todos os effeitos da vida dir-se-iam cidades mortas. Ha, porém, em todas ellas, ainda na mais humilde aldêa dos sertões do Pará ou de Pernambuco, da Bahia ou de S. Paulo, do Paraná ou de Matto Grosso, dous partidos, dous chefes, alguns cabos eleitoraes, os adeptos indispensaveis e, ao menos em vesperas de elei-

[1] No Brazil até hoje a estatistica de sua população é feita por palpite do nosso máu patriotismo. Esse elevaria facilmente aquelles algarismos a 20 e a 1 milhão, respectivamente (1906).

ção, uma vida relativa. Não acharieis ali algum genero indispensavel á vossa vida de perfeito civilizado, mas infallivelmente, mathematicamente encontrarieis o liberal e o conservador, inimigos politicos e particulares decididos e irreconciliaveis. Nenhum delles saberia por que era antes liberal que conservador e vice-versa, nem mesmo sobre os negocios locaes dar-vos uma opinião, sinão justa e sensata, ao menos propria e chã, não inspirada pelo seu partido e nelle corrente; ambos, porém, lá teriam os seus preconceitos, as suas idéas feitas, os seus juizos assentados, as suas paixões ás vezes violentissimas, o seu fanatismo partidario, e, caracteristica dominante, a ingenua crença na inerrancia do seu partido, com a fé profunda na indefectivel fallibilidade do outro.

Pois bem, desde esta aldêa perdida lá na margem de um recondito affluente do Paraguay ou do Paraná, do S. Francisco ou do Amazonas, ou debruçada nalguma pittoresca encosta dos Cariris, da Borborema, ou da Mantiqueira, até as capitaes mais adiantadas, a intuição politica é a mesma, absolutamente a mesma.

Imagine-se dahi a viciação dos juizos e finalmente do caracter que se não exercendo em nen-

huma outra especie de lucta sinão na chicana, na intriga, no mexerico politico — e fazendo da politica não um meio mas um fim — primeiro amollece, depois dilue-se, esvae-se, some-se, quando se não perverte e estraga.

É este o grande mal que corroe o corpo social brazileiro e envergonha a patria, verdade que precisamos dizer e aceitar si nos queremos sinceramente corrigir: não é principalmente a actividade physica, é antes a energia moral que nos falta e que torna negativas as boas qualidades que temos.

Somos, por exemplo, um povo honesto. Simples, sincero, modesto de gostos e de maneiras, desambicioso, conversavel, indolente e generoso, o brazileiro conserva-se em geral estranho ás desmarcadas ambições que vemos em outros povos, como a certos vicios que as qualidades contrarias entre elles desenvolvem. Os nossos estadistas, nada obstante as calumniosas accusações que os partidos contrarios systematicamente faziam sem outro intuito que atacal-os para irem por sua vez ser por elles injuriados, os nossos estadistas, cujo modestissimo trem de casa podia competir com o dos fundadores da republica americana, deixaram sempre o poder as mais

das vezes mais pobres do que para lá foram. Quando foi pelo Governo provisorio da Republica dissolvido o Senado, uma folha do Rio de Janeiro deu algumas informações sobre os recursos que tinham ou os meios de vida que iam tentar alguns desses homens envelhecidos no manejo dos negocios publicos, homens que foram deputados, que foram senadores, que foram ministros, e que agora para viver tinham de recomeçar uma profissão ou limitar-se a escassos meios. O Visconde do Rio Branco, ministro plenipotenciario, ministro da fazenda, presidente do Conselho de ministros, deputado, senador, conselheiro de estado, morreu menos que pobre, sendo a sua familia immediatamente obrigada a vender-lhe os modestos moveis e a livraria, e seus amigos a fazer uma subscripção para ajudal-a a manter-se. O Visconde de Itaborahy, o Conselheiro Francisco José Furtado, o Conselheiro Buarque de Macedo, e muitos outros morreram na extrema pobreza, e o contrario disso é entre nós extraordinaria excepção.

Entretanto o Brazil tem estado longe de ser bem governado. Esses homens honestos fizeram sempre uma politica cuja immoralidade só é talvez ultrapassada pela dos Estados-Unidos; e isto

por essa falha de caracter, essa falta de energia, de decisão, de iniciativa, de combatividade, direi, que faz com que o homem que á honestidade reune o caracter, não se contenta só em ser elle honesto mas obriga a sel-o tudo e todos que delle dependem.

A proverbial desorganização e relaxamento da nossa administração publica, ao mesmo defeito e não á corrupção moral deve ser principalmente attribuida. Si a nossa desprotegida magistratura que os poderes publicos pela exiguidade dos vencimentos que lhe pagam collocaram entre a dependencia e a miseria, levanta geraes queixas no paiz, taes queixas rarissimo tomam a fórma de accusação de peculato, e vêm immediatamente desculpadas com reparos caracteristicos a indicarem tibiezas de caracter, deixando-se influir por considerações alheias ao lucro sordido. E desta sorte vão, apezar da nossa vulgar honestidade, todos os nossos serviços.

Uma das causas da liberdade ter no Brazil quasi degenerado em licença, sendo o governo quem mais della abusava, foi esse defeito do caracter nacional que tornou possivel com o desleixo e o desmazelo todas as condescendencias. A nossa indulgencia tão peculiar por certos fa-

ctos criminosos e actos condemnaveis, de que os nossos tribunaes do Jury e outros tantos exemplos nos offerecem, não é, como acaso se poderia suppôr, fructo de uma perversão da moral, sinão da debilidade e extrema bonhomia do nosso caracter. No Brazil as associações que por sua natureza ou regra deviam escrupulizar na admissão dos associados, não têm melhor pessoal que as abertas a todo o mundo, porque os associados aceitam infallivelmente todas as propostas ou por nimia e complacente bondade, ou por se não comprometterem, não criarem um desaffecto, ou outra desculpa em que se revê a fragilidade do animo.

Nacionaes e estrangeiros que se têm occupado da demopsychologia brazileira estão todos de accôrdo em reconhecer como a dominante de nosso caracter a indifferença, o desanimo, a passividade, a fraqueza, em summa.

«Não se póde talvez dizer, escreve o illustre autor da *Historia da Literatura Brazileira,* que o brazileiro tomado individualmente, seja descuidoso de si proprio; considerado, porém, em geral, como typo sociologico, o povo brazileiro é apathico, sem iniciativa, desanimado. Pareceme ser este um dos primeiros factos a consignar

em a nossa psychologia nacional. É assignalavel a propensão que temos para esperar, nas relações internas, a iniciativa do poder, e, no que é referente á vida intellectual, para imitar desordenadamente tudo quanto é estrangeiro, *scilicet,* francez. A nação brazileira não tem em rigor uma fórma propria, uma individualidade caracteristica, nem politica, nem intellectual.» [1]

Ha cinco annos dizia de nós um geographo allemão: «A peior feição do caracter brazileiro é a negação ao trabalho regular; pois isto é que concorre para a terra se desenvolver tão demoradamente, e para o nacional a todo esforço de adiantar que lhe perturba o *dolce far niente* responder com o estereotypado: Paciencia. Nem uma palavra se emprega talvez mais no Brazil do que essa.» [2] E tratando da religião no Brazil argúe claramente a nossa indifferença.

Herndon, official da marinha americana que por ordem do seu governo fez com Gibbon em 1850 uma exploração no valle do Amazonas, occupando-se do povo do Pará, depois de assen-

1 Sylvio Roméro, *Historia da Literatura Brazileira,* Rio de Janeiro, 1888, pag. 124-125.

2 A. W. Sellin, *Geographia geral do Brazil,* trad. por Capistrano de Abreu, Rio, 1889, pag. 104.

tar a sua desambição, o seu amor de nada fazer e a sua satisfação em apenas gozar sem trabalho os fructos espontaneos da terra, indifferente a toda concurrencia e contente desde que tem chá ou café, cigarros e a rede, e notar que no Pará os crimes são muito raros, observa, não sem graça: «Provavelmente o povo é demasiado indolente para ser máo.» [1]

Estudando com admiravel perspicacia e discernimento as cousas politicas do Brazil, em um artigo prophetico, publicado na *Revista de Portugal*, o aprimorado escriptor brazileiro, Sr. Eduardo Prado, nota como o nosso povo tem-se conservado estranho aos nossos mais notaveis acontecimentos, e apropositadamente reflecte: «Esta inacção, esta não interferencia do povo verdadeiro, das grandes camadas da população brazileira nos acontecimentos publicos, é sempre observada. Um pintor brazileiro, Pedro Americo, no seu grande quadro *A Proclamação da Inde-*

[1] Herndon and Gibbon, *Exploration of the Valley of the Amazon*, Washington, 1853, I, pag. 344. É tambem, sob outra fórma e com outra applicação, o sentir do Sr. Joaquim Nabuco quando no vol. I da *Vida* de seu pai observa excellentemente que: «A igualdade que reina em nossa sociedade é um effeito da indolencia e não uma virtude que custe o menor sacrificio ou revele generosidade de sentimentos.»

*pendencia do Brazil,* retraçou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. Vê-se nessa pintura o Principe Regente, a cavallo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis-homens da sua camara, de varios capitães-móres e de officiaes de ordenanças. Os couraceiros, os officiaes, os da côrte brandem as espadas ou agitam os chapéos, e no quadro ha a vida admiravel daquelle momento historico. A um canto, um homem de côr guiando um carro, arreda os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado de uma tarde que cae sobre a paizagem melancolica, um homem do campo, um *caipira*, retem o passo á cavalgadura e voltando tranquillamente o rosto vê, de longe, a scena que não comprehende. Esses dous homens são o povo brazileiro, o povo real... » [1]

De tres ordens de factos derivam estas caracteristicas brazileiras: a ethnogenia, isto é, as origens ethnographicas e historicas; a geographia, ou a acção da terra sobre o homem; a educação, isto é, a influencia da sociedade sobre o cidadão.

[1] *Destinos Politicos do Brazil*, in *Rev. de Port.*, vol. I, pag. 470.

Somos o producto de tres raças perfeitamente distinctas. Duas selvagens e portanto descuidosas e indifferentes como soem ser nesse estadio da vida, e uma em rapido declinio depois de uma gloriosa, brilhante e fugaz illustração. Quando iniciou a colonização do Brazil, começava a gente portugueza a experimentar os symptomas da perversão moral que fez logo resvalar os heroicos batalhadores da Peninsula e d'Africa, os ousados navegadores do mar tenebroso, os mestres de Colombo, nos cupidos tratantes da India. Martim Affonso de Souza, o grande explorador da costa brazileira, o fundador de S. Vicente e o mais bem aquinhoado dos donatarios das primitivas capitanias, foi ao depois nas conquistas da Asia um dos mais infamados concussionarios.

Amollecido na rapina da India, como os hespanhoes na do Perú e do Mexico, imbecilizado nos faceis prazeres das terras conquistadas; de um lado enfreado pela temor da Inquisição e de outro enervado pela educação jesuitica, o povo portuguez decaía visivelmente na época da colonização, para a qual, é de notar, ainda cooperou com os seus peiores elementos.

Da nossa vida politica no periodo da formação da nacionalidade, pertinentemente escreve

notavel escriptor: «O povo não tinha vida autonomica, nem tinha iniciativa; a justiça lhe era ministrada como um favor do monarcha. As sesmarias territoriaes eram concedidas aos portuguezes, que tambem monopolizavam o commercio. Na ordem puramente intellectual, a educação era jesuitica; desenvolvia-se a memoria com prejuizo do raciocinio. A escravidão no seio das familias veio consolidar este complicado systema de abatimento, de alheação da vida independente. Desde o principio, toda a população dividiu-se em duas grandes classes: senhores e escravos. Aquelles eram portuguezes, ou seus descendentes; os outros—os negros e os indios! Os mestiços destas duas classes, quando livres, eram tratados com rigor, porque se tinha certeza de encontrar sua origem nas senzalas... As décadas foram passando; e o tempo foi robustecendo esta obra da injustiça e da extorsão. Dahi saíu o imperio do Brazil, paiz de senhores, de grandes, de magnatas; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra! E como Portugal foi sempre uma feitoria ingleza, nas relações exteriores nós o somos tambem, e nas internas governa-nos ainda o reino com todos os seus abusos, com todos os seus prejuizos. A nossa independencia,

sendo um facto historico de alcance quasi nullo, não tendo aqui havido uma revolução que afogasse os velhos preconceitos, não nos abriu uma phase de autonomia e liberalismo.» [1]

Agassiz, nas suas sensatas e ainda agora aproveitaveis impressões geraes do Brazil, nota com razão que a administração das nossas provincias era, como entre os romanos, organizada principalmente no intuito de reforçar a autoridade. [2] Podera accrescentar que ella concorreu muito por esse facto não só para o lento desenvolvimento dos recursos materiaes do paiz, como elle aliás reconhece, mas para lisonjear a nossa natural imprevidencia e falta de iniciativa.

As condições geographicas do Brazil, assás concorreram para a accentuação e desenvolvimento dessas caracteristicas. Invejavelmente fertil, sinão prodigiosamente uberrima, a nossa terra é principalmente rica de productos naturaes, de facil cultivo e recolta, dispensando assim esforços e trabalho. Este pouco mesmo, ahi estava o escravo para fazel-o, livrando quasi totalmente a população civil da obrigação de trabalhar. As

1 Sylvio Roméro, *Obra citada*, pag. 119.

2 Agassiz (Mr. et Mme.), *Voyage au Brésil*, trad. F. Vogeli, Paris, 1869, pag. 495.

condições climatericas, por seu lado, annullando a necessidade de agasalhos e tornando mais supportaveis as exigencias physiologicas da vida pela menor actividade das combustões, auxiliou o pendor á indolencia que ellas mesmas, principalmente do Rio de Janeiro para o norte, criavam, debilitando forças e enervando esforços, que a escravidão estava prompta para dispensar de se exercerem.

A educação desde o principio foi a da indolencia e de um fatuo menosprezo do trabalho. A primitiva sociedade, composta de máos elementos, quasi não podendo constituir familia sinão pelo concubinato, occupando-se exclusivamente de interesses materiaes e de momento, certo, carecia de requisitos para se occupar da educação das gerações que iam nascendo. Essa sociedade achou-se logo com um elemento terrivelmente deleterio em seu seio, a escravidão.

Não é possivel exagerar os males que nos trouxe a escravidão. Durante trezentos annos refestellamo-nos no trabalho, primeiro do indio depois do negro. Queiram os destinos do Brasil que não nos seja preciso tanto tempo para livrar-

mo-nos de uma vez do funestissimo veneno da maldita instituição, que pela indefectivel lei da justiça na historia, que quer todo o erro traga em si o seu castigo, ainda hoje nos pesa e avexa! Não sómente abolindo como degradando o trabalho, a escravidão consummou em nós a morte de todas as energias, já enfraquecidas pelo clima e viciadas pela hereditariedade.

Extincta a escravidão india, o africano alegre, descuidoso, affectivo, metteu-se com a sua moralidade primitiva de selvagem, seus rancores de perseguido, suas idéas e crenças fetichistas, na familia, na sociedade, no lar. Invadiu tudo e immiscuiu-se em tudo. Embalou a rede da *sinhá*, foi o pagem do *sinhô-moço,* o escudeiro do *sinhô*. Ama, amamentou todas as gerações brazileiras; mucama, a todas acalentou; homem, para todas trabalhou; mulher, a todas se entregou.

Não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais corumins, victimas consagradas aos caprichos do *nhônhô*. Eram-lhe o cavallo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados.

As meninas, as moças, as senhoras tinham para os mesmos misteres, as mucamas, em geral creoulas e mulatas.

Nunca se notou bastante a depravada influencia deste peculiar typo brazileiro, *a mulata*, no amollecimento do nosso caracter. « Esse fermento de aphrodisismo patrio», como lhe chama o Sr. Sylvio Roméro, foi um dissolvente da nossa virilidade physica e moral. A poesia popular brazileira nol-a mostra, com insistente preoccupação apaixonada, em toda a força dos seus attractivos e da sua influencia. O povo amoroso se não fatiga em celebrar-lhe, numa nota lubrica, os encantos, que elle esmiuça, numa sofreguidão de desejos ardentes. Canta-lhe a volupia, a magia, a luxuria, os feitiços, a faceirice, os dengues, os quindins como elle diz na sua linguagem piegas, desejosa e sensual. Decididamente ella atormenta a sua inspiração, e os poetas, Gregorio de Mattos á frente, fazem della com mais franqueza e mais sensualidade no desejo, a Marcia ou a Nize de seus cantos.

Na familia é a confidente da *sinhá-moça* e a amante do *nhônhô*. Graças principalmente a ella, aos quatorze annos o amor physico não tem segredos para o brazileiro, iniciado desde idade mais tenra na atmosphera excitante que lhe fazem em torno, dando-lhe o banho, vestindo-o, deitando-o.

Molle pelo clima, molle pela raça, molle por esta precocidade das funcções genesicas, molle pela falta de todo trabalho, de qualquer actividade, o sangue pobre, o caracter nullo ou irritadiço e por isso mesmo inconsequente, os sentimentos deflorados e pervertidos, amimado, indisciplinado, mal criado em todo o rigor da palavra — eis como de regra começa o jovem brazileiro a vida.

Que livro soberbo ha a fazer sobre a educação desse rapaz desde o berço até ministro de estado, por exemplo! Qual será o fino psychologo e elegante estylista, mas de um espirito bem brazileiro que, sem as exagerações e idéas preconcebidas de certa escola, nos dê esse quadro verdadeiramente nosso, que, como tantos outros, falta, devido á nossa fatal tendencia de imitação estrangeira, á literatura nacional! Quem nos mostrára a acção constante e poderosa e invencivel na nossa vida social do *empenho* a inutilizar todos os esforços, a nullificar todas as actividades, a entibiar todas as boas vontades, descoroçoadas pela certeza de uma concurrencia insuperavel! E nos pintára a falta de energia para o trabalho, o amor da vida facil, o habito da mentira, a imbecillidade physica e moral

forrando-se á lucta pelo rebaixamento de todas as justas altivezas, mendigando protecções, aceitando tutelas, assoalhando baixezas! Fazendo os preparatorios por empenhos, fazendo os annos academicos por empenhos, formando-se por empenhos e por empenhos de toda a casta e de toda a gente, trahidos os principios proclamados, desertado o dever, desprezados os escrupulos, mettendo-se aqui, apparecendo acolá, até surgir-nos nas cumieiras sociaes ou, vencido por outro de melhores empenhos, desapparecer, sumir-se num cargo miseravel ou pingue, conforme lhe sorriu ou não a deusa que favorece os audazes! Mas, continuemos...

Educação publica, que realmente este nome mereça, já o disse, não ha no paiz. Ha instrucção publica, que é cousa differente. As tendencias herdadas e adquiridas dos diversos elementos que vou analysando, não encontram estorvo e empecilho em qualquer especie de cultura que procurasse systematicamente reagir contra ellas.

A vida publica de preferencia as estimula e lisonjêa. A politica é hoje por toda a parte mais ou menos a mesma cousa, «a mãi das frazes ôcas, da declamação, das idéas lobregas, do máo

estylo e das paixões injustas», [1] um fim e não um meio. No Brazil, porém, sendo tudo isso, não tem ao menos a vantagem de ser uma excitadora da opinião, um estimulante ás energias sociaes.

Os *meetings*, os comicios, os discursos, as orações que fóra daqui congregam os cidadãos de todas as opiniões em torno de um orador, nos parecem a nós aquem de um homem de alto valor politico e são meios apenas a medo e raro tentados por estreantes, ou antes por especuladores da aura popular. Aqui a politica se faz em curriculos, em conventilhos, em parcerias. O povo, a grande massa dos cidadãos, limita-se a votar, sem discutir nem ouvir discutir.

A esta viciosa educação politica accresce a escacez do eleitorado que até dous annos era apenas de pouco mais de 200 mil eleitores, em uma população de cerca de 15 milhões de habitantes.

O que esperar de nós, pois, sinão a indifferença — por aquillo a que somos quasi todos forçados a ser indifferentes?

Dous aspectos principaes notava eu por occa-

1 Jules Lemaître, in *Rev. Polit. et Lit.*, 1885, pag. 610.

são da proclamação da Republica[1] — e tristemente caracteristicos, resaltam da attitude do nosso povo em face do movimento donde saíu a Republica: a sua profunda indifferença, tão dolorosa aos espiritos preoccupados do futuro da patria, e a falta absoluta de fé nos principios e de fixidez nas crenças, ainda na vespera apregoadas e mantidas.

« Si dessa carencia de virilidade moral, que aquelles factos traduzem, foi a monarchia a fautora ou a causa, recebeu ella o justo castigo do seu erro, pois que, aqui no Pará ao menos,[2] caíu no meio da mais glacial, da mais profunda, da mais completa indifferença.

« A sinceridade, porém, obriga a reconhecer que á proclamação do novo governo, exceptuando os seus autores, os membros do Club Republicano, os militares e alguns adventicios promptos a festejarem todos os successos, acompanhou a mesma indifferença.»

[1] Esse trabalho ficou inedito. Dá-se esta parte por ser uma impressão de momento.

[2] Por toda a parte, dizem noticias insuspeitas, foi o mesmo. É conhecida a carta do Sr. Aristides Lobo, primeiro ministro do interior da Republica, dizendo a mesma cousa do povo do Rio de Janeiro, que, conforme a sua frase, assistiu *bestificado* aos acontecimentos.

Á falta de educação publica e de educação politica que acaso poderiam ter modificado a indole dos antepassados herdada e, por condições geographicas, sociologicas e mesologicas desenvolvida, ha que juntar a ausencia de estimulos exteriores, como fossem por um lado as guerras ou a concurrencia estrangeira ás industrias e commercio nacionaes, de outro as manifestações collectivas com que os povos que tem o culto das tradições, da patria ou de certos habitos e costumes se aggremiam e reumem em festas, em jogos, em solemnisações de grandes dias e grandes feitos.

«Causou-nos sempre — já notava eu, perdoem-me lembral-o, ha dez annos[1] — e causa-nos ainda profunda impressão, o caracter frio, sem enthusiasmo, sem vida, das nossas festas, tão em contradicção com a nossa esplendida natureza... Os grandes dias nacionaes, passam-nos despercebidos, quasi esquecidos. Que sentimento desperta a data da nossa independencia, essa data tão festejada por todos os povos? Nenhum; o povo vê-a passar todos os annos com um indifferentismo glacial. Será por convicções poli-

1 *Liberal do Pará*, 12 de Janeiro de 1879.

ticas? Os outros dias nacionaes, 25 de Março, o juramento da Constituição; 7 de Abril, uma bella pagina da nossa historia, a expulsão de Pedro I, nem são lembrados sinão por algum jornalista obrigado pela sua profissão a uma noticiazinha, ou pelo mundo official. Acaso este povo nega o seu apoio moral á lei fundamental do imperio, ou pensa que o que fizeram os homens de 1830 foi um erro politico? Duvidamos.

« Mas então porque os grandes dias da patria, que despertam lá fóra o enthusiasmo mais ruidoso nas grandes festas populares com que se solemnizam esses dias, aqui conseguem apenas accender algumas pallidas e tremulas luminarias em cuja luz vacillante parece retratar-se a tibieza das crenças daquelles que as accendem?»

As unicas festas que reunem periodicamente o nosso povo, e onde elle se encontra unido pela solidariedade da mesma crença e das mesmas tradições, são as religiosas, ou antes, de igreja, essas deprimentes pela extrema licenciosidade que nellas reina, e de nenhum modo capazes de acordar no povo um éco siquer do sentimento nacional. Assim as do *Bomfim* na Bahia, da *Pe-*

*nha* no Rio, do *Rosario* no Maranhão, de *Nazareth* aqui.[1]

Taes são, mal ditas, mas sinceramente e de boa fé expostas, a nossa situação moral e as principaes, e, para o objecto deste livro essenciaes, feições do caracter nacional. Não ha ahi esmiuçar novidades, e muito menos escandalo. O imperfeito esboço foi arranjado com côres, tintas e linhas conhecidas, vulgarissimas e triviaes. Offerecem-se á apreciação de cada um, que o não queira fazer do natural, nos trabalhos dos viajantes desde Saint-Hilaire e Martius até Agassiz ou Burton e em todos os escriptores brazileiros, que não vivendo exclusivamente dos defeitos da nação não tiveram jámais a peito lisonjeal-os ou escondel-os. Nem hostilidade contra nós, nem falta de patriotismo, reçumam das apreciações de uns e de outros. «Consiste por ventura o patriotismo, perguntarei como um valente e terso escriptor brazileiro, em negar impudentemente uma verdade conhecida por tal, ou antes confessar nobremente o mal, e dá grandeza delle tirar

1 Veja-se o interessante livro do Sr. Mello Moraes Filho, *Festas populares do Brazil*, Rio de Janeiro, 1888. Pena é que esquecesse a nossa de *Nazareth*, talvez a mais caracteristica do Brazil.

motivo e occasião para reclamar a emenda e reforma a grandes brados? [1]» Não ha negar os fructos colhidos dessa propicia franqueza de uns e de outros. Alguma cousa, infelizmente pouca ainda, havemos feito por melhorar. Não é deslembrando o diagnostico, que se podem aproveitar os recursos da medicina. Dizer-nos a nós mesmos os nossos defeitos e vicios, é já um passo para corrigil-os. O exame de consciencia, independente da confissão, é para os individuos e para os povos, um salutar recurso moral. Feito esse, cumpre, para não ser inutil e vão, procurar na pratica das virtudes contrarias aos peccados reconhecidos, a regeneração, não pelas palavras, sinão pelos actos.

---

[1] João Francisco Lisboa, *Obras*, Maranhão, 1864, tom. I, pag. 428.

III

# A EDUCAÇÃO DO CARACTER

A educação não é de certo, como inculcaram apostolos demasiado convictos, uma panacéa, mas é sem contestação poderosissimo modificador. Tristemente, mas triumphantemente, as estatisticas demonstraram a falsidade da asserção que começava a adquirir fóros de axioma, que abrir escolas era fechar prisões. Mas, discutindo o valor dos methodos e systemas, nenhum pensador ha que sem paradoxo discuta e deprecie a proficuidade da instrucção e a acção modificadora da educação.

Como a intelligencia, como a sensibilidade, como o proprio corpo, o caracter póde educar-se e de facto educa-se, isto é, toma na mesma vida commum esta ou aquella direcção, estas ou aquel-

las tendencias, segundo as diversas influencias que sobre elle actuam.

Dada a passividade do caracter brazileiro, feito de indolencia, de indecisão, de indifferença, de inactividade, é dever não do governo — que é preciso refuguemos de nós esta preoccupação do governo, não da administração — que não é sinão nossa delegada, mas de todo brazileiro, pela sua acção domestica e pela sua acção civil, promover com a tenacidade de uma convicção profunda a educação do caracter nacional.

Sendo o caracter o conjuncto das qualidades moraes, a educação do caracter não é sinão o desenvolvimento do que na pedagogia pratica chamamos cultura moral, ou si quizerem, não é sinão a generalização desta fórma da educação escolar.

A educação do caracter, entretanto, é principalmente fóra da escola que se faz. Concorrem para ella não só a educação moral ali recebida em fórma de preceitos, de regras, de exemplos, de conselhos, de commentarios moraes de factos da vida escolar ou da mesma historia, como a educação physica, que enrija o corpo e solidifica a saude, garantindo o moral de enervamentos, debilidades e nervosismos; a educação

domestica, por ventura o mais poderoso agente da cultura moral e, finalmente, o meio, isto é, o complexo de forças physicas e moraes que sobre nós actuam : a sociedade, a leitura, as festas, a religião, a arte, a literatura, a sciencia, o trabalho.

Si é verdadeira a doutrina materialista que aos trinta annos, soldando-se as suturas craneanas, o cerebro, adquirindo sua fórma definitiva, torna impossivel as variações do caracter, a educação deste póde-se fazer até aquella idade e em outro meio que não o meio escolar.

Essa educação, claro está, deve começar, sinão desde o berço, conforme quereriam alguns, ao menos desde os tres annos, na familia. Nenhum meio mais proprio e mais conveniente do que esse para encetar a educação do caracter da criança, e lançar na sua alma os germens que hão de desenvolver-se mais tarde no adolescente e no homem.

A constituição da familia brazileira, profundamente viciada pela escravidão, resente-se ainda de graves senões, entre os quaes o mais saliente é a ausencia da acção feminina. Os antigos habitos portuguezes de proscrever a mulher não só da sala mas de todas as relações sociaes e domesticas, adoptamol-os peiorando-os. Banida da

sala, como com tanta insistencia notou o observador Saint-Hilaire,[1] a brazileira, afastada de quaesquer convivencias educadoras de sociedade e não podendo por outro lado viver sem relações, procurou-as na funesta intimidade dos famulos. É incalculavel a influencia que as mucamas tiveram na familia brazileira, como foi profundissima a sua acção deleteria. E este isolamento da brazileira não era apenas, por assim dizer, material, sinão moral, pois criada num bruto respeito do marido, não tinham suas relações caracter algum de intimo e igual convivio.

Não ha ainda muitos annos em toda a extensão do Brazil interior ella não vinha á mesa, e não sei si hoje se não encontrariam lugares onde perdure esse costume. Facto caracteristico, a esposa brazileira tratava em geral o marido por *senhor*, e tutearem-se dous casados seria, até bem pouco tempo, rarissimo.

Junte-se a estes habitos herdados de Portugal e aqui, repito, peiorados pelo sociedade que a mulher encontrava fóra das salas em que não a deixavam entrar, a influencia directa e indirecta

[1] Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, 1830, I, pag. 152, 210 e *passim*.

de duas raças selvagens, nas quaes, segundo a lei geral ethnologica, a mulher tem sempre um papel menos que secundario[1] e ter-se-á claramente explicada a posição da mulher brazileira.

Ora, na familia a acção da mulher é maior que a do homem, não só por essa atmosphera de amenidade e delicadeza que esta cria ao redor de si, como pela sua muito maior permanencia no lar e portanto mais constante e duradoura influencia. Este facto só da posição da mulher na familia brazileira já deixa ver quão deficiente sinão dissolvente foi entre nós a educação domestica como educação de caracter.

A mãi brazileira, como se acha notado em todos os nossos romancistas, é fraca. O seu amor maternal, sem energia como todos os seus sentimentos, é indiscreto e revela-se sobretudo pelo mimo, por um excessivo carinho e uma hysterica apprehensão que apenas consente ao filho arredar-se de suas saias ou do regaço de uma ama. No Brazil não é raro vêr uma criança de tres e quatro annos ainda ao cóllo. Falar a uma mãi brazileira em fazer seu filho acordar cedo, metter-

[1] Ch. Letourneau, *La Sociologie d'après l'ethnographie*, Paris, 1880, cap. X.

se num banho frio, correr, andar, saltar, não comer guloseimas a toda a hora, é arranjar-se uma desaffeição.

A educação moral reduz-se a desenvolver e fortificar o altruismo e modificar e diminuir o egoismo.

A educação do caracter, pois, que é a mais elevada fórma da educação moral, deve começar pela educação das primeiras manifestações do altruismo na criança. Cumpre desenvolver e educar nellas a affeição, a necessidade de caricias, a compaixão pelo soffrimento, a liberalidade, a sympathia, em summa, aquillo que um autor chama as emoções sociaes.[1]

Até agora o facto já notado de haver em cada familia um moleque ou moleques que eram os companheiros de brinquedos dos *sinhôzinhos* e as victimas de suas maldades, especies de *leva-pancadas,* sobre os quaes elles derivavam as suas coleras infantis, viciava sobremaneira logo esses instinctos, pela concurrencia da má educação e dos máos habitos que teria o moleque, como pelos instinctos máos, depravados mesmo, que criava na criança o prazer innato nella de bater alguem

1 B. Perez, *L'Éducation dès le Bercèau,* Paris, 1880.

ou alguma cousa. A sensibilidade se lhe embotava logo, não sómente a sensibilidade objectiva, isto é, a que faz sentir pelos outros, mas a sensibilidade subjectiva, a que nos faz sentir-nos nós mesmos. O moleque desvergonhado que apanhava, ria, chorava e entre lagrimas ás vezes era obrigado a continuar o brinquedo, certo não dava á criança uma idéa elevada do brio e da dignidade, e como na criança a imitação tem uma grande influencia sobre o desenvolvimento das suas faculdades moraes, do seu caracter, [1] o resultado dessa convivencia funesta era assemelhal-a ao moleque.

O habito de mandar, desde a tenra infancia, por sua vez, bem longe de fortificar o caracter, o deprime, não só porque perverte a noção da autoridade que faz arbitraria e apenas no privilegio fundada, como porque deshabitua a actividade propria e fia tudo da energia alheia.

O mais arduo problema e o mais delicado na educação do caracter é, acaso, o da educação da vontade. Entre nós, nenhum mais momentoso — porque, como ficou dito e indicado, a indecisão, a falta de iniciativa, a inconsequencia na

1 Alexandre Martin, *L'Éducation du caractère*, Paris, 1887, pag. 88.

acção, são das mais palpaveis caracteristicas brazileiras.

A difficuldade grande da educação da vontade está em achar o justo limite entre a vontade, energia necessaria e util, e a vontade, energia desordenada e prejudicial. Ha pais e educadores que entendem que bem educar é em tudo contrariar a criança, quebrando-lhe a vontade e fazendo-a teimosa; outros pensam que devem, para avigoral-a, consentir em tudo e satisfazel-a sempre. Erradissimas são ambas as maneiras de conceber a educação da vontade.

Entre nós, é preciso lisamente reconhecer, a educação domestica é defeituosissima. É excessivamente frouxa, apezar do abuso dos castigos corporaes, frouxidão que é ainda resultado do nosso caracter indifferente e lasso. Educar bem uma criança é difficillima tarefa. É um trabalho de todos os dias, de todos os instantes; trabalho de observação, de experiencia, de penetração, de paciencia. Nenhum porventura exige mais continuidade e sequencia, e como em geral somos incapazes dessas qualidades, cedo cançamos ás primeiras e certas difficuldades, e repetimos a fraze habitual: *Deixa estar, a escola* (ou o collegio) *te ensinará*...

Na educação da vontade a solução do problema está não em contrarial-a mas dirigil-a, e em desafial-a a exercer-se sobre cousas uteis e boas. «Si quizermos, diz um psychologo de crianças, comprehender a significação dos actos de uma criancinha, e dirigir sua vontade em um sentido util e progressivo, devemo-nos bem compenetrar que todas as suas tendencias, sejam quaes forem, saem do egoismo e nelle se transformam.» [1] Assim a questão é determinar as tendencias egoisticas de cada acto de vontade na criança, e atacar a tendencia e não o acto. O modo de atacal-a é questão de geito e delicadeza, de modo a conseguir-se que a vontade, em vez de ser violentada, se exerça ainda reagindo contra si mesma. A criança que primeiro quiz e depois, cedendo a uma doce violencia, diz não quero mais, exerceu incontestavelmente a sua vontade, com outra vantagem, a de realizar a suprema victoria humana, qual a de vencer-se a si mesmo.

Quando a criança, porém, fôr apathica, indolente, cumpre desenvolver-lhe a vontade, a qual não é sinão uma maneira de ser da energia,

[1] Bernard Perez, *La Psychologie de l'enfant*, Paris, 1882, pag. 342.

incitando-a e procurando desafiar nella o sentimento do brio, da dignidade e da honra. Ella não quer brincar, incitae-a a brincar, mostrae-lhe as outras que brincam, brincae com ella, fazei-lhe sentir o attractivo dos brinquedos, arrastae-a brandamente e persuasivamente a brincar.

Ha crianças — e entre nós por virtude da hereditariedade são communs — cuja vontade activa e imperiosa ao principio, á primeira difficuldade desfallece. É preciso não consentir nesse desfallecimento. Cumpre animal-as, encorajal-as, ajudal-as mesmo um poucochinho, deixando-lhes comtudo o trabalho maior e, vencidas as difficuldades, festejar com ellas o triumpho. Na educação do caracter, a disciplina domestica é o agente principal. Essa disciplina carece de ser a um tempo severa, benevolente e constante, e não ter outro movel sinão o interesse da criança, porque, conforme judiciosamente pensa um pedagogista já citado, « a disciplina deve ser feita para corrigir as crianças de seus máos instinctos e melhorar-lhes o caracter, não para proporcionar aos pais e aos mestres uma tranquillidade que o arduo trabalho da educação não admitte, nem para diminuir o mais possivel a sua respon-

sabilidade.» [1] Essa é a primeira regra da educação.

No Brazil, saído do duro e como quer que seja inintelligente systema de educação portugueza, caímos, por influencia de idéas francezas, no extremo opposto. A licença que começava a caracterizar a liberdade no Brasil, é apenas o prolongamento no Estado do systema familiar. Na familia tambem confundiu-se licença com liberdade. Ora a melhor instructora da liberdade não é a licença, é a disciplina, imposta como um dever moral cujo exacto cumprimento eleva e não rebaixa quem a elle se sujeita.

Sob o pretexto de *educação moderna* tudo foi permittido, e a facilidade de tudo fazer em vez de, por exemplo, educar a vontade, enfraqueceu-a porque na vida pratica essa vontade amimada quebrantava-se ás primeiras contrariedades.

É indispensavel não confundir a vontade com a voluntariosidade. A vontade é uma das forças vivas do caracter, é a somma de todas as energias moraes dirigidas no intuito da obtenção de um resultado que a educação moral se deve esfor-

[1] Alex. Martin, *Obra cit.*, pag. 262.

çar para que seja sempre util e honesto. A voluntariosidade é o máo lado dessa virtude, é o capricho ridiculo que faz a criança exigir a lua ou não querer beber sinão no copo do taberneiro defronte, segundo a conhecida anecdota brazileira. Póde-se affirmar que todo o voluntarioso é um homem sem vontade, porque só a exerceu caprichosamente, inconstantemente, variando de objecto a cada obstaculo, isto é, sempre, porquanto a exercerá principalmente sobre factos nem sempre possiveis. Ora este perennal quebrantamento da vontade, não é, certo, o melhor meio de fortifical-a.

O melhor argumento, porém, contra o systema em geral entre nós adoptado (ou, diria eu melhor, da falta de systema) de consentir em tudo afrouxando até o relaxamento a disciplina, é que os povos mais viris, mais fortes e mais energicos são aquelles cuja educação domestica e publica não afrouxou a disciplina e manteve em todo o seu prestigio a autoridade do mestre e da familia —os inglezes, os allemães e os americanos.

Obedecendo é que se aprende a mandar, e esta verdade não escapou á profunda experiencia popular que a reduziu ao anexim: *quem não sabe fazer, não sabe mandar*. «Os que mais sou-

beram obedecer emquanto na infancia, diz Alex. Martin, não são os que mostram menos energia na vida social, com a condição, porém, de lhes não haverem enervado a vontade vedando-lhes, por uma intervenção pertinaz, os meios, digamos assim, de a educarem.» [1] Si o habito de mandar desenvolvesse a energia, o brazileiro seria um dos homens mais energicos, porque desde a primeira infancia elle não fez outra cousa. Em algumas terras do Brazil até o cachimbo ou o cigarro era acceso por um escravo! [2]

No ponto de vista social, que mais nos occupa neste trabalho, é urgente no Brazil modificar esta parte do nosso anarchico e defeituoso systema de educação, estabelecendo a disciplina domestica e a escolar, desde o ensino primario ao superior, como o indispensavel tirocinio para a disciplina social, base da segurança do Estado.

1 *Obra cit.*, pag. 256.

2 É caracteristica a anecdota brazileira:

— « Moleque ! . . .

— « Sinhô ! . . .

— « Dize a este gato que sape . . . »

Na Amazonia existe esta variante :

— « João, tú queres mingáo ?

— « Quero.

— « Vae buscar a tua cuia.

— « Não quero . . . »

e laço da solidariedade nacional. Encarando-a a esta luz, diz Kant, citado por Alex. Martin: «Póde a obediencia derivar do constrangimento e é então absoluta; ou da confiança, e então é voluntaria. É importantissima esta ultima, mas a primeira é extremamente necessaria; porque ella prepara a criança para o cumprimento das leis a que mais tarde terá de obedecer como cidadão, mesmo quando ellas lhe não agradassem.» [1]

Além da educação da vontade, e do desenvolvimento do espirito de disciplina, de sympathia, de solidariedade, tem ainda a familia, em estreita communhão com a escola e com a sociedade em geral, de atacar a mentira, — que é talvez a mais saliente das nossas tachas nacionaes — a dissimulação, o medo, não só directamente, como desenvolvendo e estimulando a coragem, a verdade e a franqueza. Que pessimo não é o habito tão nosso de metter medo ás crianças com o *tútú,* com *pretos velhos,* com *almas do outro mundo,* tornando-as supersticiosas e cobardes!

É o desprezo do trabalho, degradado entre nós pela deleteria influencia da escravidão, um dos defeitos mais patentes do caracter brazileiro.

1 *Obra cit.,* pag. 268.

A educação da actividade, no sentido de elevar o amor do trabalho, fazendo-o comprehender como o mais bello titulo de nobreza do homem moderno, impõe-se, pois, especialmente á attenção e cuidados da familia e dos preceptores. A extincção da escravidão não é de si mesma bastante para apagar os funestissimos effeitos da execranda instituição, que só muito de passo ir-se-ão dissipando. É, pois, indispensavel — e isto sentiram os mais bem allumiados abolicionistas — que a obra gloriosa cujo coroamento foi a Lei de 13 de Maio de 88, se continue pela educação, não só dos libertandos, sinão de nós todos, todos mais ou menos contaminados pela sua peçonha.

Certo a extincção do elemento servil — segundo o euphemismo com que fugiamos de dizer a escravidão — trará forçosamente a diminuição dos serviçaes gratuitos, e não se verá d'aqui para pouco casas, aliás pobres, em que tantos eram os servidores como as pessoas servidas. Isso nos obrigará a servirmo-nos nós mesmos, e até a servir aos outros, consoante as exigencias da necessidade — mas não será bastante para destruir os effeitos, fatalmente duradouros, do mal. É a educação, largamente comprehendida, dada na fami-

lia, dada na escola, dada na sociedade, que póde acudir a mais promptamente remedial-o.

Em resumo, a educação do caracter como indispensavel elemento da nossa educação nacional, qual a reclamam os mais altos interesses da patria brazileira, deve ter por fim combater em nós tudo o que deprime o nosso caracter, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrarias.

Essa é a missão da Familia, da Escola, da Sociedade, das Religiões, da Politica, da Literatura, da Sciencia e da Arte — si bem querem merecer da Patria e da Humanidade.

---

IV

## A EDUCAÇÃO PHYSICA

Á mesa do *squire,* [1] após a retirada das senhoras, como na locanda em dia de feira, e na taberna da aldeia ao domingo, o assumpto que, depois da questão politica do dia, mais excita o interesse geral, é a criação dos animaes. De volta de uma caçada, a maneira de melhorar as raças cavallares, os cruzamentos, os commentarios sobre as corridas, preenchem a palestra dos fidalgos que a cavallo recolhem á sua residencia; um dia de caçada a tiro nos pantanaes não finda sem que tratem a arte de ensinar cães. Dous fazendeiros que atravez dos campos voltam do officio de domingo, passam gostosos das considerações

[1] Titulo dado na Inglaterra, não só aos fidalgos, mas a certos funccionarios, aos capitalistas e aos que exercem uma profissão liberal.

sobre o sermão ás observações sobre o tempo, as colheitas, os gados, e dahi resvala a discussão ás differentes especies de forragens e ás suas qualidades nutritivas. Na taberna, Hodge e Gilles mostram, por suas observações comparadas sobre as respectivas possilgas, que cuidaram dos porcos de seus amos e que sabem os effeitos que este ou aquelle processo de engorda nelles produz. Já não é sómente entre as populações ruraes que o arranjo do canil, da estrebaria, do estabulo e do aprisco, é assumpto favorito. Nas cidades tambem, os numerosos operarios que possuem cães, os rapazes sufficientemente ricos para se poderem entregar ao prazer da caça, e seus pais, mais sedentarios, que tratam os progressos da agricultura, que lêm os relatorios annuaes de M. Mechi e as cartas de M. Caird ao *Times*, si quizessemos contal-os, formariam um consideravel total. Passae em revista a população masculina do reino, e achareis que a grande maioria se interessa pelas questões de cruzamentos, de criação, de educação de animaes de uma especie ou de outra.

« Quem, entretanto, nas conversações de depois do jantar ou nas palestras da mesma natureza, ouviu jámais uma palavra sobre a *criação* das

crianças? Quando o fidalgo rural fez sua visita quotidiana ás estrebarias, e elle proprio inspeccionou o regimen que fazem seguir aos seus cavallos, quando deu uma volta de olhos a seus gados e fez recommendações a respeito, quantas vezes succede que suba ao quarto das crianças, examine os alimentos que lhes dão, se informe das suas horas de comida, e veja si é sufficiente o arejamento da *nursery*? Em sua livraria encontram-se *O Ferrador* de White, o *Livro da herdade* de Stephens, o *Tratado de caça* de Nemrod e, em geral, leu estas obras; mas que livros leu elle sobre a arte de criar as crianças de mama e as mais crescidas? As propriedades que para a engorda do gado têm o nabo ou a colza, o valor nutritivo do feno e da palha picada, o perigo do abuso do trevo, são pontos sobre os quaes é instruido todo o proprietario, todo o fazendeiro, todo o matuto. Mas qual dentre elles inqueriu si a nutrição que dá aos seus pequenos é apropriada ás necessidades da natureza de meninas e meninos em crescimento? Acaso dirão, para explicar esta anomalia, que estes homens, em se occupando dos animaes, não fazem sinão se occuparem de seus negocios. Não é esta razão bastante, porque o mesmo acontece nas outras classes da

sociedade. Muito poucos entre os habitantes das cidades, ignorarão que não convém fazer trabalhar um cavallo logo depois de ter comido; e todavia, se encontraria apenas um entre elles, supponda que fossem todos pais, que comsigo mesmo consultasse si é sufficiente o tempo que discorre entre os repastos e as lições de seus filhos! Si penetrardes o intimo das cousas, vereis que quasi sempre um homem considera o regimen seguido na *nursery*, como assumpto que lhe deve ser estranho. *Ah! deixo isso ás senhoras!* responder-vos-á elle provavelmente; e, frequentemente, o tom em que o dirá deixará manifesto que julga taes cuidados incompativeis com a dignidade de seu sexo.

«A qualquer luz que encaremos o facto, não é singular que emquanto homens de educação consagram muito tempo e reflexão á criação de touros selectos julguem tacitamente o cuidado de criar bellos homens indigno da sua attenção? As mamãis que apenas aprenderam as linguas, a musica e certas prendas feminis, auxiliadas por amas carregadas de velhos preconceitos, são julgadas juizes competentes da alimentação, do vestuario, do gráo de exercicio que ás crianças convém. Emquanto isso, os pais lêm livros e

artigos de jornaes, reunem-se em commissões, fazem experiencias e travam discussões, com o fim de descobrir quaes os melhores meios de engordar os porcos! Vemos que se dão a perros para produzir um cavallo de corrida que ganhará o *Derby;* nada se faz para produzir um moderno athleta. Si Gulliver houvesse contado que os habitantes de Laputo entre si contendiam em criar o melhor possivel os filhinhos das outras criaturas, e não se lhes dava de saber conforme lhes cumpria criar os seus, este absurdo pareceria igual a quantas sandices lhes elle attribue.

« A questão, entretanto, é grave. Por mais ridiculo que seja o contraste, o facto que envolve não é menos desastroso. Conforme disse um espirituoso escriptor, neste mundo a primeira condição do successo é *ser um bom animal,* e a primeira condição da prosperidade nacional, é ser a nação formada de *bons animaes.* Si o desenlace de uma guerra depende muitas vezes da força e da audacia dos soldados, nas luctas industriaes tambem, a victoria depende do vigor physico dos productores.» [1]

[1] Herbert Spencer, *Obra cit.*, pag. 166-169.

É assim que Herbert Spencer, o grande pensador inglez, enceta no seu suggestivo livro sobre a educação intellectual, moral e physica, o capitulo que desta ultima trata. E esta critica, tão cheia do excellente *humour* inglez, faz o maximo dos modernos philosophos daquella nação, ao povo que aliás mais se occupa da educação physica, ao povo em cujas escolas secundarias e superiores o tempo dado aos exercicios corporaes é quasi igual ao horario votado aos trabalhos intellectuaes!

O que se poderia dizer do Brazil onde a *educação physica* é apenas uma vaga designação que sómente agora entra a ser superficialissimamente conhecida? Aqui, estamos ainda mais atrazados, porque nem ao menos da educação dos animaes tratamos, como soem fazer os inglezes, e o arremedo do *sport* britannico, que só o amor do jogo faz manter entre nós, na exclusiva fórma de corridas de cavallos, é uma macaquice desintelligente e como quer que seja ridicula.

Pelo citado trecho do famoso philosopho, cujo systema se baseia nos mais profundos estudos da biologia e da psychologia, está-se vendo como comprehende elle—e com elle a maioria de pensadores e pedagogistas, a educação physica.

Entre nós, quando se fala em educação physica, quasi se subentendem os exercicios gymnasticos e principalmente os chamados acrobaticos.

Não é esta a verdadeira e utilissima comprehensão dessa fórma de educação que, não obstante preconizada desde Montaigne, Locke, J. J. Rousseau, Hufeland e Fröbel,[1] apenas agora começa a sair do dominio da especulação para o da pratica. Como deixa manifesto a citada passagem de Spencer, a educação physica, não se limita apenas, como vulgarmente se suppõe, aos exercicios physicos, mas abrange a hygiene, considerada esta, segundo a excellente definição de Littré e Robin como o conjuncto de « regras a seguir na escolha dos meios convenientes para entreter a acção normal dos orgãos nas diversas idades, constituições, condições da vida e profissões.»[2]

Como a educação espiritual (intellectual e moral) tem por fim preparar um espirito culto e bom, assim á educação physica compete formar

[1] Veja-se em Fonsagrives, *Entretiens sur l'hygiène*, Paris, 1881, pag. 130 e seg., a discussão dos systemas destes philosophos.

[2] *Dictionnaire de Médécine*, Paris, 1873, verbum *Hygiène*.

um corpo robusto e são, completando ambas o fim superior da educação, que é tornar o homem bom, instruido e forte.

A educação physica, pois, deve tomar o homem criança ainda, no berço e, atravez da primeira e da segunda infancia, da adolescencia e da mocidade, leval-o á virilidade, que lhe cabe fazer rija e valente.

Racionalmente, essa educação convíria começar da vida intra-uterina, por uma cuidadosa hygiene da mãi durante o longo e melindroso periodo da gestação. Desde Hippocrates sabe-se que «na madre identifica-se a criança de tal fórma com a vida da mãi, que a saude de uma faz a saude de outra,» e o notabilissimo especialista que cita este acertado conceito do profundo sabedor grego, ajunta «que não se poderia insistir demais sobre as fataes consequencias para a saude da criança, das faltas de regimen e imprudencias das mãis.» [1]

O aleitamento, a ablactação ou desmamamento, a primeira nutrição, o vestuario, para não esmiuçarmos outros elementos que notaveis theoricos da educação fazem entrar nos seus syste-

[1] E. Bouchut, *Hygiène de la prémière enfance,* Paris, 1885, pag. 6.

mas, como os mesmos objectos que cercam o infante, os sons que cumpre elle ouça, as côres que lhe devem ferir a retina, em summa todas as influencias do meio circumstante, exigem attenções especialissimas numa educação physica intelligentemente dirigida. Si na Europa cultissima estes ensinamentos de medicos e pedagogos não entraram ainda completamente na massa do publico, entre nós são siquer conhecidos, com gravissimo e incalculavel prejuizo, não só para o melhoramento da população como para o seu mesmo crescimento. Acredito que si houvessemos um serviço de estatistica bem organizado e digno de fé, espantaria a cifra dos obitos de crianças. E, como é sabido, as estatisticas européas provam a não deixar duvida, que a mortalidade das crianças depende consideravelmente da hygiene.

Nada obstante a meiguice e carinho da mãi brazileira — o que prova que até as virtudes se querem esclarecidas — a nossa educação infantil, physica como espiritual, é inteiramente primitiva e empirica.

Os nossos filhos eram entregues aos cuidados das escravas, cujo leite quasi sempre eivado de vicios que mais tarde lhes comprometteria a saude, principalmente os alimentava. Eram

as mucamas, escravas ou ex-escravas, — e isto basta para indicar o seu valor como educadoras — que de facto dirigiam a sua primeira educação physica, pois eram ellas quem superentendia na alimentação, nos passeios, no vestuario e nos demais actos da vida infantil. Não era raro ver meninos de oito e mais annos dormindo na mesma rede que a mucama do seu serviço que, em geral extremamente amorosa e affeiçoada a elles, não sabia recusar-lhes nada, nem ainda aquillo que evidentemente lhes podia comprometter a saude. O que tinham de enervantes semelhantes costumes, que, sem mentir, se não podem dizer findos, não escapará a ninguem.

Estes habitos exigem corrigidos, e modificados de accôrdo com os ensinamentos da hygiene e pedagogia infantil.

É desde a primeira infancia que a educação physica bem comprehendida deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes.

Uma sociedade que se préza de civilizada e a quem não são alheios os interesses das gerações que lhe hão de succeder e preparar o futuro da nação, não póde, sem falhar aos seus deveres, postergar esse, talvez o mais caro de todos. Não lhe é dado tão pouco, para o desempenho intel-

ligente desse encargo, ignorar qual a influencia que têm na educação physica dos primeiros annos, e quaes os cuidados que reclamam, as questões do vestuario, da alimentação, do arejamento dos quartos, da repartição das horas de refeição, de somno, ou de brinquedos, dos exercicios, das primeiras noções e dos primeiros estudos, e ainda das companhias e das cousas exteriores que cercam a criança.

É desconsolador que todas estas graves e interessantes questões, tenhamos de ir estudal-as em autores estrangeiros, cujas doutrinas nem sempre se coadunem talvez ao nosso meio. Nesta parte da educação physica que incumbe á educação nacional, ao nosso corpo medico — onde, com justo desvanecimento diga-se, não escaceia o merecimento — cabe uma parte preeminente. A educação — physica, intellectual e moral — tem hoje por base a psychologia, não a psychologia do nosso obsoleto e como quer que seja ridiculo ensino de philosophia, mas a psychologia scientifica, cuja base é a biologia e a physiologia. Sem duvida alguma a psychologia da criança brazileira—como a do brazileiro — não é a mesma que a da criança franceza ou americana. São que farte as razões dessa differença, a forrar-nos á obrigação de as

pôr aqui. Entretanto, é aos sabios e mestres daquellas nações que vamos nós beber todo o conhecimento da psychologia infantil, que possamos ter. Aos nossos medicos, cujo concurso no ramo biologico a educação nacional reclama, cabe prover a esta penuria, que ao mesmo tempo como que vicia entre nós o problema da educação.

Na educação physica, principalmente, é o seu concurso indispensavel, pois estou em crer que, dadas as nossas condições de clima e de raça, a nossa constituição, o nosso temperamento, a nossa idiosyncrasia, não têm absolutamente o mesmo valor os preceitos e ensinamentos dos especialistas estrangeiros relativamente ao vestuario, á habitação, á alimentação ou aos exercicios de corpo. E é isto tanto mais relevante que, como ninguem ignora, a questão de temperamento e de idiosyncrasia é capital na educação physica. [1] Nem todos os exercicios convêm a todos, já como qualidade, já como quantidade. A idade, o estado de saude, o predominio destes ou daquelles caracteres physicos, intellectuaes e moraes, merecem tomados em consideração nesta como nas

1 Veja-se Dr. F. Lagrange, *Physiologie des exercices du corps*, Paris, 1888.

demais fórmas de educação. Importa, pois, e muitissimo, possuirmos trabalhos nossos, de observação original, *brazileira,* quer sobre a nossa propria physiologia e psychologia, quer sobre sua applicação á pedagogia nacional.

Propriamente é na segunda infancia que devem começar os exercicios de corpo, as boas caminhadas, as marchas, os diversos movimentos dos varios membros, a pé firme ou em movimento, as corridas, os saltos e sobretudo, os jogos, como a petéca, as barras, o quadrado, o salta carneiro, a malha e toda uma collecção de jogos que nos faltam nacionalmente a nós, mas que podem e devem ser introduzidos nas nossas escolas, nos nossos collegios e—oh! candida illusão minha!—até nas academias e demais cursos superiores.

Isso, porém, ha de ser difficillimo, dado esse enfatuamento de se fingir de homem, que distingue o *academico* brazileiro, o maximo fautor da indisciplina moral que tanto está prejudicando o paiz. Elle é literato, poeta, discute os philosophos com uma grande erudição de catalogos, janota, *poseur,* discursador, namorador, abonecado, doutor desde segundo annista — estaria abaixo delle, da sua dignidade, do seu caracter,

entregar-se a exercicios de corpo, fazer gymnastica, correr, jogar a bola, a malha ou o *cricket*. Como jogo, além do bilhar nas salas empestadas de tabaco e suor, aprazem-lhe apenas os de cartas ou o da *roleta*... [1]

Quasi se póde assegurar que si a direcção do nosso ensino superior quizesse, embora mais officiosa que officialmente, levar esses rapazes á pratica dos exercicios physicos, a quasi totalidade delles seria resistentemente avessa á innovação. Arremedarão grotescamente todas as ruins novidades parisienses de exportação, macaquearão ridiculamente os caixeiros viajantes inglezes, mas a sua vaidade infantil e o medo de exercicio, proprio á nossa molleza e indolencia, não lhes consentirá imitar intelligentemente as instituições e os costumes que nos cumpre adoptar, si nos importa o não abastardamento da nossa raça.

Não só nos collegios, mas nas universidades e academias inglezas, suissas, allemãs, america-

[1] Esta critica hoje (1906) não seria mais inteiramente justa. Nos ultimos annos tem-se desenvolvido no Brazil, ao menos no Rio de Janeiro e em São Paulo, extraordinario gosto pelos desportos. E como em tudo carecemos de medida, póde-se notar até que com algum exagero, e sem aquelle methodo e systema que tanto contribuem para a sua utilidade nos paizes anglo-saxonios.

nas e, muito recentemente, francezas, a educação physica sob a fórma de gymnastica, dos jogos athleticos, de esgrima, de pedestrianismo, de canoagem, de equitação, é, quando não uma instituição official, um costume tão inveterado e tão respeitado, que quasi faz lei.

Na Inglaterra, cujo povo é, incontestavelmente, o mais forte, o mais energico, o mais viril dos deste fim de seculo, os exercicios physicos são, digamos assim, uma instituição nacional. As celeberrimas regatas entre as universidades de Oxford e Cambridge, occupam tanto a attenção desse povo grave entre todos, como a mais palpitante questão parlamentar sobre a sua politica exterior. Nos collegios universitarios, frequentados pela aristocracia ingleza e onde a despeza dos alumnos é em média de 3 a 4 contos por anno, como Eton, como Harrow, como Rugby, nove horas por semana são exclusivamente consagradas em tres dias differentes aos exercicios physicos. [1]

O *cricket*, o *foot-ball*, as regatas, as grandes marchas, as corridas a pé, quantidade de pe-

[1] V. Philippe Daryl, *Renaissance physique*, Paris, 1888, e R. Bonghi, *Instruzione secondaria in Inghilterra*, in *Nuova Antologia*, Vol. XVI.

quenos jogos collegiaes, a natação, a caça á rapoza, a equitação, o *lawn-tennis,* o *box,* amados, espalhados e praticados por toda a Inglaterra e colonias, são a grande escola da educação physica ingleza. Seus resultados ahi estão patentes.

A Suissa tem a gymnastica e os exercicios militares, que ali, desde a escola até a universidade, fazem de todo o cidadão um bom soldado. Possue ainda os clubs alpinos e as excursões alpinas, e as numerosissimas sociedades de tiro, além da esgrima e dos multiplices jogos a que se entrega em geral a mocidade européa. As grandes festas federaes que ali se fazem, de tiro, gymnastica, exercicios militares, recordam as grandes festas hellenicas da Grecia antiga. Taes solemnidades não são apenas manifestações de exercicio e vigor physicos, são mais, são verdadeiros meios de educação nacional, pelos sentimentos patrioticos que despertam e pela sensação moral que deixam da solidariedade dos mesmos esforços em commum feitos e das mesmas palmas ganhas.

« A Allemanha, diz fundado em autoridades valiosissimas o Sr. Ruy Barbosa, consagra á educação physica um culto que se confunde

quasi com o patriotismo.» [1] A gymnastica é ali appellidada conforme Miguel Bréal, citado pelo mesmo Sr. Ruy Barbosa, uma *arte nacional.* Em uma conferencia feita na Associação dos medicos militares allemães, o celebre physiologista Du Bois Reymond, professor na Universidade de Berlim, affirmava que o exercicio merece um lugar na ordem do dia da sciencia, e analysando tres systemas de exercicio, a gymnastica allemã *(sic)*, a gymnastica sueca e os exercicios athleticos inglezes, assevera que «a gymnastica allemã, com a sua sabia mistura de theoria e pratica, fornece a mais favoravel solução, quiçá a solução definitiva, do tão importante problema que desde Rousseau occupa a pedagogia.» [2] Isto só deixa ver a importancia que na cultissima Allemanha dão, como principal elemento de educação physica, á gymnastica, intelligentemente cultivada, e por sabios illustres regulada nos seus methodos e estudada nos seus effeitos. Á gymnastica juntam-se os exercicios militares, os jogos e, nas universidades, a esgrima praticada como uma tradição de honra e de coragem. O serviço mili-

[1] *Obra cit.*, pag. 127.

[2] *L'Exercice, Revue Scientifique,* Paris. Tome XXIX, pag. 108.

tar obrigatorio, trabalhoso, duro, rude e sempre activo, completa esta educação.

Os Estados-Unidos conservam tradicionalmente os velhos jogos inglezes. Demais, a gymnastica, sob a fórma e nome especial de exercicios calisthenicos, entrou desde muito no systema geral de educação publica.

Organizando após a catastrophe a educação nacional, não esqueceu a França esta feição fundamental della. A gymnastica, acaso por demais systematicamente organizada, e depois os exercicios militares, entraram obrigatoriamente no ensino official primario e secundario. Por 1888 uma reacção, provocada principalmente pelos estudos sobre a educação physica na Inglaterra, de Paschal Grousset (Philippe Daryl), primeiro publicados no *Temps* e depois em volume, [1] contra o systema francez e a favor do inglez, desafiou um movimento a favor dos jogos. Desse movimento nasceu a Liga da Educação physica, que encontrando a maior sympathia e auxilio do governo, de todas as administrações, da Universidade e da população, conseguiu, sem prejuizo da gymnastica, introduzir nas escolas, collegios

[1] *Renaissance Physique*, Paris, 1888.

e lyceus o uso dos jogos athleticos, assim inglezes como velhos jogos francezes restaurados. [1] Um jornal especial da Liga não só informa do seu movimento e progresso, como publica constantemente conselhos de hygiene, preceitos sobre a educação physica e noticias de jogos, com explicações circumstanciadas e praticas das suas regras e meios.

Em todas as demais nações onde o espirito publico não dorme, sinão que vela continuamente pelos interesses da patria, tem a educação physica merecido particular interesse. Na Suecia, na Belgica, na Hollanda, na Austria e na Italia faz parte dos programmas escolares.

Em todos os paizes civilizados, medicos, physiologistas, hygienistas, pedagogistas multiplicam em livros, em revistas e nos mesmos jornaes diarios, conselhos, prescripções, alvitres ou direcções sobre todos os diversos aspectos que póde apresentar o interessante problema da educação physica.

Entre nós tudo, infelizmente, está por fazer. Existe, é certo, em alguns programmas officiaes

[1] Ver este movimento em *L'Éducation Physique, Bulletin de la Ligue Nationale de l'Éducation Physique,* Paris, Rue Vivienne, 51.

sob a exclusiva fórma da gymnastica, mas, ou seja porque esses programmas em geral se não executam sinão em minima parte, ou seja porque os professores tambem a não aprenderam e menos a estimam, é essa determinação letra morta. Accresce o julgarmos que gymnastica são os exercicios acrobaticos, o que de todo o ponto falsêa a idéa pedagogica desse ensino.

Precisamos, neste ponto como em tantos outros, reagir.

Cumpre fazermos entrar a educação physica na nossa educação, nos nossos costumes.

Devemos, entretanto, comprehendel-a largamente, scientificamente. Penetrar-nos de que ella se não limita á gymnastica, cujo valor, como foi de passagem indicado, é muito relativo.

Cuidemos da hygiene particular e individual, apenas entre nós conhecida, mas de nenhuma fórma praticada. Introduzamos nas nossas escolas, nos nossos collegios e outros estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria, a gymnastica, principalmente aquella que dispensa apparelhos, os exercicios callisthenicos, as corridas, as marchas, os saltos e os jogos estrangeiros, pois não temos proprios, que melhor se adaptem ao nosso clima, ao nosso meio. Que em cada cidade

as municipalidades preparem pequenos ou grandes prados em parte arborizados, em parte grammados, onde os alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares, vão, conduzidos pelos mestres, em dias determinados, entregar-se a exercicios de corpo e aos salutares prazeres dos jogos athleticos. Creemos na nossa mocidade, tão fraca, tão estiolada por uma piegas literatice precoce e pelo prematuro erotismo, isso que um escriptor francez, tratando estes assumptos, chama *materia de enthusiasmo.* [1] Incitemos nella esses ardores da lucta physica, a ver se lhe geramos o enthusiasmo que lhe falta nas luctas intellectuaes e moraes. Quantos pedagogistas e physiologistas têm estudado estas questões, são accordes em reconhecer a influencia poderosa da educação physica sobre a intelligencia, sobre o caracter, sobre a moral. E a pedagogia scientifica, sciencia — si tal nome lhe cabe — ainda em via de formação e onde tantas são as questões controversas, é unanime neste ponto.

Suscitemos nas nossas academias o gosto por esses exercicios. Todas ellas se acham em ci-

[1] P. de Coubertin, *L'Éducation Physique*, in *Revue Scientifique*, Tome XLIII, pag. 141.

dades onde a canoagem, sob o aspecto hygienico um dos mais completos exercicios que se possa fazer, facilmente poderia ser praticada. Mas não sómente o exercicio de remar, porém as grandes marchas a pé, a esgrima, os jogos como o *cricket*, a malha, a pélla, certo não desdourariam os nossos jovens doutores. Os que remam nas regatas de Oxford e Cambridge podem ler á primeira vista uma pagina de Homero ou de Demosthenes, um capitulo de Tacito ou uma comedia de Plauto, e discutiriam com grande lucidez e solida noticia dos textos uma questão de direito romano ou patrio. E não ha quem não saiba que uma das glorias de que se desvanece o velho Gladstone, o famoso *cricketer* de Eton, é de ainda septuagenario poder derrubar um carvalho a machadadas. Tem oitenta annos e dirige na Inglaterra, com a actividade e o ardor de um rapaz, a mais bella, a mais generosa, porém a mais ardua e difficil campanha politica deste fim de seculo. Exemplos destes ali encheriam uma pagina, e os homens mais altamente collocados nesse paiz tão essencialmente hierarchico, cujos nomes figuram nos velhos registros universitarios como *cricketers,* ou *boxers* de primeira força, como chefes no *foot-ball* ou vencedores nas famosas regatas,

têm como uma honra apreciavel presidir os *clubs* athleticos, os seus *meetings* e as suas luctas nos varios campos em que, em determinados periodos, se reune a mocidade ingleza em prazo dado de emulação, de força, de vigor e de coragem. E não é amplificação dizer que a Inglaterra acompanha estes incidentes com um grave interesse nunca enfraquecido. Os mais graves jornaes, como o *Times*, occupam-se longamente dessas celebres partidas, com quasi o mesmo interesse com que tratam as questões da politica européa. Não nos admiremos, pois, que esse povo vá conquistando o mundo; sobeja-lhe para isso força, energia e audacia.

Em se tratanto destes exercicios no Brazil, a nossa indolencia nacional acóde com a contrariedade do clima, que se não presta a elles, que os não consente, que os torna impossiveis.

Taes objecções são sem valia alguma, não só diante da physiologia, como da pratica. Si, como o demonstra aquella sciencia, os exercicios physicos são um revigorador das energias physicas e portanto da saude, é justamente em os climas enervadores e debilitantes como o nosso que convém mediante elles reagir contra a acção do meio physico. Segundo o physiologista francez

Lagrange, a medida physiologica dos exercicios corporaes é o affrontamento (*essouflement*) no seu terceiro periodo ou axphyxico.[1] Sendo assim já temos no Brazil um criterio seguro na pratica desses exercicios. Visto o nosso clima, o cançaço nos chegará a nós primeiro e com menor somma de força despendida que em clima mais fresco ou frio, mas como a maior ou menor intensidade da fadiga depende tambem da treina e do habito do exercicio, essa perturbação na funcção dos orgãos respiratorios póde ser pouco e pouco recuada. Demais aos nossos physiologistas compete o estudo minucioso desta questão no ponto de vista brazileiro, para determinarmos com certeza quaes os exercicios que melhor nos convêm, como o tempo a empregar nelles, a hygiene que reclamam.

Afóra esta parte scientifica da questão, a pratica prova a favor da sua adaptação. Si os exercicios physicos não fossem aqui possiveis, o trabalho physico, como a lavoura, não o seria tambem. Um viajante inglez, que estudou demoradamente a Amazonia, referindo-se á habitabilidade desta região pelo europeu e a possibilidade delle nella se occupar, julga que o problema se

[1] *Obra cit.*, pag. 65 e seg.

resolveria pela simples modificação das horas de trabalho; o europeu que lá trabalha doze podia limitar-se aqui a trabalhar seis, tres de manhã, tres á tarde. [1] Tal indicação do celebre emulo de Darwin, tem certo excellente applicação nesta controversia da praticabilidade e conveniencia dos exercicios physicos entre nós.

Ha, porém, argumento acaso mais forte e ponderoso. Na Australia, cujo clima é seguramente mais quente e peior que o nosso, esses exercicios são correntemente praticados. Sabem todos que periodicamente o *Cricket Club* australiano envia campeões seus á mãi patria disputar aos *cricketers* inglezes as victorias dos celebres *matches*.

Derrubada assim a especiosa objecção, urge cuidarmos seriamente de introduzir no nosso systema geral de educação, a educação physica, e nas nossas escolas, nos nossos collegios, nas nossas academias, nos nossos costumes emfim, os exercicios de corpo, todos esses exercicios que os inglezes conhecem sob o nome collectivo de *sport* e os nossos maiores pelo de despórtos.

A educação physica no Brazil é, em todo o rigor da expressão, um problema nacional.

[1] Alfred Wallace, *Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*, London, 1853, pag. 80.

Nossa raça, sentem-no todos, se enfraquece e abastarda sob a influencia de um clima deprimente, peiorada pela falta de hygiene, pela carencia de exercicio, pela privação da actividade. Uma propaganda que não quero, como o Sr. Sylvio Roméro, chamar anti-patriotica, mas que certo não viu o interesse do Brazil sinão por um lado, attraíu e localizou em determinadas regiões do paiz uma immigração, forte pelo numero e pelo vigor, e que melhor valera disseminada por elle todo. Essa propaganda continúa, e certo continuará a affluir, e em maior numero, a immigração, principalmente allemã e italiana.

A lucta entre essa gente, incomparavelmente mais forte, e nós, não póde ser duvidosa. O campo de combate será primeiramente o das actividades physicas, aquelle que exige maior somma de robustez, de força e de saude, o commercio, a industria, os officios, a lavoura.

É, portanto, indispensavel preparar-nos para, sem recorrer a meios que não consente a nossa civilização, não nos deixarmos abater e esbulhar, afim de que esta terra, que nossos antepassados criaram e civilizaram, e cuja futura grandeza prepararam, seja principalmente nossa.

---

# V

## A GEOGRAPHIA PATRIA
### E A
## EDUCAÇÃO NACIONAL

Apezar da pretenção contraria, nós não sabemos geographia. Nesta materia a nossa sciencia é de nomenclatura, e, em geral, cifra-se á nomenclatura geographica da Europa. É mesmo vulgar achar entre nós quem conheça melhor essa que a do Brazil. A geographia da Africa, tão interessante e attractiva, a da Asia ou da Oceania e até a da America, que após a nossa, é a que mais interesse nos devia merecer, mesmo reduzida a a essa esteril enominação, ignoramos completamente. E o peior é que esse nosso conhecimento dos nomes dos diversos accidentes geographicos da Europa, nos torna orgulhosos e prestes sempre a ridicularizar os frequentes desacertos dos

europeus, principalmente francezes, quando se mettem a tratar de nossas cousas.

Como si os nossos jornaes não estivessem cheios de iguaes desconchavos quando entram a tratar mesmo da Europa, fóra da batida estrada da nomenclatura!

A geographia, entretanto, sob a influencia principalmente dos allemães e do seu grande geographo Ritter, soffreu nesta ultima metade do seculo uma reforma radical tanto nos seus methodos, como no seu espirito. Depois de Ritter póde-se dizer, como conceitúa um critico, que a geographia tornou-se a psychologia da terra. Um notavel homem de sciencia inglez, em um livro substancial que muito recommendamos aos nossos professores de geographia, indica superiormente a importancia do ensino geographico, qual se o está comprehendendo hoje. «Ligando, diz elle, estas particularidades locaes com a historia humana, a geographia nota quão largamente influiram ellas sobre o progresso dos acontecimentos politicos, como, por exemplo, dirigiram a emigração dos povos, guiaram ou detiveram a onda das conquistas, moldaram o caracter nacional e deram até colorido á mythologia e á literatura

nacionaes.» [1] «A geographia, diz o Sr. Buisson, põe mais ou menos em contribuição todas as sciencias. Toca á astronomia, á geometria, á geologia, á physica, á chimica, á meteorologia, á botanica, á zoologia, á ethnographia, á linguistica, á estatistica, ao direito, á economia politica, á historia, á archeologia. Tendo de representar o mundo terrestre em escorço, resume e condensa todo o saber humano. Entretanto, nada inventa; contenta-se em comprehender, classificar e descrever.» [2]

Certo estamos bem longe desta nova concepção da geographia, apezar de haver o governo, ha disto uns quatro annos, modificado os programmas, como quer que seja inspirado desta concepção. É verdade que ainda desta vez foi irreflectido e desacertado o acto da alta administração da «*Instrucção Publica da Côrte,*» introduzindo no programma do estudo de geographia do nosso mofino ensino secundario questões que, dada a organização e distribuição do ensino no ramo primario e nesse, eram absolutamente im-

1 Arch. Geikie, *The Teaching Geography*, London, 1887, pag. 2.

2 *Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire,* II part. Tom. I, pag. 856.

possiveis para elles. Valeu-lhes, porém, que em algumas provincias o exame continuou a fazer-se pelos antigos programmas, e os novos pontos, si entraram na urna, nunca de lá saíram.

No ensino primario brazileiro o da geographia é lamentavel e, quando feito, o é por uma decoração bestial e a recitação inintelligente da lição decorada. Neste Estado — que gasta com a instrucção publica mais de 700 contos por anno, é rarissima, si existe, mesmo aqui na capital, uma escola em que se encontre um mappa geographico, e certamente não ha nenhuma que possua um globo. Creio que o Pará não tem o privilegio desta situação.

Dizer isto, dispensa quaesquer considerações sobre o ensino geographico na nossa escola primaria.

O ensino secundario é feito com vista no exame, apressada e precipitadamente, e resume-se na enumeração e nomenclatura.

Não possuimos estudo superior de geographia. Temos, é certo, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, um curso que se chama de engenheiros geographos. Ignoramos o motivo de semelhante denominação, pois não consta que nesse curso se estude qualquer das materias que

constituem as hoje chamadas sciencias geographicas. Além da astronomia, estudam geodesia e topographia, num estreito ponto de vista mathematico e de agrimensura.

A geographia ou chorographia do Brazil conforme a nomeamos, não é mais bem aquinhoada. Os poucos compendios que temos, mal pensados e mal escriptos, carecem inteiramente de valor pedagogico. Alguns ha, e approvados e bem recommendados pelos conselhos directores de instrucção publica, que tratando especialmente de cada provincia limitam-se á enumeração secca das cidades, á indicação do bispado a que pertencem, á divisão judicial, ao numero de representantes, calando completamente as noticias muito mais uteis sobre o clima, a configuração physica, o regimen das aguas, os productos e as zonas de producção. Quão longe estamos nós dos excellentes trabalhos allemães, inglezes, americanos ou francezes sobre isto! Em França, para não citar sinão os que nos são mais familiares, ha no genero os trabalhos verdadeiramente superiores de Levasseur, de Foncin e de Vidal Lablache, e na Inglaterra os de Geikie e outros. Porque não havemos desde já, embora com sacrificio — fecundo sacrificio — procurar imitar

esses paizes e suscitar a adaptação ao nosso paiz dos mais recentes e melhores trabalhos para o ensino escolar da geographia, da geographia patria sobre tudo? Não seria um excellente meio indirecto de provocar o apparecimento de melhores compendios e manuaes, negar systematicamente a approvação e protecção official a esses compendios, e não dal-a sinão áquelles concebidos e executados segundo as actuaes exigencias do ensino geographico e os melhores modelos estrangeiros? Conviria, outrosim, que nestes como nos demais livros didacticos os poderes publicos que intervêm na sua escolha, não desprezassem, como completamente fazem, a feitura material dos livros. A feição exterior, a factura, não é uma das menores vergonhas da nossa escaça litteratura pedagogica. Pertencem realmente á infancia da arte umas gravuras que se nos deparam em alguns compendios de geographia, aliás de accôrdo com o pessimo do papel, da impressão e, geralmente, da obra toda. Ninguem ha hoje que ignore não é questão de nonada esta da perfeição graphica dos livros de ensino; faz isso tambem parte da educação, pelo lado esthetico. Vejam-se, por exemplo, os magnificos livros escolares americanos e especialmente os seus com-

pendios de geographia — verdadeiras obras de luxo, apezar da extrema modicidade dos preços.

Á esta penuria de compendios, junta-se aggravando o mal já de si grave, a carencia total de mappas e cartas. Na mão do escolar brazileiro as cartas que se vêem, são estrangeiras. Acontece que ao passo que elle possue no seu atlas francez, inglez ou allemão, não só cartas especiaes de cada um dos principaes paizes da Europa, porém cartas particulares das divisões administrativas, das bacias fluviaes, além de cartas economicas, geologicas, etc., do paiz de onde é o atlas, o Brazil, o seu paiz, lá vem obscuramente perdido numa de régra detestavel carta da America do Sul. Os dous unicos atlas brazileiros que existem, os de Candido Mendes de Almeida e o de Ch. Robin, além de não satisfazerem de nenhum modo as exigencias da cartographia actual, estão muito longe de ser correctos. Demais, o seu preço exageradissimo põe-n'os completamente fóra da classe dos livros escolares.

Tambem faltam-nos absolutamente os mappas muraes. Afóra uma meia duzia de grosseiras especulações de livraria estrangeira ou nacional,

só ha dous annos a esta parte possuimos um relativamente bom mappa mural do Brazil.[1] Este mesmo, porém, se nos affigura deficiente para um estudo do Brazil, qual o devemos fazer nas nossas escolas. Varios accidentes geographicos, como rios e lagos, não estão ahi indicados, como não estão determinadas de um modo graphico a geographia economica, os rios navegados e outras circumstancias que muito importam para o escolar brazileiro. Sente-se tambem nelle a falta de muitas cidades, e as mesmas que menciona, excepção feita das capitaes das provincias, hoje

[1] O do eminente geographo Sr. Levasseur, feito por encommenda da direcção da Instrucção Primaria do Rio de Janeiro, e editado pela casa Ch. Delagrave, de Paris. Nesse trabalho foi o Sr. Levasseur pertinentemente auxiliado pelo Sr. Barão do Rio Branco, um dos homens que melhor conhece a nossa historia e a nossa geographia. Como mappa estrangeiro o melhor que conhecemos é allemão, de Stieler, que faz parte da carta da America Meridional do *Stielers Hand Atlas*. Os mesmos Srs. Levasseur e Rio Branco, acabam de publicar, com o concurso de scientistas e escriptores brazileiros uma bellissima edição em avulso do artigo *Brésil*, da *Grande Encyclopédie*, acompanhada de uma collecção magnifica de *Vues du Brésil*. É actualmente o livro mais completo e mais perfeito sob os varios aspectos da nossa geographia. Prouvera que, traduzido ou em original, se encontrasse em todas as familias brazileiras. Igual recommendação se póde fazer á *Geographia do Brazil* de E. Reclus, traduzida pelo Sr. Ramiz Galvão (Rio, H. Garnier, 1900).

estados, são em caracteres tão pequenos que quasi se tornam inuteis numa carta mural.

Rarissimas são as provincias que têm um mappa especial, de sorte que o estudo particular de cada uma das grandes divisões do Brazil, torna-se assim difficillimo.

Este mesmo mesquinho apparelho de geographia escolar commummente não se encontra nas escolas. O que affirmamos falando da geographia geral, é perfeitamente verdadeiro e semelhante respeito ao Brazil. Só extraordinariamente, neste Estado ao menos, se encontra um mappa do Brazil, mesmo máo, dependurado das paredes de uma escola! E, convém repetir, não acredito que o Pará seja nisto excepção.

E a esta mingua de estudos escolares da geographia do paiz, e de elementos para o fazer, não ha como os supra o adulto. Da mesma sorte que não temos livros e cartas escolares, não os temos tambem para os estudos e leituras da idade madura.

O que sabemos da geographia da nossa patria, das feições caracteristicas do seu sólo, dos seus habitantes de outras zonas que não as nossas, sabemol-o pelos estrangeiros. Foram os Castelnaus, os Saint-Hilaires, os Eschweges, os

Martius, os Burtons, os Agassiz, os Bates, os Wallaces, os New-Wieds, os Hartts e os Steinens que nos ensinaram a geographia da nossa patria. O melhor trabalho geographico que sobre ella temos é allemão, de Wappœus.[1] Si, graças ao benemerito Visconde de Porto Seguro, possuimos, embora incompleta, uma historia geral nossa, ainda se não suscitou um brazileiro para nos dar uma geographia do Brazil.

Que desamor profundo do paiz, está este facto a revelar! Entretanto o conhecimento do paiz em todos os seus aspectos, que todos se podem resumir em dous — geographico e historico — é a base de todo o patriotismo esclarecido e previdente.

Por isso a geographia do paiz, intelligentemente comprehendida e ensinada, é por assim dizer a base de toda a educação nacional bem dirigida. Admiravel exemplo disto temos na França, que procurando refazer a sua educação nacional, após os desastres do anno terrivel, vol-

1 Acha-se hoje em parte magistralmente traduzido e refundido sob a esclarecida direcção dos Srs. Valle Cabral e Capistrano de Abreu e publicado com o titulo de *A Geographia Physica do Brazil*, Rio de Janeiro, 1884. É o melhor livro que existe sobre a nossa geographia physica.

tou-se particularmente para o estudo da geographia. «Afóra a dôr, ficou-nos de nossos desastres, diz o Sr. Buisson, um certo sentimento de humilhação: o estrangeiro estava geographicamente mais bem preparado para invadir o nosso territorio do que nós para defendel-o. Dahi um impulso subito que por haver tido rapidos resultados, não foi menos serio nem menos duravel. Esse impulso antes augmenta que diminue, e em França não se esquecerá mais que é forçosamente necessario aprender a geographia.» [1] Foi realmente surprehendente o movimento nacional a favor do estudo da geographia. As sociedades topographicas e geographicas, os clubs alpinos, as revistas especiaes, multiplicaram-se. O ensino entrou largamente nos estudos primarios e secundarios, como no superior, pela criação de cadeiras de ensino geographico em algumas faculdades.

O resultado foi que esse povo, que até bem pouco tempo merecia ainda o famoso apodo de Gœthe de não saber geographia, está hoje na primeira linha dos que a sabem. E quem, como o autor deste livro, teve a inolvidavel fortuna de

[1] *Obra cit.*, 1re partie. Artigo *Géographie*.

lhe admirar o vigor e progressos na sua ultima grande exposição, pasma realmente do material geographico que possue hoje a França. A secção pedagogica no grande palacio das Artes liberaes, do Campo de Marte, era admiravelmente rica, e o que mais nella avultava eram os mil meios que uma industria habilissima e intelligente, ao serviço de geographos do mais alto valor, punha á disposição do ensino geographico. São sem numero hoje em França, não só os tratados, compendios e manuaes que se disputam a primazia do methodo mais sagaz, da disposição mais methodica, do systema mais perfeito, como os mappas muraes hypsometricos, em relevo ou planos; os atlas mais meticulosamente trabalhados; as cartas mudas; os globos de todas as dimensões, lisos, em relevo ou em ardosia; os mappas quadro preto com os circulos terrestres traçados, onde o menino delineará o paiz e marcará os accidentes, as cidades, os caminhos de ferro; as cartas especiaes, geologicas, economicas, demographicas dando, com admiravel nitidez, as noções mais claras, mais precisas e mais seguras sobre a geographia patria.

É sabido que a geographia, como de resto todos os ramos do humano saber, é superior-

mente cultivada na Allemanha. O ensino da geographia ali, baseando e secundando o da historia, preparou de longa data a unidade allemã, e continua a insinuar os desejados e futuros engrandecimentos da Allemanha. Em um compendio official de geographia, que em 1882 teve a sua 61ª edição, se ensina: «O centro da Europa conta nas suas 15.300 milhas quadradas 72.600:000 habitantes. Como estes são quasi todos allemães, havendo apenas slavos nos districtos da fronteira de leste, romaicos nos da do sul e de oeste, a Europa central recebeu o nome de Allemanha. Entretanto, desde 1871, tem-se o costume de restringir este nome á parte principal do todo, ao imperio da Allemanha. Dantes, não se fazia nenhuma reserva, e todos os estados que este conceito comprehende: a Suissa, a Austria, a Bohemia, a Moravia, a Polonia, a Dinamarca, a Hollanda, a Belgica, o Luxemburgo, eram chamados: paizes da Allemanha exterior.» [1]

«Uma das sciencias, diz o padre Didon no seu notavel livro sobre a Allemanha, cultivadas com mais predilecção (nas universidades), é a geographia superior.

[1] Apud Dumesnil, *La Pédagogie dans l'Allemagne du Nord*, Paris, 1885, pag. 36, nota.

« Em Göttingen, mais de duzentos estudantes — por não citar sinão este facto — premavam-se em 1882 no curso do professor Wagner. Elle tratava da formação do solo allemão nas costas do mar do Norte. Affigurou-se-me dignissimo de nota o methodo do mestre. Tanto ensina elle pelo desenho e pelas cartas, como pela palavra. Tudo o que diz reproduz com giz de diversas côres. Assiste-se assim á constituição das diversas camadas de terreno, á origem dos cursos dagua, á arborização do solo, ao seu povoamento. Toda a lei geologica passa em escorço em um ponto do planeta, com grande admiração daquelle joven auditorio, que segue esta exposição scientifica como as peripecias de um drama.

« Que são alimento para o patriotismo nestes cursos de sciencia profunda, onde a mocidade aprende por que vias providenciaes o territorio da patria constituiu-se pouco a pouco! » [1]

É urgente cuidemos em reformar o nosso ensino geographico, especialmente o da geographia patria. Do conhecimento que della tivermos depende igualmente a nossa affeição e prendimento a ella. Não basta, porém, pôr nos program-

[1] *Obra cit.*, pag. 276.

mas o paragrapho *Chorographia do Brazil*, é preciso que programmas detalhados, inspirados no methodo hodierno do ensino geographico, professores capazes e uma constante vigilancia dos funccionarios prepostos á direcção e fiscalização do ensino, como a de todos os cidadãos, faça uma realidade do ensino da geographia patria.

Para isto conseguir, porém, depois dos bons professores, habeis e devotados, e mais devotados que habeis, é indispensavel apparelhar as escolas com o material exigido e obrigado para um tal ensino.

Toda escola deve ter um ou mais mappas muraes do Brazil, uma boa carta do Estado a que pertencer a escola e, si fosse possivel, uma planta da cidade em que está e de suas convizinhanças. Não devemos limitar-nos a um unico mappa, sinão a mappas especiaes; economicos, em que venham indicadas, em côres e signaes differentes, as diversas zonas agricolas, industriaes ou mineralogicas, as estradas de rodagem ou de ferro, os rios navegaveis e navegados; geologicos, em que possamos estudar a formação e natureza do nosso solo e os diversos accidentes geologicos que importam ao perfeito conhecimento da nossa geographia physica. Foram utilissimas as cartas

particulares de determinadas bacias fluviaes, como os diagrammas estatisticos mostrando o nosso desenvolvimento commercial, industrial, demographico, etc.

Assim apetrechado, inepto seria o professor que não ensinasse e mais que não fizesse amar aos seus alumnos a geographia de sua terra, e portanto a mesma terra, que podiam ainda tornar melhor conhecida nos seus aspectos pittorescos, monumentaes ou de paizagem, mostrando-lhes gravuras, estampas ou photographias, e commentando-lh'as com intelligencia e gosto.

O methodo do ensino geographico é hoje em geral fundamentalmente o mesmo em todos os paizes cultos e são numerosos os livros que o indicam. As modificações que soffre dependem da individualidade do professor, mais ou menos habil, mais ou menos inventivo.

Eis um exemplo da maneira intelligente por que um pedagogista francez viu-o fazer na Allemanha: «O ensino da geographia começa pela descripção da região onde se acha a escola. O plano da cidade desenrolado diante dos alumnos, é muito circumstanciadamente estudado. As grandes direcções que pódem servir á orientação geral, as ruas, as avenidas, em uma pala-

vra, as mais conhecidas arterias da cidade, e a posição relativa da escola, o curso do rio, si algum existe, são primeiramente indicados, sendo tudo apontado por sua vez na carta. Os differentes bairros discriminados por côres especiaes, são successivamente enumerados, desde os mais antigos aos mais novos; recordam os principes que os fundaram, os principaes architectos que os edificaram ou embellezaram com edificios, as circumstancias que lhes deram o nome, de fórma que se assiste assim ao progresso que, activo já no antigo nucleo da velha cidade, provocou seu crescimento, fel-a muitas vezes saltar os muros de um recinto fortificado e que, atravez da historia e de suas vicissitudes, desenvolveu-a na fórma da cidade moderna em que hoje a vemos. Os nomes das ruas, as pontes, os monumentos publicos servem para de caminho reconstituir uma longa chronica local, e em verdade animam aos olhos da criança, *os entes* desta grande morada, da qual é um dos habitantes.

« Si se trata de uma provincia, da Silesia, por exemplo, contam ou repetem os acontecimentos que provocaram a sua reunião á Prussia. Depois o mestre indica-lhe exactamente as fronteiras. Os alumnos reproduzem immediatamente esta ex-

posição. Mestre e classe estudam após da mesma maneira o curso do rio central, depois o de seus affluentes, depois os productos do solo cuja diversidade é ligada á de outras regiões da provincia, vindo por fim a divisão politica dessa.» [1]

Esta simples exposição, reproduzida ao acaso dentre muitas outras que sobejam sobre o ensino na Allemanha, diz, parece-nos, com precisão notavel, como a geographia póde ser um elemento de educação nacional e um estimulo ao bom patriotismo.

O livro de leitura, verdadeiramente brazileiro, viria, com descripções, noticias e illustrações geographicas, completar e constantemente recordar o ensino do mestre e do manual.

---

[1] Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 36.

VI

# A HISTORIA PATRIA

E A

# EDUCAÇÃO NACIONAL

Si o brazileiro ignora a geographia patria, mais profunda é ainda a sua ignorancia da historia nacional. A geographia, essa aprende-se um pouco empiricamente nas viagens e digressões pelo paiz, nas conversações, na leitura das folhas diarias e nas mesmas relações sociaes. A historia, não ha outro meio de aprendel-a sinão estudando, e o brazileiro não estuda, ou tendo-a sempre materialmente representada por monumentos de toda ordem, e os não tem o Brazil.

Porque não é sómente nas escolas ou pelo estudo dos autores e documentos, que se póde estudar a historia patria. O minimo ao menos do conhecimento do passado nacional indispensavel ao cidadão de um paiz livre e civilizado, e, por-

ventura, o que mais importa saber para despertar nelle os fecundos estimulos do sentimento patrio, ha outros meios que o ensinem. Os monumentos, os museus, as collecções archeologicas e historicas, essas construcções que os nossos antepassados com tanta propriedade chamaram memorias, são outras tantas maneiras de recordação do passado, de ensino historico portanto e em utima analyse, nacional.

E ensino ás vezes bem mais eloquente e palpavel que a prosa de um historiador. Dir-se-ía disso houveram consciencia os antigos, levantando a cada grande feito, e desse modo consagrando-o, alguma construcção que mais duradoura que a memoria dos coevos ou que o papyro, o liber ou o pergaminho dos escribas, trouxesse até nós a memoria de seus gestos grandiosos.

Por vezes a essas memorias de pedra ou de bronze juntam-se os contos dos poetas e as legendas populares: uns e outros productos das mesmas forças emotivas que o povo contém e que ou se consubstanciam e, por assim dizer, se individualizam num homem ou se dividem e repartem numa florescencia anonyma, mas vibrante e quente, da alma nacional. Portugal, por exem-

plo — e é grato a quem tem a religião do passado rememorar os fastos gloriosos dos avós — Portugal tem para recordar os dous factos capitaes da sua vida historica, a batalha de Aljubarrota, que lhe firmou a independencia, e as grandes navegações, e a consequente descoberta do caminho da India, que lhe deram a razão de ser historica, além das maravilhosas fabricas dos conventos de Nossa Senhora da Victoria e dos Jeronymos, o estupendo cyclo dos seus cancioneiros e o sublime poema de Camões.

O Escurial é toda uma pagina, sombriamente gloriosa, da historia da Hespanha, como Westminster é, não só uma gloria do passado inglez, como o cofre gloriosissimo que mais do que o sepulcral *Bank of England* encerra a maxima riqueza da Inglaterra: os despojos daquelles que a fizeram verdadeiramente grande: os seus navegadores, os seus poetas, os seus sabios, os seus oradores, os seus estadistas, os seus artistas e os seus escriptores.

Nações ha — e notareis, que são as mais adiantadas e progressivas — ciosissimas do seu passado e tradições e de todos os monumentos que os relembram e perpetuam. Não só desveladamente os conservam e restauram, sinão que

carinhosamente vão erguendo novos, ou rebuscando e esquadrinhando antigos, com que engrossem os seus thesouros de recordações patrias, num tocante sentimento de amor dessas recordações.

São agora innumeros os museus e collecções que, templos do patriotismo, encerram as reliquias do passado nacional.

Juntae a isto as inscripções lapidares consagrando o nascimento, a morte ou a simples passagem de um fallecido compatriota illustre, as estatuas, monumentos funerarios e memorias diversas, com que esses povos diariamente consagram, para immortalidade e para a gloria, aquelles que os illustraram ou que os serviram, ou algum feito que os afama e glorifica, e tereis uma constante, eloquente e suggestiva lição de historia nacional.

E, comparando, o que possuimos nós outros brazileiros, tão ignorantes do nosso passado, como descaroaveis de nossas glorias — que as temos — que de longe siquer se coteje com isso?

O nosso passado historico, as nossas origens politicas, são-n'os alguma cousa de vago e indefinido, como as épocas prehistoricas que ficam para lá do homem quaternario.

A profunda indifferença, feição dominante do nosso caracter, fez-nos sobretudo desprezar o nosso passado, que nunca estudámos e que não conhecemos, e este lamentavel esquecimento e desamor foi parte grande nesta nossa falta de sentimento nacional apontada.

No estado actual do Brazil a escacez de tal sentimento encerra acaso grandes e graves perigos. O verdadeiro patriota, que sem os irreflectidos enthusiasmos partidarios, assiste á reconstituição do paiz sob a fórma federativa, aliás tão de molde para elle, estremece, lembrando-se quão precaria póde-se tornar de momento a unidade nacional da qual depende a sua grandeza, si lhe faltar um instante aquillo, que mais que as coacções da força, une os povos e faz as nações: o sentimento do passado, a possessão em commum de um rico legado de tradições, o desejo de viver juntos, e a incessante vontade de manter e continuar a fazer valer indivisa a herança recebida. [1]

Para combater esse mal, para despertar em nós o sentimento da solidariedade e dar-nos a

[1] É. Renan, *Qu'est ce qu'une Nation?* in *Rev. Polit. et Litt.* Tom. III, 1882, pag. 322.

base moral que verdadeiramente faz e engrandece as nações, carecemos sem perda de tempo, com enthusiasmo e com amor, fazer, teimo em repetil-o, a nossa educação nacional.

A educação nacional se não póde fazer sinão pelo estudo da patria, e no estudo da patria a sua historia é, quasi poderia dizer, a parte principal.

Todos os povos — é obrigação insistir nestas comparações que, especie de razões concretas, valem por ventura mais que os melhores argumentos abstractos — todas as nações comprehenderam que o sentimento nacional e conseguintemente o patriotismo, se inspiram no conhecimento da patria e da sua historia, isto é, da sua vida.

Na antiguidade, além da vida ser, em um certo ponto, mais activa e digamos assim, mais vivida, vida toda de forum, de ágora, de combates, de luctas, o que por si era uma patente e perenne lição, os espectaculos, como os jogos olympicos e isthmicos, as grandes manifestações guerreiras ou civicas, como os triumphos romanos, eram um estimulo para esse sentimento, aliás sempre alerta diante das invasões e ataques a cada momento possiveis dos barbaros e vizi-

nhos. As proprias religiões, de um caracter estreitamente nacional, e suas pompas, concorriam para trazer acordada essa virtude a que o romano chamou civismo. A educação grega, como a educação romana, foram sobretudo nacionaes, embora cada uma com o seu caracter proprio; numa, pacifico e intellectual, espiritual, diriamos; noutra, guerreiro e politico.

Desde a quéda do Imperio, invasão dos Barbaros, advento do Christianismo, a idéa de patria desapparece, de um lado pelo baralhamento das linguas, das fronteiras e das raças, de outro sob a influencia da idéa messianica do reino de Deus como unico que valia os esforços humanos, propagada pelo Christianismo triumphante.

No fraccionamento feudal acabou, por assim dizer, por desmanchar-se a idéa de patria repartida por sua vez na idéa do feudo, do burgo ou da região, e o sentimento nacional, que apenas reapparece com a organização dos Estados modernos após a longa, não diremos noite, mas trabalhosa gestação da idade média.

Nas nações contemporaneas, o sentimento nacional, salvo por accidentes, como na rivalidade entre a França e a Allemanha, criada pela conquista da Alsacia e da Lorena, não tem os

mesmos estimulos dos perigos impendentes, como soía acontecer aos gregos e romanos, os quaes, do ponto de vista da nossa civilização, resumem para nós o mundo antigo.

Entretanto, como a Humanidade está ainda bem longe de dispensar as fronteiras e de fazer uma só nação, esse sentimento não sómente tem ainda razão de ser, como é indispensavel á vida das nações, que sem elle viriam a deperecer em uma morte triste, despercebida e ingloria.

O conflicto da vida, mesmo, mudou apenas de aspecto. Em geral não é mais a gloria militar e a dilatação das fronteiras o escopo que anima os povos. A conquista, envergonhada, se disfarça sob o nome de reivindicações, desculpadas com a historia ou com a theoria das nacionalidades ou, quando fóra do mundo civilizado, com o de cruzada da civilização contra a barbaria. A lucta, porém, não cessa; apenas de militar tornou-se industrial; não accende acaso o patriotismo ardente dos gregos e romanos, mas aguça talvez mais os appetites de gozar e tirar da vida a maior somma de utilidade que ella comporta.

Incontestavelmente e tristemente é tal o estado deste fim de seculo, em que por detraz de vinte milhões de homens prestes a se dilace-

rarem, apparecem muitos milhões mais que elevando quasi a um principio social a lei biologica da victoria do mais apto na lucta pela vida, se apparelham formidavelmente para ella, impavidos e fataes, como o cavalleiro espectro das lendas medievaes, pedindo á sciencia quasi omnipotente dos nossos dias, que, novo Vulcano, lhe forge as armas invulneraveis para o medonho combate.

Governos e povos sentem que « nesta arena pacifica da lucta industrial » consoante a rhetorica com que os arautos annunciam os seus torneios, si não corre sangue, morre-se tambem. E á competencia redobrando de esforços não esquecem excitar e desenvolver os elementos indispensaveis do triumpho. Desses elementos, como de outras luctas já o foi em éras idas, é principal o sentimento nacional, agora tambem estimulado, é certo, pela perspectiva e pela apprehensão da lucta. E estimulo é este tão forte que ás vezes só por si o produz e alenta, do que são exemplo irrecusavel os Estados-Unidos, aos quaes si, com alguns esclarecidos pensadores, negarmos esse sentimento por lhe não acharmos os mesmos fundamentos historicos e moraes que o produzem algures, não é licito comtudo refu-

sal-os como manifestação, de um lado do legitimo orgulho nacional por espantosos progressos realizados apenas no discorrer de um seculo, de outro pela necessidade de sustentar e manter o preço dessas conquistas que o menor desfallecimento, dada a acuidade da lucta, póde fazer periclitar.

« Este universal movimento, diz Tocqueville, reinante nos Estados-Unidos, estas viravoltas frequentes da fortuna, esta imprevista deslocação das riquezas publicas e privadas, tudo se junta para entreter a alma em uma especie de agitação febril que admiravelmente a dispõe a todos os esforços e a mantém, por que digamos assim, acima do nivel commum da humanidade. Para um americano, a vida inteira passa como uma partida de jogo, um tempo de revolução, um dia de batalha. Estas mesmas causas, operando ao mesmo tempo sobre todos os individuos, acabam por impôr uma feição irresistivel ao caracter nacional.» [1]

Não valeram, porém, esses incentivos da pugna industrial, si as nações, descuradas de si, não procurassem tambem alentos novos e ale-

[1] *Obra cit.*, pag. 429.

vantadas inspirações na consciencia do seu passado, da qual derivam a fé no seu futuro.

Dos meios a que pódem recorrer para trazer o espirito nacional sempre desperto, é dos principaes o estudo da historia patria, porque o conhecimento da patria é a base do patriotismo.

No Brazil esse estudo não é sómente descurado, mas não existe, nunca existiu, e a consequencia é a profunda ignorancia em que vivemos da nossa historia.

Na Allemanha, que é preciso citar sempre que se tratar de educação e, principalmente da educação como meio de desenvolver o sentimento nacional e fortificar o patriotismo, na Allemanha o estudo da historia patria é feito desde a escola primaria até a universidade. E feito num alto espirito patriotico e como um meio pedagogico efficaz de educação nacional.

O já citado Sr. George Dumesnil, membro do alto ensino francez, enviado pelo seu governo em missão pedagogica official a Allemanha, diz: «É conhecido o admiravel partido que soube a Allemanha tirar da historia, no ponto de vista do ensino nacional e patriotico. Jahn, o *pai da gymnastica* na Allemanha, o qual logo após a derrota de Iena lhe preparara a desforra, podia di-

zer depois a guerra da redempção: — O dia 31 de Março (entrada dos alliados em Paris), o 18 de Junho (batalha de Waterloo, chamada na Prussia batalha da Bella-Alliança), e o 18 de Outubro (batalha de Leipzig) tornaram-se grandes dias da gymnastica. Em 1842, Fernando Stiehl, eminente pedagogo prussiano, publicava em Coblentz, sob o titulo de: *O ensino nacional da historia em nossas escolas primarias,* os seguintes pensamentos: « O fim principal da historia é fundar e vivificar o sentimento nacional, o amor da patria, o patriotismo... É a vós, mestre-escolas, que incumbe a missão de dar principios e fórma aos sentimentos e á vida da geração que, depois de nós, vae ser o povo... Entendo por historia nacional, na escola primaria, o que é verdadeiramente nacional; assim, para nós outros rhenanos, não sómente a historia do Brandeburgo, mas a do Rheno, da Allemanha e da Prussia-Brandeburgo. Demais, não comprehendo o ensino da historia como uma nomenclatura, uma exposição nua e secca de nomes principaes, de guerras, de conquistas, etc.; quero que nos ponham no verdadeiro meio historico do povo, *communicando-nos os factos de uma época, os mais importantes documentos e os mais commoventes cantos nacionaes.*

Si quizermos *despertar, pelo ensino da historia nacional, um amor consciente da patria e assegurar-lhe uma influencia sobre os sentimentos, sobre a vida nacional e a geração futura,* faz-se mistér banir da escola primaria o ensino que vae systematicamente para diante, paragrapho por paragrapho.»[1]

E Stiehl propunha o agrupamento das materias da historia nacional segundo um calendario patriotico, o que foi adoptado em 1854 pela reforma do ensino primario, na qual tomou parte o illustre pedagogo.

Aos dias nacionaes consagrados na época da reforma, vieram juntar-se outros como os das mais recentes victorias allemãs, Sadowa, Gravelotte, etc. «O anniversario de Sedan, continua o Sr. Dumesnil, tornou-se o dia da verdadeira festa nacional e apagou as outras commemorações. Esse dia é celebrado na Prussia inteira não por lições particulares na classe, mas por ceremonias, discursos, exercicios gymnasticos, contos e ferias em todos os estabelecimentos de instrucção publica. Em summa, o ensino historico é em todas as suas partes animado do mesmo espirito pa-

1 G. Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 32.

triotico. O livro de leitura vem em auxilio do ensino historico propriamente dito e conta á criança as glorias de seu paiz e de seus principes. Sobretudo foi elle quem se encarregou de realizar a parte mais bem ideada dos processos preconizados por Stiehl, a que põe ao alcance da criança *os mais commovedores cantos nacionaes.*» [1]

Os cantos patrioticos, em que é tão rica a literatura allemã, uns anonymos e verdadeiramente populares, outros de seus poetas, alguns illustres, cooperam efficazmente no ensino historico, e tendo como vehiculo a musica, importante ramo de educação esthetica nas escolas allemãs, infiltra-se por assim dizer na alma popular, e nella grava indelevelmente o ensino didactico da historia patria.

E um regulamento official citado pelo Sr. Dumesnil, determina: «No ensino do canto far-se-á alternar os canticos e as canções populares. O fim é que cada escolar possa cantar com justeza e segurança não sómente em côro mas só, e que ao sair da escola, possua perfeitamente um numero sufficiente de canticos e cantos populares,

1 Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 35.

e ache-se tanto quanto possivel penetrado do texto destes ultimos.»

No Brazil fôra acaso achado ridiculo o poder que introduzisse na escola os cantos populares, como parece merecer o menos preço dos graves prudhommes quem se occupa de estudal-os. [1]

Na Allemanha, entretanto, a Assembléa Geral dos mestre-escolas allemães, reunida em Brunswick em 1879, adoptava as seguintes proposições, aliás ali desde muito no dominio da pratica: «Os cantos nacionaes devem occupar uma grande parte nos programmas das escolas, e dellas passar ás familias e á vida. O canto faz parte integrante da educação nacional allemã. É preciso cultivar sobretudo (no estudo da musica) o canto popular allemão (das deutsch Volkslied) a uma ou duas vozes.» [2]

E este ensino historico que se faz pelo estudo directo da historia, pela commemoração escolar das grandes datas nacionaes e pelo canto patriotico, se faz ainda durante o estudo da lin-

[1] Sobre esta questão veja-se o interessante livrinho do Sr. Adolpho Coelho, *Os Elementos tradicionaes da educação*, Porto.

[2] G. Jost, *Les Congrès des Instituteurs allemands*, Paris, 1880, pag. 213.

gua desde o ensino primario elementar. «O livro de leitura, diz o autor citado falando do ensino da lingua allemã, traz já (na classe inferior) sua contribuição á historia e povôa o espirito da criança de anecdotas que esta porventura ouviu já na familia e que, por assim dizer, farão parte tão integrante de sua memoria que ella não se recordará mais de tel-as aprendido. A seu turno passam ali Carlos Magno, Barbaroxa, Luthero, o velho Fritz, que depois de ter tão bem batido os francezes em Rosbach se occupava em fazer ir as criancinhas á escola, a rainha Luiza, offendida por Napoleão, Blücher, *o marechal Para frente,* que a vinga, e o imperador Guilherme, que se torna em vida um heroe de um cyclo épico nacional.» [1]

E este ensino da historia, cada vez mais desenvolvido, mais profundo, porém com o mesmo caracter patriotico, nacional, passa da escola primaria ao gymnasio e de lá ás universidades, essas grandes geradoras e mantenedoras do espirito nacional allemão. Na de Berlim, no semestre de verão de 1882, o programma do estudo da historia allemã occupou as seguintes materias:

1 Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 54.

*Historia da Allemanha, desde o interregno até a Reforma ;*

*Historia da arte allemã desde o seculo XVI até nossos dias ;*

*Historia geographica da Allemanha ;*

*Historia da Prussia, de 1786 a 1815.* [1]

No Brazil não temos ainda uma cadeira siquer de ensino superior da nossa historia ! [2]

Juntae a este estudo da historia nacional feito nos compendios escolares, feito no livro de leitura, feito nos cantos patrioticos, feito nos monumentos, nos museus, e em outros elementos suggestivos de educação intuitiva, as associações de estudantes e ex-estudantes formando um enorme laço de união entre todos os homens de letras do paiz, inspirados do mais ardente amor da patria, as sociedades de tiro, as sociedades gymnasticas com os seus 200 mil gymnastas, as sociedades de musica, os celebres choraes, que por toda a patria allemã vão entoando os *lieder* que lhe cantam a gloria — e tereis a explicação da formação

[1] L. P. Didon, *Obra cit.*, pag. 235.

[2] No antigo Collegio de Pedro II, de ensino secundario, houve sempre uma cadeira de historia do Brazil. No Gymnasio Nacional, em que elle se transformou sob a Republica, foi essa cadeira supprimida. (1906)

da unidade e da grandeza moral e material da Allemanha.

Em Berlim criou-se em 76 uma Galeria nacional de pintura, de caracter patriotico. Occupam-na principalmente as scenas dos combates dados pela Prussia desde 1864. « A arte dos pintores, diz o padre Didon, a quem tomamos estas informações, é ainda jovem ; mas o amor da terra, o patriotismo no seu exclusivismo duro e com seus ares guerreiros parece ter empunhado os pinceis. Eu mais observava os visitantes que admirava os artistas. A maior parte eram camponezes e provincianos. Com que ingenuidade pasmavam elles em frente dessas batalhas de duvidosa arte! É assim que o povo se instrue ; dae-lhe imagens, telas vivas onde se lhe depare a aureola de seus chefes victoriosos. Um grande pintor nacional, é um sublime mestre-escola. São os quadros um livro onde aquelles mesmos que não aprenderam, pódem ler ; perpetuam, em uma fórma tocante e popular, os heroes, os valentes que souberam vencer.» [1]

Emquanto a Allemanha preparava assim pela organização mais sábia e mais completa da edu-

[1] *Obra cit.*, pag. 302.

cação nacional as suas victorias e com ellas a sua hegemonia e unidade, a França do segundo imperio, nisto, como no mais, desleixada e imprevidente, não sabia siquer o que era a educação civica. Entretanto, seus publicistas, melhor avisados que os seus estadistas, a reclamavam. «O bom senso, escrevia o eminente Sr. Gréard, um dos homens a quem mais deve a França a sua regeneração pedagogica, reclama que ao respeito das tradições nacionaes, que é a base do patriotismo esclarecido, se junte no espirito das crianças chegadas ao uso da razão o conhecimento das leis geraes da vida publica de seu paiz.» [1] E, em antes, em 1868, traçava assim o programma do ensino da historia patria na escola primaria: «em historia, limitar-se aos traços essenciaes do desenvolvimento da nacionalidade franceza e procurar-lhe a continuidade menos na successão dos factos de guerra que no encadeiamento logico das instituições e o progresso das idéas sociaes; em uma palavra, fazer da França o que da Humanidade diz Pascal, um grande ser que subsiste perpetuamente, e dar assim á criança

[1] Oct. Gréard, *Éducation et Instruction,* Paris, 1887, I, pag. 341.

conhecer os recursos finânceiros, industriaes e commerciaes do paiz, suas producções e a excellencia de suas instituições politicas, tudo o que póde emfim gravar no coração o amor da patria e uma illimitada confiança na grandeza de seus destinos. Os cantos com que resoam as escolas nos momentos consagrados ao estudo da musica, celebram os grandes acontecimentos dos Estados-Unidos e as acções generosas dos seus homens mais illustres.» [1]

Em uma das mais notaveis universidades americanas, a de Ann Arbor (Michigan), foi criado um museu patriotico reunindo «objectos que recordam os principaes acontecimentos historicos do paiz, na guerra ou na paz, e principalmente durante a ultima guerra civil.» E Hippeau informando, conta que um alumno mostrou-lhe « como uma preciosa reliquia um ramo da macieira, em baixo da qual se achava o general Grant, quando o general Lee se lhe veio entregar.»

Um notavel educador americano, o Sr. John Swett, em um dos melhores livros de pedagogia

1 C. Hippeau, *Obra cit.*, pag. 63.

pratica que conhecemos, assim recommenda seja dado o ensino da historia do seu paiz: «Chamae a attenção dos alumnos para o progresso da nação nas artes e nas sciencias; para as grandes invenções e descobertas que têm sido feitas; para tudo que tenha melhorado a condição do povo. Fazei-lhes perceber que, embora não seja a historia em summa sinão um registro de factos e conquistadores, todavia a paz tem suas victorias não menos memoraveis que as da guerra, e que a mais gloriosa victoria da guerra é a que estabelece uma paz honrosa.» [1]

Referindo-se a esta ordem do ensino na Republica Argentina, assim se expressa o Sr. Hippeau:

«No programma do ensino das sciencias moraes, ha tres cursos que com muita felicidade completam a educação dos jovens collegiaes: a historia da Republica Argentina, o curso de instrucção civica e o de economia politica, tres ordens de conhecimentos que essencialmente lhes convêm, pois que são chamados a tornarem-se cidadãos de um paiz livre. Têm necessidade de saber como e em consequencia de que aconteci-

1 *Methods of teaching,* New-York, 1886, pag. 166.

mentos se desenvolveu a sociedade argentina; como tirou ella partido dos recursos que lhe offerece o seu territorio, como se criaram os seus estabelecimentos agricolas, suas manufacturas, seus entrepostos, como, emfim, se formaram suas relações commerciaes com os outros Estados. Pelo succinto resumo que fiz da historia dos estados do Prata, póde ver-se quanto póde ella interessar á mocidade quando este ensino é confiado a um professor instruido e profundamente penetrado dos sentimentos que inspira a um filho deste bello paiz o quadro de suas luctas e de seus soffrimentos, seguidos do glorioso triumpho que assegura para sempre sua independencia.»

No defeituosissimo systema da instrucção publica do Brazil, a historia patria foi não só descurada, mas póde-se dizer não existe, sinão nos programmas, si programmas se póde chamar a esses simples róes de materias que são um artigo das nossas leis de ensino.

A historia nacional entre nós foi tão prodigiosamente desprezada que, excepção feita da obra valiosissima do Visconde de Porto Seguro,

1 *L'Instruction publique dans la Republique Argentine,* Paris, pag. 222.

cuja primeira edição é de 1854-57 e a segunda — e ultima — de 1877, é com os estrangeiros que teremos de ir aprender a historia do nosso paiz! A primeira grande historia do Brazil que tivemos desde que fomos uma nação foi a do inglez Roberto Southey, poeta laureado. Quem são os autores da historia do Brazil? São estrangeiros, o citado Southey, e Beauchamp e Constancio e Grant e Henderson e Ferdinand Denis e Warden e Armitage e outros.

Brazileira apenas temos a alludida *Historia geral do Brazil.* O mais, ou são resumos mais ou menos disfarçados della, ou lições, compendios, elementos — a maior parte dos quaes sem grande valor pedagogico.

Este facto é só por si caracteristico e dispensaria quiçá mais longos commentarios.

Os rarissimos trabalhos especiaes sobre este ou aquelle ponto da nossa historia, não chegam ao grande publico. São ainda mais raras as provincias que possuam trabalhos sobre a sua historia particular, e esses tambem, quando acaso existam, ficam ignorados. Uma associação especial para estudar a historia patria, o Instituto historico e geographico brazileiro, apezar da singular protecção que lhe dispensou sempre o ex-

Imperador, apenas tem-se podido manter. E são entretanto, preciosissimos os 50 e tantos tomos da sua *Revista*, pelos materiaes que contêm — memorias, chronicas e outros documentos e ineditos antigos. Mas essa *Revista* mesma é desconhecida no Brazil, apezar da excessiva barateza do seu custo. Lembro-me que entrando pela primeira vez num estabelecimento que aqui temos condecorado com o nome de Bibliotheca Publica, e pedindo ao empregado, ajudante do bibliothecario, um dos tomos da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*, elle perguntou-me ingenuamente si era em francez ou portuguez! Em Pernambuco, terceira cidade do paiz, existe tambem um Instituto historico, que, aliás, como a mulher de Cesar, não dá que falar de si, e o qual tambem publica intermittentemente uma *Revista*, ainda menos conhecida que aquella. [1] Nas Alagoas, sei tambem, vegeta um instituto analogo, que, si faz historia, tem a felicidade de não tel-a. Ignoro se publica algum orgão seu.

Eis o que é o alto estudo da historia do Brazil no Brazil. O povo tambem indifferente a si

[1] E aliás merecia ser, pois é credora da estima dos doutos. Ultimamente criaram-se institutos semelhantes em S. Paulo, na Bahia e, creio, em outros Estados.

mesmo e á patria não dá por isso, e eu certamente não erro assegurando que não ha talvez no Brazil um milheiro de pessoas que saibam das instituições citadas.

A nossa literatura historica é nulla. Como disse, apenas possuimos, escripta por nacional, uma historia geral do paiz, que mereça citada. Os trabalhos historicos parciaes, contam-se; e os raros feitos, publicados nas obscuras revistas daquelles raros e pobres institutos sem onus para os autores, rarissimamente são editados em livros, para assim ganharem mais ampla publicidade.

O ensino da historia patria, além de escacissimamente feito, é pessimamente dado. Os compendios, insisto, são em geral despidos de qualquer merecimento didactico. São pesados, indigestos e mal escriptos.

Para o ensino primario os poucos que ha são inspirados na velha pedagogia jesuitica das perguntas e respostas, e limitam-se a uma enfadonha e estupida nomenclatura de governadores, de reis, de capitães-móres ou de factos aridos de nenhum modo uteis ao ensino primario da historia patria. Na escola primaria, afóra a decoração e bruta repetição desses pessimos compendios, nada mais auxilia e completa o estudo da

historia nacional. O mestre, que as mais das vezes a ignora, e que em geral é pouco zeloso, limita-se a *tomar a lição,* isto é, a fazer ao menino as perguntas indicadas no compendio, e a exigir delle a resposta. Não ha uma explicação, não ha uma lição oral, um trabalho de composição sobre a historia patria. *Tomada a lição* está satisfeita a obrigação official, quando a não descuram de todo, que é o que mais vezes acontece.

O livro de leitura tambem não fala da patria, nem se occupa da sua historia. Um facto que efficazmente revela a nossa desestima pela historia patria é que no ensino secundario ha apenas algum tempo, tres ou quatro annos, a historia do Brazil entrou a fazer separadamente parte dos programmas. Até então era conjunctamente estudada com a historia universal, e como geralmente se começava pela historia antiga, e della se passava á da idade média e desta á moderna, quando se encetava a do Brazil faltava apenas um ou dous mezes quando não sómente alguns dias para os exames. Sendo raro que o preparatoriano quizesse empregar no estudo da historia geral, comprehendida a do Brazil, mais de um anno, póde-se, só por esta simples e veridica exposição imaginar o que elle saberia da historia

do seu paiz e de que proveito lhe seria esse estudo que realmente não fez.

Não ha falar no ensino superior da historia do Brazil, porque o não temos.

Tal é, em toda a verdade, entre nós, o estudo da historia patria. Accrescente-se a isto que não temos nenhuma especie de publicação periodica que de quando em quando trate della, que a nossa imprensa apenas faz politica, aluga as columnas para as descomposturas ou dá noticias do estrangeiro; que não possuimos museus historicos, nem monumentos, nem estatuas nem memorias, nem as commemorações patrioticas das épocas gloriosas ou felizes da nossa historia — e tereis achado uma das causas da nossa profunda e completa e vergonhosa ignorancia da historia patria e, assim, uma das causas da falta do sentimento nacional no Brasil.

O remedio a este mal, que cumpre sem adiamento combater e anniquilar, é trabalharmos desveladamente e seriamente na reforma deste ponto da nossa instrucção publica.

É indispensavel que a historia patria tenha um lugar de honra no ensino primario, e que ahi seja feita não broncamente e excepcionalmente como até aqui, mas intelligente e systematica-

mente, consoante os principios, dos quaes nas citações atrás feitas foram notados alguns, que dominam não só nos mais bem surtidos mestres da pedagogia contemporanea, sinão na pratica dos paizes neste ponto mais adiantados. Todo ensino tem um fim — o da historia patria é dar-nos pelo conhecimento da origem commum, das difficuldades em commum soffridas e em commum vencidas, da marcha e evolução dos mesmos costumes, das mesmas leis e da mesma organização, dos progressos custosa, lenta, mas seguramente adquiridos, a noção exacta da solidariedade nacional, e com ella o amor da patria que nos legaram os nossos antepassados e o desejo firme de continual-os, para legal-a ás gerações vindouras successivamente melhorada.

Na escola primaria este ensino póde começar desde o segundo livro de leitura pelo menos. É preciso que o livro de leitura entre nós se reforme completamente e que sobre tudo fale do Brazil e de nossas cousas. Os primeiros livros devem conter contos e cantos populares e pequenas historias em que se reflictam a nossa vida e os nossos costumes. Só assim interessarão a criança. Entremeiados com estes assumptos virão pequenas scenas da historia patria mesmo legen-

darias. A historia do Caramurú, por exemplo, sendo falsa, ensina entretanto á criança que eram selvagens os primitivos habitantes do Brazil, que devoravam os seus prisioneiros e que não conheciam o uso da polvora. Um resumo bem feito da candida narração de Caminha a D. Manuel sobre os gestos dos selvagens, perante os portuguezes da armada de Cabral, cuido eu que se gravará na memoria, fará trabalhar as imaginações dos jovens ouvintes e será uma excellente lição da ethnographia patria. O facto de Amador Bueno, alguns episodios dos bandeirantes, a vida dos primitivos colonos, a descripção de uma missão, as biographias dos homens notaveis — eis outros tantos quadros proprios para, mediante o livro de leitura, ensinar, e bem, a historia patria.

A narração destes factos ir-se-á paulatinamente desenvolvendo nos successivos livros de leitura, que poderão tambem conter extractos de alguns chronistas, adequada a linguagem á intelligencia dos escolares, e versos de poetas brazileiros sobre feitos da historia patria.

O compendio especial da historia do Brazil, virá completar e systematizar esse ensino, já nas classes superiores da escola. Lida por cada um ou pela maior parte dos alumnos a lição e lida

como si se tratasse de uma lição de leitura expressiva, o professor chamará a attenção para os factos que convém aprender de cór, escolherá os factos principaes e os porá em evidencia; procurará que os alumnos lhes descubram as causas e lhes deduzam os effeitos; não ligará muita importancia ás datas, sinão ás dos grandes acontecimentos, e apenas como meio de evitar anachronismos; fará um estudo particular da historia do Estado em que estiverem; dará curta e precisa noticia biographica dos homens notaveis indicando os serviços que prestaram ao paiz; terá em vista que a comprehensão dos grandes factos historicos, suas causas, resultados, relações, é mais importante do que a decoração material de algumas paginas do compendio; exigirá que os alumnos procurem libertar-se da repetição servil das palavras do livro; supprirá a seccura da narração do compendio com anecdotas, incidentes, historias assás caracteristicas para pintar uma época ou desenhar um caracter; insistirá sobre os progressos feitos comparando sempre factos do passado, já estudados, com o presente; sem caír na tagarelice procurará falar sempre da patria e apreciar os seus factos historicos com calor, com um enthusiasmo de bom gosto e sin-

cero, de modo a despertar nas crianças uma commoção benefica, o amor da patria e o orgulho da sua futura grandeza. [1]

Conviria muitissimo que o livro de leitura, como o compendio, fossem illustrados, como seria de grande alcance, ao menos para as classes infantis, possuir a escola uma collecção de gravuras historicas, que, commentadas em classes, seriam a melhor e a mais gostosamente aprendida das lições.

Mas quando teremos nós semelhantes estampas?!

Como adjuctorio a este estudo feito na estampa, no livro de leitura, no compendio de historia e na lição oral do mestre, parece-me seria grandemente apreciavel a imitação do systema allemão da commemoração das datas celebres da historia patria. Organizado um calendario patriotico, o mestre poderia por meio de uma pequena narração celebrar esse dia, e na vespera daquelles que são feriados, e que são os maiores dias da patria, na ultima hora, expôr aos alumnos os motivos que os tornam dignos dessa consagração,

[1] V. Swett, *Obra cit.*, pag. 164-167.

fazendo-lhes uma especie de lição supplementar sobre elles.

O ensino secundario no Brazil, feito exclusivamente em vista de obter matricula nos cursos superiores, é entre nós tão irracional e grosseiramente organizado que, a menos de suppôr-lhe uma reforma radical e completa, não é possivel estabelecer esperanças sobre elle.

Já dissemos como é ahi precipitadamente feito o estudo da historia patria, que, com o da chorographia do paiz, que lhe é annexa, raro toma mais de um anno. Si ao menos durante o curso primario a tivesse o menino aprendido, não seria tamanho o mal; a verdade, porém, é que, a despeito dos programmas, é rara a escola em que ella se dá, e quando isso acontece é de modo tal que melhor valera não a dar.

Não possuimos como fica dito, nenhuma cadeira de ensino superior da nossa historia, e nas escolas de direito não ha ao menos uma da historia da legislação colonial ou em geral da historia da legislação ou direito nacional. O Brazil está reclamando a criação de algum instituto de ensino superior, fóra das especialidades da medicina, do direito ou da engenharia. Nessa

futura escola, a Historia do Brazil deve ter pelo menos uma cadeira.

Um esclarecido pensador italiano, e efficaz cooperador na obra da restauração da Italia, obra que muito, sinão tudo, deve á educação nacional e principalmente ao estudo da historia, reflecte ponderosamente: «Tornando-se Sciencia, a Historia torna-se ao mesmo tempo um estudo pratico, e faz-se não só a sciencia do estadista, mas de todo o perfeito cidadão, porque em um paiz livre cada cidadão deve ser homem de estado nos limites de sua actividade.» [1]

---

[1] Nicolo Marselli, *La Scienza della Storia,* Torino, 1885, I, pag. 390.

VII

# A EDUCAÇÃO DA MULHER
## BRAZILEIRA

Si de véras pensamos em educar a sociedade, a educação da mulher impõe-se com o rigor de um postulado geometrico. A educação de uma sociedade — no sentido complexo e completo que neste livro tem a palavra educação — suppõe a dos individuos que a compoem. Ora como, em toda a significação do termo, o primeiro e principal educador do individuo, desde o seu nascimento, e quiçá ainda em antes, até a sua morte, é a mulher, segue-se logicamente, necessariamente, que a educação da sociedade deve começar pela educação da mulher.

O contrario justamente aconteceu na sociedade portugueza, donde a nossa deriva, e nesta. São conhecidos os costumes daquella em relação

á mulher. Viveu esta sempre ali, ao menos até a entrada do seculo XIX, em meia clausura. Do convento ou recolhimento religioso onde em geral se educava, passava á casa de sua familia, na qual a sua reclusão era apenas menor. O que valiam como moralidade, compostura, decencia, instrucção, bom tom, disciplina moral e intellectual em summa, os conventos de freiras portuguezas, sabemol-o sobejamente pelas chronicas e historias do tempo e por mil factos do dominio publico. As torpissimas tradições que deixaram andam abundantemente vulgarizadas na historia, na chronica e na ficção portugueza.[1] Essa educação de convento, entre freiras ex ou ainda amasias de reis e fidalgos, de criadas desavergonhadas e escravas impudicas, que desobrigavam suas amas de todo o trabalho honesto e nobili-

[1] Para justificar estas asserções não teriamos sinão o embaraço da escolha. V. em Alex. Herculano, *Hist. da Origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* (Tom. III, p. 37, 5ª edição) o quadro do estado moral de Portugal na época de D. João III (justamente a do povoamento do Brazil). V. especialmente o que elle diz dos conventos de freiras (p. 40). Leia-se tambem em Camillo, *Amor de Perdição*, o que era um desses conventos em Vizeu, no principio do seculo passado, e do mesmo autor, nas *Noites de Insomnia*, n. 1, janeiro de 1874, os *Subsidios para a historia de um futuro santo*, episodio de um conflicto entre o arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão, e as freiras daquelle convento.

tante e lhes serviam de terceiras; de frades devassos, de chichisbéos, de poetastros, habituados das grades dos parlatorios ou dos pateos dos outeiros, numa vida désoccupada, ou apenas enchida com o exercicio enervante das rezas diuturnas e das devoções obrigatorias, e com os namoros, os mexericos, as intrigas sentimentaes ou outras, a maledicencia — que de tudo eram os conventos fócos — não era sem duvida a mais apta para produzir um typo de mulher capaz de ser a digna educadora do homem. Fóra do convento, no lar domestico, não era mais activa a sua existencia, nem melhor dirigida e empregada a sua actividade. Os costumes orientaes, introduzidos pelos musulmanos na peninsula iberica, a escravidão, que por muitos seculos nella existiu como instituição legal, se não tambem a suspeição que o ascetismo catholico lançou sobre a mulher, determinaram o papel apagado e a clausura domestica da mulher portugueza. A casa de seu pai ou marido era apenas uma continuação do convento, e ás vezes menos aberta do que este.

Para avaliarmos bem qual a situação da mulher da antiga sociedade portugueza, basta-nos

ver qual é a concepção que della têm os seus moralistas. É D. Francisco Manuel de Mello, por seus talentos, realçados pela sua prosapia e teor de vida, um dos primaciaes destes. Fidalgo dos maiores e mais allumiados de Portugal, instruido, viajado, sabidissimo, é, entretanto, o seu interessante livro *Carta de Guia de Casados* (1651) a synthese do caturrismo portuguez a respeito da mulher. Esse amigo e admirador de Margarida de Valois, não duvida escrever: «Assim, pois, não nos é licito privarmos as mulheres do subtilissimo metal do entendimento, com que as forjou a natureza, podemos sequer desviar as occasiões de que o agucem em seu perigo, e nosso damno.» E mais: «Ainda fico com escrupulo sobre a lição em que muitas se occupam. O melhor livro é a almofada e o bastidor mas nem por isso lhe negarei o exercicio delles.» [1] «O melhor livro é a almofada e o bastidor» é rigorosamente o resumo da opinião portugueza no passado, e não de todo extincta hoje, sobre a educação da mulher. E tam-

[1] *Carta de Guia de Casados*, edição de Camillo Castello Branco, Porto, 1873, pags. 118 e 123. Dado o desconto dos tempos, e attendida a relatividade do criterio que governava a vida no seculo XVII e a governa agora, este livrinho, a muitos respeitos encantador, merece ainda lido e meditado.

bem no Brazil era a opinião das nossas avós e avôs, e não é de todo certo não seja ainda de muitos de nossos pais e de nossas mãis.

Para este moralista, como para o seu precursor neste ensino de casados e casadas, Diogo de Paiva de Andrade, tambem um dos classicos da lingua e do pensamento portuguez, autor do *Casamento perfeito* (1630), a summa das perfeições femininas são justamente as exigidas de uma religiosa, «que sejam caladas e soffridas, escusem os enfeites, se guardem de conversações dêmasiadas posto que pareçam licitas.»—«Como o silencio, preceitúa Paiva de Andrade, e o soffrimento são circumstancias tão necessarias para a quietação das mulheres casadas, a boa razão, o discurso mostram que o não fica sendo menos a conversação de pouca gente, pois claro está, que quando se lhe encommenda que falem pouco, tambem se lhe deve encommendar que falem com poucos; e quando se lhe pede que sejam soffridas, tambem se lhe deve pedir que se guardem de occasiões, que as possam fazer impacientes; e para uma e outra segurança convém, que essas poucas pessoas com quem tratarem, sejam na lingua tão registadas, que com razões pouco importantes lhe não façam perder ou arriscar

duas perfeições que tanto importam, como é o soffrer e calar, sem as quaes não podem viver quietas, nem bem casadas...»[1]

Taes preceitos parecem antes endereçados a monjas que a senhoras de sociedade, e, como são a synthese da opinião portugueza do tempo sobre a educação e comportamento da mulher, explicam sufficientemente a mulher portugueza, a sua falta de cultura espiritual, de boa educação, de trato social — e a taciturnidade e tristeza de uma sociedade em que a mulher tinha como virtude não falar.

Estes costumes, como já atrás indicamos, passaram ao Brazil. Aqui tambem a mulher viveu, ao menos até a metade do seculo passado, relegada do convivio dos homens, até seus parentes, enclausurada com as suas escravas e mucamas, nas suas alcovas, novos gyneceus, onde as donas de casa, de uma rêde ou poltrona, dirigiam os lavores domesticos, daquellas e das proprias filhas a ellas juntas, as rendas de bilro, os labirintos, as costuras e os doces. Ás salas raro vinham, pois ali mesmo na estancia onde de com-

1 Edição Garnier (3ª) pgs. 355, 373, 407. Tambem esta obrinha é ainda merecedora de leitura e meditação.

mum assistiam, recebiam as visitas, essas, poucas, só de senhoras, e sempre intimas. Á mesa dos repastos familiares, se havia convivas, não compareciam nunca. Estes costumes, ainda não ha cincoenta annos, eram geraes em todo o Brazil, ao menos no interior. Segundo já referi, muito impressionaram elles a Saint-Hilaire, o mais cabal e escrupuloso e o mais veridico e fidedigno informante da vida brazileira na primeira metade daquelle seculo. E ainda hoje, mesmo nas capitaes, até nesta cidade do Rio de Janeiro, onde escrevo, nas rodas não de todo transformadas pela influencia européa, vivem os dous sexos, ainda nas reuniões mundanas, separados. Á mesa não é extraordinario ver ainda as senhoras sentadas de um lado, os homens de outro e correr um jantar em quasi absoluto silencio, porque a regra da antiga civilidade portugueza era que «á mesa não se fala.»

Para uma sociedade em que a mulher era assim criada e tratada, tornava-se ella principal, sinão exclusivamente, um mero objecto de prazer e de gozo. Era apenas o objectivo do amor de que o homem dessa sociedade fizera a sua preoccupação dominante. E como a mulher não sabia conversar, nem aprendia a conversar, porque lhe escaceavam os motivos, os assumptos e até as

occasiões de conversação, e esta, de sua parte era sempre, ao parecer dos assistentes, demasiada, os sentimentos affectivos do homem por ella, aguçados pela difficuldade do commercio com ella, reduzia-se ao cabo no desejo della, cujos encantos para elle se limitavam ao seu physico. E assim a mulher lhe vinha em ultima analyse a ser apenas um excitante da sua sensualidade. Que sentimento mais fino, mais depurado, mais espiritualizado poderia, sinão muito excepcionalmente, nascer entre homens e mulheres que mal se viam, que se não falavam, sinão a custo e a medo, que não tinham ensejo e liberdade de trocarem idéas, sensações, opiniões, outra cousa emfim que não fossem os galanteios furtivos, ditos de passagem ou transmittidos pelas mucamas e moleques, os demonios familiares, como lhes chamou o nosso romancista? E não seria esta reclusão, esta defeza imposta á mulher da convivencia com o homem, esta prohibição de conversação entre elles que, excitando por isso mesmo o sentimento natural, necessario, do desejo reciproco dos dous sexos, feitos para serem os factores da reproducção da especie, criou o erotismo e a tristeza que caracterizam o amor na raça portugueza?

Nesta raça, amorosa entre todas, cuja historia sentimental achou a sua expressão num rico lyrismo, mais do que nenhum outro exuberante e sensual, e cujo mais alto premio, qual o imaginou o seu mais eminente representante, foram as delicias sensuaes da Ilha dos Amores (Camões *Os Lusiadas, IX,* est. 54 e seg.) nesta raça que conta typos como Ignez de Castro, Joanna Alcoforado, a Maria de *Fr. Luiz de Souza*, a Thereza do *Amor de Perdição* e todas as heroínas, amorosas até a morte, da tradição, da poesia e da lenda portugueza, o povo não conjuga nunca o verbo *amar* para exprimir esse sentimento, mas o verbo *gostar,* no qual ha muito mais que naquelle a revelação do desejo e do prazer physico. Póde-se affirmar que em Portugal e no Brazil o emprego do verbo amar e da palavra amor, no singular, é principalmente literario. É que num e noutro paiz, por effeito da educação catholica, e do monachismo que foi em ambos elles um factor da educação nacional, o amor foi sempre tido como um peccado, nunca pôde viver ás claras, ser confessado sem pejo, ou sem despejo. [1] Nos dous paizes, não ha ainda muito mais

[1] Notando o Sr. João Ribeiro, na sua *Selecta Classica* (p. 142) que o verbo amar, « nunca conseguiu popularizar-se » na lingua por-

de meio seculo, os casamentos, e não só nas altas classes, se faziam a despeito dos nubentes, por simples intervenção dos pais.

Quaesquer que fossem as qualidades intrinsecas, se não é pouco galante falar assim, de mulheres deste modo criadas, sem nenhuma instrucção (ainda conheci crescido numero de senhoras de boas familias completamente analphabetas), sem nenhumas prendas de espirito, sem convivio social, sem alguma sciencia do mundo e da vida, não poderiam ellas dar as educadoras de homens que a sociedade actual exige. Quando muito, virtuosas como geralmente eram, (e muitas só o seriam por lhes faltar occasião de o não serem) carinhosas, como são de natureza as portuguezas e brazileiras, e por via de regra todas as mulheres, puderam ellas supprir, e muitissimas o fizeram excellentemente, com os dotes naturaes do seu coração, com os impulsos affectivos da sua alma, a carencia ou as falhas de outras capacidades de que uma educação mais intelligente as teria provido.

Essa educação é preciso dar-lhes, e somos

tugueza, repara tambem que na lingua antiga o plural *amores*, muito mais usado que o singular «indicava sentimentos deshonestos ou desordenados.»

nós, seus educandos, que temos, pela força das cousas, de dar-lhes.

As necessidades da vida contemporanea, as suas exigencias imprescriptiveis, mais que as nossas theorias sentimentaes ou racionaes, vão modificando na nossa sociedade, mais rapida e profundamente do que talvez se carecia, os nossos costumes e habitos em relação á mulher. O que ainda se discute, ou apenas se ensaia, com ares de ousadia, em paizes como a França, o ensino mixto, a coeducação dos sexos, pratica-se no Brazil ha mais de vinte annos, sem que haja dado motivos consideraveis de queixa. As netas de avós que só saíam de casa nas « quatro festas do anno », vivem hoje mais na rua que no lar e se frequentam quasi tanto a igreja como o theatro, é porque a igreja, com as suas decorações apparatosas e brilhantes, os seus padres moços e gamenhos, as suas cantoras de theatro e de nomes preconisados nos jornaes, a sua musica de opera, os seus barytonos, baixos ou tenores profissionaes, celebridades do palco, angariados como um chamariz á devoção galante, é tambem um divertido lugar de espectaculo, um prazo dado de elegancias mundanas, um salão. As filhas de mãis que não sabiam ler ou apenas liam o seu livro de

missa e outras devotas obras, devoram os Bourgets, os Prévosts, os Ohnets e outros classicos do sentimentalismo francez. As netas de avós que não vestiam sinão de preto e modestamente, nem punham na cabeça sobre os seus bandós achatados, outro toucado que um lenço atado sob o queixo, uma coifa, uma mantilha ou, raro, um discreto chapelinho, rivalizam em copiar o vestuario estapafurdio e esquipatico e até as maneiras e gestos despejados daquellas mulheres cujo appellido suas avós nem siquer pronunciavam, por não ter a sua castiça lingua portugueza, unica que sabiam, um termo menos indecoroso com que nomeal-as, e que uma senhora pudesse dizer.

Estolidez, porém, seria revoltarmo-nos contra estas modificações na vida da mulher brazileira; ellas decorrem logicamente das mudanças, ou do progresso, se assim lhe quizerem chamar, da mesma sociedade brazileira. Não me parece fundada a opinião de ser a mulher mais conservadora do que o homem; ao contrario, creio que sendo ella de natureza mais nervosa, de uma sensibilidade mais aguda, como parece, até scientificamente, provado, é por isso mesmo menos consistente, e mais voluvel. Mobil como a onda, chamou-lhe um dos seus maiores poetas,

Shakspeare. Esta maior mobilidade, esta maior capacidade de se affeiçoar ás circumstancias e condições de existencia, e mudar muito mais facilmente que o homem, de condição e de caracter, donde lhe veio a fama universal de inconstante, e da qual a historia e a vida offerecem illustres exemplos, facilitou no Brazil, como em Portugal, a transformação da mulher dos tempos antigos, a nossa velha « dona » honesta, severa, ignorante e como quer que seja indolente, nas nossas mulheres de hoje, que tocam piano, cantam e representam até em espectaculos publicos, falam francez e ás vezes inglez, vestem como as de Paris, saem sós, fazem ellas mesmas as suas compras e os seus casamentos, lêem romances, frequentam conferencias literarias, não só conversam mas discutem com os homens, jogam nas corridas de cavallos ou nas bancas dos roleteiros, começam a jogar o *croquet* e o *lawn-tennis* e a montar biciclete em trajos quasi masculinos, e principiam a interessar-se pelo feminismo. Mas entre aquella «dona» de outr'ora e a mundana de hoje a differença, no fundo, não é tão grande como parece. Toda essa « civilização » é mais superficial que profunda, e procede mais da modista, do cabelleireiro, da costureira, do romance

francez, do jornal de modas ou do magazine illustrado e futil, do collegio das irmans de caridade, seminarios de elegancias mundanas, da vida frivola das cidades de verão ou d'aguas e do contacto directo ou indirecto, mas de regra superficialissimo, com a Europa, que de uma solida cultura do espirito, que lhe désse da vida, dos seus deveres, das suas obrigações para com a humanidade, do mundo, uma noção mais larga, mais exacta, mais positiva e mais completa do que a tinham suas avós.

Ora é isto que a educação nova que devemos dar á mulher, se queremos fazer della um factor consciente da nossa evolução, e da educação efficaz da nossa sociedade, ha de procurar fazer.

A mim me não parece tão difficil como a muitos se antolha dizer qual ha de ser essa educação. Todo o programma de educação ha de attender a duas condições, o interesse do educando e o interesse da collectividade em vista da qual se faz a educação. O interesse do educando é indicado pela natureza ou emprego da actividade a que elle se destina; o da collectividade, pelas suas condições e prospectos no meio das outras sociedades humanas. A mulher brazileira, como a de outra qualquer sociedade da mesma

civilização, tem de ser mãi, esposa, amiga e companheira do homem, sua alliada na lucta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia da sua prole, dona e reguladora da economia da sua casa, com todos os mais deveres correlativos a cada uma destas funcções. Nem as ha, ou póde haver mais difficeis, nem mais importantes e consideraveis, e portanto, mais dignas e mais nobres, e se houvessem de ser desempenhadas na perfeição requerer-se-iam na mãi de familia mais capacidades do que têm de commum ainda os mais capazes chefes de Estado. Si esse ideal, como todos os ideaes, não póde ser attingido, nem por isso devemos abandonal-o, porque, em moral, para alcançarmos o minimo compativel com a imperfeição humana, havemos de pretender ao maximo.

Como a do homem, com a do cidadão de qualquer sociedade actual, (e a mulher, ainda sem direitos politicos, é o mais prestante dos cidadãos) a instrucção da mulher deve ser integral e encyclopedica. Não se quer fazer della uma sabia, nem se lhe exige que percorra e aprofunde todos os conhecimentos humanos. Bastaria que ella não ignorasse o que nos mais essenciaes

delles, nas sciencias geraes e abstractas, por exemplo, ou se quer em cada grupo logico dessas sciencias, ha de essencial para o conhecimento do mundo e direcção da vida. De tal encyclopedismo póde dizer-se o que um notavel pedagogista, o Sr. Gréard, disse do ensino integral nas escolas primarias: não se trata de aprender tudo o que se deve saber, si não tudo o que não é licito ignorar. Com aquelle bom senso profundo proprio dos genios, deu Molière, nas suas celebres *Sabichonas*, a mais sisuda opinião do que deve ser a instrucção da mulher, ainda reduzida ao minimo necessario ao cumprimento intelligente da sua missão, qual ficou acima indicada. Ouçamos o seu judicioso Clitandro, na deliciosa scena III do 1º acto:

> Et les femmes docteurs ne sont pas de mon goût.
> Je consens qu'une femme ait des clartés de tout:
> Mais je ne lui veux point la passion choquante
> De se rendre savante afin d'être savante.

*Qu'une femme ait des clartés de tout,* é, numa linha, todo o programma da educação feminina. E se não confunda aqui a justa parcimonia e moderação com a superficialidade. Para que uma mulher não ignore alguma das noções

que nenhum homem de média cultura não deve ignorar, as principaes leis geraes das sciencias, nem os grandes factos de que ellas decorrem, os acontecimentos fundamentaes da evolução humana ou os phenomenos capitaes das sciencias do homem e da terra, não precisa que ella se aprofunde e especialize em qualquer dellas, e menos em todas ellas, para o que a sua intelligencia, que eu continuo a reputar inferior á do homem, acaso a tornaria incapaz. Meia duzia de annos da puberdade á juventude, bastariam para, com methodo e intelligencia, dar-lhe essas *clartés de tout* (luzes de tudo, si não traduzo mal) indispensaveis ao exercicio racional e proveitoso da sua funcção social.

Mas como esta funcção tem de se exercer no Brazil e para o Brazil, vejamos como este outro fim da sua educação poderia ser attingido, já que o nosso escopo é a educação nacional. Si ha uma cousa que, em geral, a mulher brasileira ignora absolutamente é o Brazil, a sua geographia (tomo esta palavra na sua mais ampla accepção) a sua historia, a sua literatura, a sua cultura. Desde que lê um pouco de francez, e todas as nossas mulheres «bem educadas» o lêm, a mulher brazileira não lê mais si não fran-

cez, e certo não é nos romances ou peças de theatro francezas, sua quasi exclusiva leitura, que ella aprenderá a conhecer a sua terra. A moda dos collegios das irmans de caridade e outras religiosas francezas, que leva a esses estabelecimentos a maioria das meninas da nossa burguezia ou pseudo fidalguia, augmenta em gráo consideravel esta desnacionalização da mulher brazileira, artificialmente educada numa atmosphera, sobre estrangeira, futilissima, apezar do seu aspecto religioso. De sorte que a ultima das cousas que a menina brazileira ouve no momento em que se lhe forma o espirito é o que se refere a sua patria, e si por acaso a sua curiosidade infantil recorre á sua mãi, que teve a mesma educação, ou não teve nenhuma, o que é por ventura melhor, para uma informação, ainda muito geral, ella não a saberá satisfazer. E como á mulher compete dar o tom á casa, ser a alma da familia, das conversações, das diversões domesticas, a estimuladora do commercio de idéas e impressões entre os seus membros, aquellas que entre nós forem, pela sua intelligencia natural, seu espirito, capazes de o ser, rarissimamente estarão aptas para o serem cabalmente. Tanto mais que o primeiro e mais certo effeito de uma in-

strucção menos commum dada a mulher brazileira é artificializal-a, desnacionalizando-a ou falseando-lhe os melhores dos seus ingenuos instinctos nacionaes. Inconsideradamente, por macaquice e snobismo, entrará a desprezar as cousas de sua terra, boas ou más, e incapaz de uma selecção intelligente, as refugará todas, com affectado menosprezo, preferindo-lhes as estrangeiras, só por o serem. Antigamente a escravidão com todos os seus enormes inconvenientes, servia num paiz sem povo, como o nosso, de traço de união, de mediador plastico, si posso dizer assim, entre a terra, de que o escravo estava mais perto, e os seus senhores, della e do que lhe estava proximo separados justamente pelo trabalho escravo. As tradições patrias, a poesia popular, todo o nosso *folk-lore,* que é a representação emotiva mais genuina da nossa gente e nacionalidade, as velhas pretas, as mucamas, os negros velhos, contadores de historias e dizedores de crendices e lendas, o transmittiam ás suas senhoras-moças e nhanhans e sinhozinhos, e com ellas alguma cousa da propria alma da patria. Conservando-se ás vezes nas familias por gerações, passando de avós a netos, guardavam os escravos as tradições

das casas, as historias das familias, e as transmittiam de geração em geração, de um ramo a outro. Estes élos, estes phonogrammas vivos das tradições familiares, que a sua poesia nativa, bruta, mas commovida, alterava, adulterava, mas frequentemente tambem embellecia idealizando-a, e que serviam para manter em cada familia brazileira a continuidade das tradições domesticas e de estabelecer entre ellas e a terra e a gente, das quaes a sua fortuna e posição acaso as afastava, a corrente de contacto e sympathia necessaria á persistencia e desenvolvimento do sentimento nacional, estes agentes de communicação desappareceram com a escravidão. Nas familias abastadas, ou de posição social relevante, e até em somenos, o famulo escravo, familiar, em todo o rigor do termo, domestico, foi substituido pelo serviçal mercenario, adventicio, nomade e ephemero e frequentemente estrangeiro. E assim a desnacionalização da mulher brazileira, começada por uma educação postiça, superficial e exotica, foi continuada pela desnacionalização da sua casa, do seu lar, do seu interior, arranjado, mobiliado, alfaiado e servido á estrangeira. E no emtanto não era difficil, com alguma intelligencia e gosto, e algum estudo, conservar muitos tra-

ços, interessantes e até encantadores, da nossa vida, que lhe dariam um caracter e a livrariam de ser uma simples macaquice ridicula da vida estrangeira, em geral mal comprehendida, canhestramente imitada, desageitadamente copiada.

Os Americanos do Norte, que souberam imprimir um cunho proprio a todas as suas instituições, embora as derivando e desenvolvendo todas do patrimonio da sua gente originaria, que criaram uma architectura sua inconfundivel e um mobiliario e um systema geral de adereço domestico, tambem seus, póde dizer-se que criaram igualmente uma mulher sua. Podemos estimal-a ou não, mas não é possivel não distinguil-a, ainda pelo aspecto physico, da ingleza sua avó, não obstante ella ter conservado muito mais que a brazileira respeito a portugueza, a pureza do sangue.

A mulher brazileira, qual o foram nossas avós, essa é impossivel resuscital-a ou revivel-a. A brazileira, como a temos hoje, corresponde tanto á nossa sociedade actual quanto aquella á do seu tempo. Como, porém, a nossa situação é transitoria e todos — e não finjo uma supposição, antes concluo das manifestações de todos os orgãos do pensamento e do sentimento nacionaes

— queremos melhorar, favorecendo intencionalmente a evolução brazileira de modo a dar um dia ao nosso paiz uma posição proeminente no mundo, cumpre-nos começar por melhorar o principal orgão de educação de uma sociedade, que é evidentemente a mulher.

A melhoria da instrucção da mulher começou no Brazil vae por um terço de seculo com a criação das Escolas Normaes, para formar professoras primarias. Antes disso, sómente as moças de familias abastadas recebiam alguma instrucção, por via de regra deficiente e de apparato, já em casa de seus pais, com mestres particulares, já em collegios tambem particulares, que ha mais de meio seculo têm existido no Brazil, como uma industria lucrativa. As que não podiam pagar o caro ensino individual, em domicilio, nem o mais barato, mas peior, que davam esses collegios, não tinham sinão os recolhimentos annexos aos antigos conventos ou orphanatos a estes juntos, ou quejandas instituições mais ou menos pias, leigas ou ecclesiasticas, maus estabelecimentos de educação todos elles, ainda quando se recommendavam como instituições de caridade ou religiosas. Os primeiros estabelecimentos de ensino moderno e, não obstante a cadeira de religião e

historia sagrada que em todos havia, e que o regimen da igreja official justificava, leigos, existentes no Brazil, foram essas Escolas Normaes. Comquanto especialmente destinadas a formar mestras para as escolas publicas, serviram geralmente á propagação da instrucção feminina, pois foi em toda a parte a sua frequencia consideravel. Tiveram demais outro effeito relevante, acabar com o systema de clausura que até então prevalecera na educação das moças brazileiras. Pela necessidade de irem á Escola começaram a saír diariamente, e até sós, a se dirigirem, a se criarem e sentirem uma responsabilidade, com o que forçosamente se desenvolveria a sua individualidade, até ahi atrophiada por absoluta falta de exercicio. Tambem poz em contacto immediato, num trabalho commum e numa emulação util, pois em muitas dessas Escolas o ensino era mixto, dado simultaneamente a moços e moças, os dous sexos que tinham sempre vivido separados, sequestrados um do outro, como inimigos reciprocos. Salvo algum raro accidente, natural em toda a parte onde houver homens e mulheres reunidos, e que os proprios conventos, não obstante a dura regra de separação delles, nunca evitaram de todo, não parece que a moral e os

costumes tenham soffrido com essa promiscuidade. Ao contrario, ella não teria contribuido pouco para que os dous sexos entrassem a conhecer-se, a avaliar-se e, portanto, a melhor se julgarem e apreciarem, e, principalmente, para destruir em ambos o deshonesto criterio que sobre as relações entre elles vige nas sociedades como foram a portugueza e a nossa.

Não obstante ser deficiente em quasi todas essas Escolas Normaes o curso de estudos e a maioria dellas, sinão todas, deixarem muito a desejar como methodo, disciplina espiritual e moral, a instrucção que nellas se dava merece contada como um progresso real. E emquanto os poderes publicos brazileiros, já que aqui nada ha a esperar de sério da iniciativa particular neste sentido, quer o federal, quer os estaduaes, não julgarem dever prover a instrucção secundaria feminina, criando lyceus e gymnasios a ella destinados, as Escolas Normaes, hoje existentes em quasi todas as capitaes do Brazil, continuarão a ser os unicos institutos onde possa a mulher brazileira receber uma instrucção um pouco acima da primaria. Porque, infelizmente, a maioria dessas escolas não são de facto mais do que escolas primarias de segundo gráu ou escolas pri-

marias superiores, segundo as classificações pedagogicas, si é que não ficam ainda abaixo desta categoria, nos paizes em que o ensino publico é uma realidade. Nem ha que fiarmo-nos nos programmas pomposos como os ama a pedanteria indigena. Quem os conhece e poude cotejar a theoria com a pratica, e está informado do que é de facto o ensino nessas escolas, sabe que abysmo ha entre as exigencias, commummente até despropositadas, dos programmas e o ensino nellas realmente dado.

É bem sabido que, pelo que respeita a programmas, o Brazil é talvez o paiz mais adiantado em instrucção publica. Nenhum os tem tão carregados e sobrecarregados de sciencia e gravidos de exigencias, que não passam jámais das suas paginas nati-mortas. Os programmas das Escolas normaes francezas e americanas são muito mais modestos que os nossos.

Si nos resolvessemos a cuidar, na verdade, da educação secundaria, que é a principal, da mulher brazileira, cumpriria ou criar institutos especiaes de instrucção feminina, nos quaes o ensino fosse uma realidade e não a phantasmagoria dos nossos programmas, ou melhorar as Escolas normaes existentes, não só para que as mestras

que dellas saem tenham maior competencia, mas para que todas as moças que as queiram frequentar aprendam de facto o que ali se promette ensinar.

Nem era difficil que, sem sacrificio do fim especial dessas escolas, esses institutos já existentes e os que se houvessem de criar se organizassem de modo a servir aos dous fins, formar mestras de escolas, e dar uma instrucção geral ás mulheres. Tanto mais quando ordinariamente essas escolas indevidamente chamadas normaes nada têm que especialmente lhes mereça essa denominação, si não o ensino theorico da pedagogia (e em algumas nem isso) do qual podiam ser dispensadas as alumnas que se não destinassem ao professorado primario. Quer num, quer noutro caso, porém, a base do ensino devia ser, com a mathematica, um pouco além das elementares, a physica, a chimica e as sciencias naturaes, a lingua e a literatura nacionaes. O estudo destas duas disciplinas essenciaes e reciprocamente complementares de toda a instrucção menos superficial, havia de ser feito sem o abuso tão nosso de uma erudição grammatical impertinente e ao cabo inutil, porque de regra fica na parte formalistica da grammatica, sem applicação

pratica. Conviria feito na analyse dos factos da linguagem, na leitura e apreciação dos escriptores e na comparação dos mesmos factos, conforme nelles occorrem, segundo as épocas principaes da lingua e da literatura, de modo a dar ás educandas um exacto conhecimento da sua lingua e apurar-lhes o discernimento, para nella se exprimirem simples mas correctamente, sem as affectações literarias das sabichonas e letradas, mas sem a vulgaridade e incorrecção das suas cosinheiras. Um estudo assim feito devia pol-as em contacto directo com os grandes autores da nossa lingua, poetas e prosadores, educadores da razão, do sentimento, do gosto das gentes que a falam. E por mais pobre que seja, em relação a idéas e noções, a literatura da nossa lingua, sempre haveria para ellas muito que aprender e colher desse commercio com os seus classicos. A geographia e a historia patrias, precedidas do estudo da geographia e da historia geral e por fim a educação artistica, tão completa e elevada quanto fosse possivel, rematariam o cyclo de tal ensino. Comquanto no das sciencias deva prevalecer o da sua parte abstracta, como base de cultura geral, não devia ser inteiramente a elle sacrificado o estudo concreto das mesmas

sciencias, que, nas physicas e naturaes, além de apoiar racionalmente as noções abstractas, é um precioso elemento de educação das faculdades de observação, com a vantagem pedagogica de tornar o estudo mais attrahente e agradavel. Sabios illustres, como Paulo Bert e outros, mostraram como é praticamente possivel juntar o ensino concreto ao abstracto nas sciencias naturaes, com o maior proveito da educação das moças. Não se trata de fazer dellas physicas e chimicas, nem zoologistas ou botanicas, si não de dar-lhes, de cada uma destas sciencias, ou antes dos phenomenos do seu dominio, as noções positivas, exactas, claras, mais necessarias á comprehensão do mundo e da vida e das leis do universo, conhecimentos a que por via de regra são as mulheres inteiramente alheias, e no emtanto indispensaveis á sua tarefa de primeiras e principaes educadoras do homem. A historia geral, principalmente sob o aspecto da historia da evolução humana e da civilização, sem o sacrificio total da historia descriptiva, antes desta acompanhada, serviria para corrigir o que podia ter de estreito o estudo da historia patria, e dar ao educando a consciencia da vida e do progresso da humanidade e despertar nelle o sentimento

da solidariedade humana. Neste livro se diz como a geographia, até hoje entre nós ensinada da maneira mais irracional, póde ser um factor de educação intellectual, em vez de ser uma estupida sobrecarga da memoria.

A literatura, já portugueza, já brazileira, que não convém extremar as duas, das quaes uma explica a outra e é por ella completada, abandonaria o systema até aqui seguido das broncas e enfadonhas, e quantas vezes erradas e viciosas! noticias bio-bibliographicas ou subtilezas criticas, pelo commercio directo dos escriptores e sua apreciação simples, ingenua, despidá de todo o pedantismo escolar.

A educação esthetica, penso eu que bem dirigida e aproveitadamente feita, será sempre de uma grande efficacia na realização do fim geral da educação. Si uma alma se abre realmente e honestamente ao bello, se o sente, se chega a perceber as suas relações intimas e necessarias com quanto a commove e enleva, nenhuma outra especie de educação poderia talvez ser mais util á mulher. Nenhuma porventura lhe poderia fornecer tantos e tão estimaveis recursos para lhe embellezar e alegrar a vida e o lar, armal-a mais fortemente para resistir ás inevitaveis contrarie-

dades da existencia, pela contemplação, sentimento e gozo das puras emoções estheticas. Tem, porém, essa especie de educação tambem um percalço, que é preciso a todo o transe evitar, e combater como um perigo social, é o cabotinismo, o snobismo, a preciosidade, a pedanteria artistica, vicios que numa mulher são ainda mais hediondos que num homem.

Num instituto como o que imaginamos, essa educação seria dada sob a fórma do ensino racional e completo do desenho, nas suas multiplas manifestações, e segundo a mais moderna e perfeita pedagogia do assumpto, aqui ainda mal conhecida, da modelagem em gesso, mesmo da pintura, que substituiriam essa estulta cousa chamada de trabalhos manuaes (estulta ao menos como aqui se pratica), e os ridiculos bordados e outras despreziveis prendas, com que se toma ás moças um tempo precioso, a tôa desperdiçado. Antes lhes ensinassem de verdade a cortar e coser os seus vestidos e a roupa de seus filhos e até a de seus maridos. Da musica, solfejo, theoria tão aprofundada e completa quanto possivel em dous ou tres annos de curso, leitura e escripta, canto choral e até tentativas de composição musical livre. Mas principalmente que este ensino

não fosse, como tem sido, e é, puramente mecanico, sem nenhum incitamento á intelligencia e ao sentimento da educanda, porém, mais do que nenhum outro, fosse vivo e profundamente inspirado do mesmo espirito que pretendesse incutir. A theoria, a historia, a noticia de cada uma destas artes, ou de algumas das suas feições, nos seus diversos momentos, nos seus typos e obras mais eminentes, seriam objecto de palestras, observações, informações familiares do mestre no momento das aulas. Dá, por exemplo, o mestre uma cabeça de gesso, de Dante, para ser desenhada a *crayon*. Quando a entrega, emquanto acompanha o trabalho das alumnas, ou o corrige, e são muitas horas em dias consecutivos que se passam nisso, tem elle ensejo propicio para lhes falar no excelso poeta, nos estimulos e na natureza do seu genio, no seu poema, na sua acção, no seu tempo e depois na sua época. E como Dante, um dos precursores da Renascença, se liga a essa grande época d'arte, que manancial lhe não forneceria esse grande typo para abeberar essas jovens intelligencias de uma pura emoção esthetica! No ensino da musica não era mais difficil seguir o mesmo processo, comtanto que em vez de fornecer ás educandas idéas e senti-

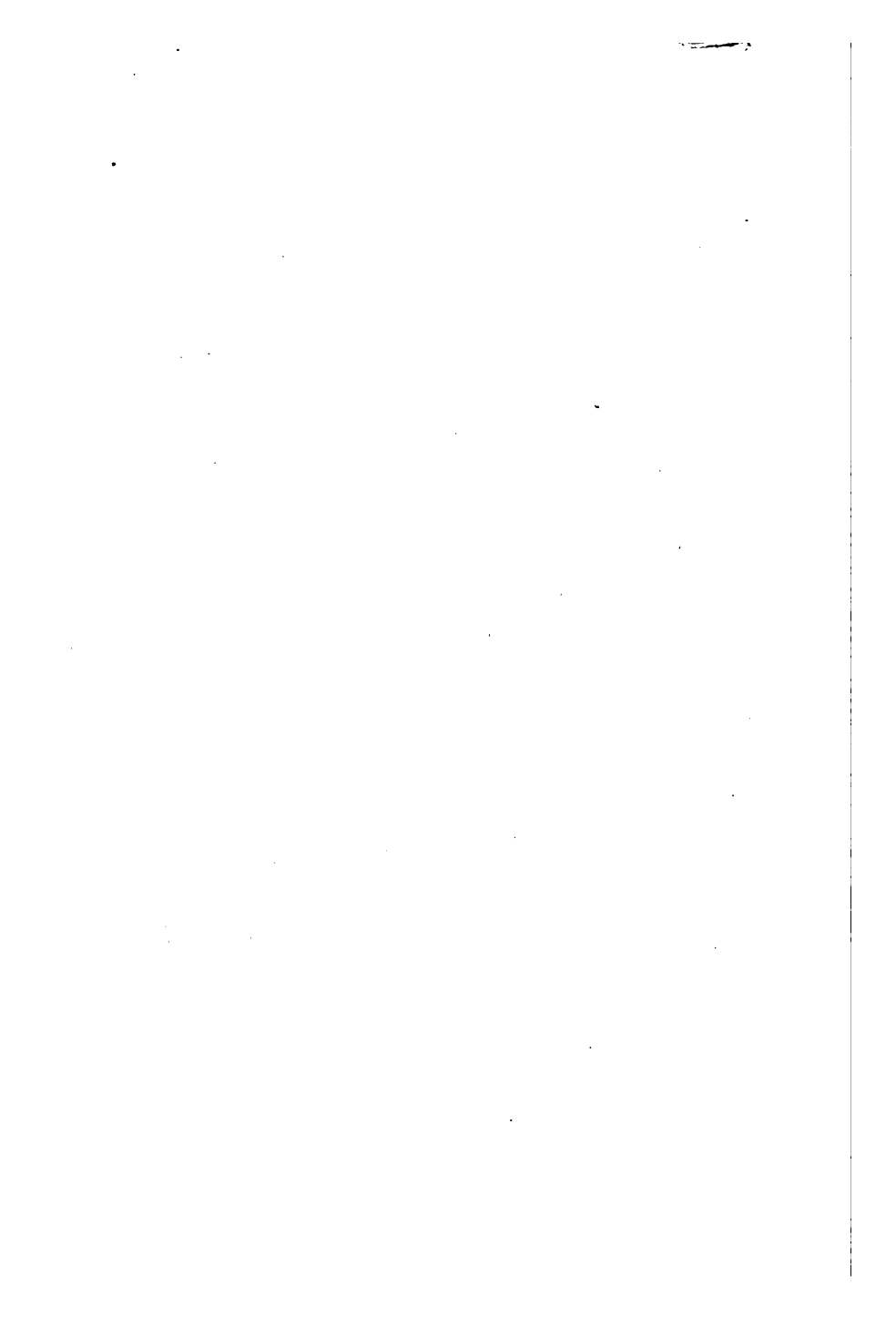
mentos convencionaes, o mestre tivesse o necessario tacto para simplesmente despertar-lhes e estimular-lhes a intelligencia na curiosidade e interesse das obras primas e na maneira de as interpretar com pureza e exactidão, cuja primeira condição é bem comprehendel-as e sentil-as. Uma educação esthetica assim dada, que não mobiliasse apenas a memoria de conceitos corriqueiros e no ar, sem nenhuma objectivação, e de opiniões feitas, mas de facto ornasse o espirito, despertasse as puras emoções do gozo artistico, criasse uma materia de sympathia humana e um interesse permanente pela arte, seria, estou certo, um estimulo para uma vida espiritual e moralmente superior, que ainda é a mais forte garantia e a melhor defeza da mulher.

Tudo o mais que lhe ensinassem além deste programma, seria accessorio e subsidiario. As linguas estrangeiras, a fóra a sua utilidade pratica immediata, só lhe serviriam como factores de educação se com ellas lhe ensinassem a ler, a apreciar as grandes obras, honra do espirito humano, dessas linguas, e não sómente os romances folhetins ou sentimentaes dos Bourgets e socios, ou a se poderem edificar ouvindo as

Réjanes e quejandas cabotinas, em jornadas theatraes por paizes exoticos.

Cumpre, em summa, tirar a mulher brazileira da quasi ignorancia em que a sua immensa maioria jaz, e dar-lhe as «clartés de tout», tão sabiamente recommendadas por Molière, naquella das suas obras primas, que póde ainda hoje servir de breviario ás mulheres. Não esqueçamos jámais que é ella a primeira e immediata educadora do homem, e para educar a primeira condição é saber.

Na educação da mulher brazileira reclama ainda a maxima attenção e o maior interesse a sua educação physica, essa até hoje descurada por completo.

Os nossos medicos, que não sejam sómente repetidores de formularios, poderiam dizer o que é em geral o seu organismo estragado, depauperado e enfraquecido, por uma criação inintelligente na primeira infancia, o abuso da alimentação solida e superabundante logo nos primeiros mezes, a falta quasi absoluta de hygiene nessa idade e depois, os carinhos excessivos entremeiando-se com excessivos rigores, os excessos das guloseimas e da lambarice, que é um dos nossos vicios mais nacionaes, os desmanchos

VIII

## BRAZIL E ESTADOS-UNIDOS

Muito é o que havemos a aprender e mesmo a imitar dos Estados-Unidos, mas que isto nos não induza a pormo-nos simplesmente a copial-os.

Escusa alongar-nos sobre a nossa mania de imitação. A alcunha de macacos com que nos condecoram alguns povos irmãos ou amigos, bem póde ser uma referencia topographicamente zoologica, mas calharia tambem si alludisse ao nosso pronunciado e nem sempre bem inspirado gosto das cousas exoticas.

Sabe-se até que extremo levamos a cópia das modas, dos usos, da literatura e dos costumes francezes. A politica era á Inglaterra que arremedava; os usos e tradições e historia politica

da grande nação parlamentar nunca foram em parte nenhuma tão citados como em o nosso parlamento. A pratica sabemos nós todos qual era. Actualmente sente-se já que é a grande republica norte-americana que nos irá servir de modelo.

Não tenho a estulticia de pretender possa o Brazil bastar-se a si mesmo. Sei que os povos, ainda os mais fundamentalmente originaes, não se desenvolveram e prosperaram sem um escambo não só de productos, sinão de idéas, de criações, de invenções, de instituições e até de costumes. O que importa, porém, para conservar á patria a sua integridade moral e dar-lhe um caracter que a distinga na Humanidade e na Historia, é que essa troca se faça sempre sem prejuizo da sua individualidade, nem sacrificio das modalidades especiaes ao caracter nacional.

Portanto, insto, nos devemos penetrar desta idéa, que tendo muito a aprender dos Estados-Unidos, não devemos pôr-nos simplesmente a macaqueal-os irreflectidamente. E a elles especialmente me refiro porque, repito, sente-se que elles são quem nos vae servir de modelo. É preciso não confundir a adaptação intelligente, a

assimilação perfeita, com a cópia servil ou o arremedo grotesco.

Sejamos brazileiros e não *yankees*.

Eu, confesso, não tenho pela desmarcada e apregoadissima civilização americana, sinão uma mediocre inveja. E' no fundo do meu coração de brazileiro alguma cousa ha que desdenha daquella nação tão excessivamente pratica, tão colossalmente egoista e tão eminentemente, perdoem-me a expressão, strugforlifista. Essa civilização sobretudo material, commercial, arrogante e reclamista, não a nego grande; admiro-a, mas não a estimo. Esse paiz novo, onde ha fortunas que fazem fantasticas as lendarias riquezas dos nababos, quando o proletariado, com as suas justas reivindicações, já se lobriga atravéz de uma grandeza desmedida, offende a minha simpleza de matuto chão e honesto. Essa politica cruel que veda a um povo a entrada do paiz, persegue-o e lyncha-o; que massacra toda uma raça; que tem uma habilidade especial para adestrar cães contra outra e que, de Biblia na mão, discute, justifica, applaude e exalta a escravidão, fere de frente a idéa que da equidade e da justiça tenho. Aquella corrupção politica que tanto impressionou Spencer e quantos publicistas têm visitado e estudado

os Estados-Unidos, repugna ao meu senso moral. Aquelle puffismo, aquella charlatanice do jornalismo, com seus titulos enormes, extravagantes, mentirosos, de um reclamo desfaçado e insolente, escandalizam a minha probidade literaria. Aquella supremacia brutal das massas, aquelle reino absoluto do numero, revoltam a minha liberdade espiritual.

Não é a mera satisfação de revelar o meu sentimento sobre alguns aspectos da republica que todos admiram, que todos invejam e que todos exalçam, que me faz assim escrever. É unicamente porque, parece-me, este sentimento é natural em todo o brazileiro. São estes antagonismos nacionaes, e não antipathias nacionaes, que fazem a cada povo uma especie de linha divisoria que o distingue e differença.

Admiro grandemente aquelle egregio povo, mas não o invejo e sobretudo — e isto é para nós o principal — não creio applicavel utilmente ao Brazil, quanto lhe fez o progresso admiravel, nem quanto os desvanece a elles mesmos.

Tal progresso e taes grandezas são, além de tudo, as resultantes de causas que nos falharam a nós e que, portanto, a simples vontade hu-

mana, ou meros actos de governos, são impotentes para criar.

Profundas e radicaes são as differenças que aos dous paizes distinguem e separam.

Clima, raça, situação geographica, origem historica, elementos de colonização, instituições fundamentaes, tudo é ali diverso do nosso.

A sua posição geographica pol-os mais perto da Europa e portanto facilitou-lhes as estreitas communicações com o fóco do progresso e da civilização moderna. O paiz de origem, consideravelmente mais povoado que Portugal, pôde fornecer grandes contingentes de immigrantes, a quem eram tambem mais duras as condições da vida na Inglaterra do que aos portuguezes na sua patria, apezar de pobre. Povoado por povos de raça saxonia, attrahia não só os filhos da mãi patria como os da mesma raça. De 1878 a 1887, para citar um exemplo que podia facilmente mediante as estatisticas ser repetido, receberam os Estados-Unidos apenas 161.748 immigrantes da Inglaterra contra 214.759 da Allemanha (106.865) da Suecia e Noruega, da Dinamarca e da Austria. [1]

[1] *The Statesman's Year-book for 1888,* London, 1888, pag. 691.

A abundancia de terras e a maior abundancia de immigração, como o reconhecem os mesmos americanos [1] bastam, até certo ponto, para explicar esse prodigioso exemplo de rapidissimo progresso. Nelle teve influencia poderosissima e só inferior á daquelles dous factores, a raça. A prova ahi a dão o Canadá e a Australia, que apezar de se acharem em muito peiores condições de clima, e a Australia de posição geographica tambem, sem estorvo de serem meras colonias, offerecem ao observador uma marcha progressiva perfeitamente comparavel á da grande republica.

Como já neste livro dissemos, a nação portugueza esgotava-se depois dos ingentes trabalhos da conquista d'Africa, da India e do mar, quando começou a colonização do Brazil. Raça minguada, sinão de espiritos, de gente, [2] ella não se poude por assim dizer refazer-se em si mesma e foi o seu organismo fatigado, exhausto, *surmené,* que veio num meio physico ainda mais

[1] V. *America's Land Question,* in *The North American Review,* nº. 351, Fevereiro de 1886.

[2] Em 1527, justamente quando estava para começar a colonização do Brazil, a população de Portugal era apenas de 1.122,112 almas, segundo Costa Lobo, *Hist. da Sociedade Portugueza* no seculo XV, Lisboa, 1904, p. 32.

debilitante (lembrar que a colonização se fez principalmente de S. Paulo para o N. e no littoral, sendo da Bahia a Pernambuco o seu centro) criar uma outra nação.

Estas são as causas physicas, materiaes. direi, que, como salta aos olhos, poderosamente concorreram para o espantoso desenvolvimento da União americana, que nos maravilha e causa inveja a nós povo fraco, sentimental, idealista, incoherente — mas bom.

Comparemos agora as origens historicas, os elementos de colonização e as instituições fundamentaes dos dous paizes, e veremos que a differença cava-se ainda mais.

Não terá talvez toda a razão um notabilissimo economista italiano quando affirma que «eram tão alevantadas e nobres as razões que trouxeram á America os anglo-saxões, quanto vis os motivos que para cá dirigiram hespanhoes e portuguezes.»[1] É entretanto fóra de duvida que é quasi incommensuravel a distancia entre aquelles que

So color de religion
Van a buscar plata y oro
Del encubierto tesoro

[1] Attilio Brunialti, *Gli Stati Uniti di Colombia,* in *Nuova Antologia,* vol. XI, pag. 100.

como diz Lope de Vega, e os puritanos que na probidade da sua fé, na austeridade dos seus costumes, na inteireza de suas crenças preferem o exodo a renegar os sentimentos e a pratica de sua religião, e vêm plantar na America, em severas colonias agricolas, a semente fecunda da liberdade e da consciencia do direito.

Oh, certo, tem razão o citado pensador italiano quando ajunta que «na vida das nações o peccado original não o apaga nem o baptismo de sangue; é preciso que, como nas nações européas, o encubram as nevoas da mythologia prehistorica.» Nós soffremos ainda desse peccado aggravado por outro acaso maior por mais consciente, a escravidão; mas esse tambem o commetteram aquelles puritanos, quiçá com mais crueldade, e a esses não foi Jahvê tão inexoravel e tão duro... Porém, e perdoem-me esta nota de scepticismo, num livro que deve ser todo fé, todo esperança, «assim é a justiça de Jahvê, o mundo pertence a quem lhe praz...» [1]

Sómente a resolução de deixar a patria para não sujeitar-se a nenhuma tyrannia politica ou religiosa, revê o valor moral daquelles homens.

[1] E. Renan.

Além dessa austera e corajosa virtude, «traziam comsigo, conforme conceitúa um dos mestres contemporaneos do pensamento italiano, Pascual Villari, a igualdade das condições sociaes e a igualdade da intelligencia, donde devia sair a republica democratica.» [1] A Tocqueville, o homem que mais profundamente estudou o problema americano, parecia-lhe ver todo o destino da America no primeiro puritano que abordou ás suas plagas, como toda a raça humana no primeiro homem. [2] E Villari pensa que todas as leis, toda a fortuna não teriam de nada servido, sem aquelle caracter a um tempo democratico e conservador, irrequieto, emprehendedor e religioso, amigo do progresso e da ordem.»

Si hoje, ainda os escriptores mais admiradores e amigos daquella nação, têm de misturar aos seus elogios criticas acerbas e crueis revelações, nada porventura haveria sinão admirar no periodo da sua constituição. E esse periodo é, talvez, o mais importante e decisivo na historia das nações. Pensando acaso naquelles heroicos e modestos puritanos, escreveu Renan: «Para

[1] *La Costituzione degli Stati Uniti d'America,* in *Nuova Antologia,* vol. XXIII, pag. 419..

[2] *Obra cit.,* tome II, pag. 199.

um povo, como para o individuo, o essencial é ter um ideal depós si.»[1] Esse ideal tiveram-no os americanos sempre presente e é com certeza ainda elle quem hoje, no meio de tão desencontrados elementos e tanto relaxamento dos costumes politicos, sustenta e dá vigor ás grandes forças conservadoras e honestas que encerra a republica.

A consciencia do direito revoltada, foi ainda quem fez a independencia americana, como fôra ella quem fizera aquellas florentissimas treze colonias. Nem uma nação ou governo dos modernamente feitos, assenta talvez em bases tão completamente sãs, justas e honradas como os Estados-Unidos, como nem uma se póde com tanta justiça desvanecer e gloriar da sua independencia. Si, contra o asserto de Renan, ha historia pura, essa é a das origens nacionaes da grande republica americana.[2]

Não é azado o logar de repetir essa historia, que não honra sómente áquelle povo, mas á Hu-

[1] E. Renan, *Histoire du Peuple d'Israël*, Paris, 1887, tom. I, pag. 61.

[2] Não é tanto assim; tambem lá houve maculas grandes. Veja-se Goldwin Smith, *The United States, an outline of political history*, um *standard book*, mesmo para a critica americana. (1906)

manidade. Todavia, não será porventura inutil relembrar de relance alguns factos, que só por si nos desenham qual a inspiração superiormente patriotica que á revolução americana dirigiu e rematou.

Foi esta conquista do elemento popular na sua lucta primeiro com a nobreza, depois com a monarchia, atravéz da idade-média e dos primeiros seculos dos tempos modernos: — que não deve pagar impostos quem os não vota — principio fecundo que fez da democracia não uma aspiração mas um facto, a origem da insurreição que, mediante a revolução armada e combatente, fundou a independencia dos Estados-Unidos. Eram então só treze as colonias, que no principio apenas descontentes pela criação de impostos de importação, depois irritados pelo imposto do sello, representaram ao rei, forçando-o pela sua attitude energica e resoluta a mudar de ministerio. Entretanto, abolidos estes impostos, a Inglaterra, por um *bill* posterior, reconhecia expressamente ao Parlamento o direito de taxar as colonias, direito de que elle usou lançando imposto sobre varias mercadorias por aquellas importadas. Publicados nos jornaes americanos tarjados de lucto, estes *bills* indignaram e levantaram

doze daquellas colonias, que pelos seus deputados reunidos em Philadelphia resolveram não deixar penetrar no paiz nenhum producto de procedencia ingleza, e lavraram com a narrativa dos vexames soffridos e com os seus protestos, a celebre declaração dos direitos que precedeu de um lustro a famosissima declaração dos direitos do homem feita pela Revolução franceza.

*No deputation, no taxation,* foi o lemma altivo da revolta e, note-se bem, tão acatado, que luctando com as maximas difficuldades financeiras o congresso não se atreveu a lançar impostos, reconhecendo que só ás assembléas provinciaes assistia tal direito, e limitou-se a emittir papel-moeda. Um governo que assim começa, sagrando-se pelo austero respeito da lei e do direito, e não inventa as chapas sempre promptas para a mystificação de todos os principios, qual o safado *cliché* das *épocas anormaes*, dá logo a medida do que será a futura republica.

A guerra está finda. A independencia foi declarada pelo mais bello manifesto que jámais homens redigiram. «Não era a liberdade tempestuosa de Roma e Grecia que reivindicavam, nem tão pouco o privilegio de alguns patricios; era a prosperidade de todos. Confiam na liberdade,

fonte dos bons conselhos e mãi dos grandes homens.» Os representantes dos Estados-Unidos da America, reunidos em congresso, «tomando por testemunha o Juiz Supremo do universo, da inteireza de suas intenções, em nome e pela autoridade do bom povo daquellas colonías, solemnemente publicam e declaram que essas colonias unidas são e devem ser de direito estados livres e independentes... E firmemente descançando na protecção da providencia divina, empenham mutuamente, para sustentar a sua declaração, suas vidas, sua fazenda e sua honra.»

Firmada a republica, decretou o Congresso a dissolução do exercito que conquistara a independencia da nação, e cujos soldos muito tempo havia não tinham sido pagos por carencia de recursos. Esta ordem soffreu primeiro uma ligeira opposição, querendo o exercito receber o seu soldo antes de dissolver-se. Washington, porém, reune os officiaes, faz-lhes sentir o crime de não obedecer ás ordens do Congresso, representante da nação soberana. Entrados promptamente no dever, o mesmo Washington reuniu o exercito e o licenciou. E aquelles heroicos soldados que, soffrendo todas as privações e fadigas, tinham em sete campanhas consecutivas, com sacrificio das

suas vidas e de seu sangue, feito a independencia da patria, não a chamaram ingrata, e retiraram-se tranquillamente á gloriosa obscuridade do doce lar anglo-americano.

No seio daquelle mesmo exercito tinha antes apparecido a idéa de confiar a Washington a dictadura. A resposta do excelso patriota foi feita em termos que, como diz um historiador, não seria nunca demasiado repetir:

«Com um mixto de surpreza e de dôr li os pensamentos que me communicastes. Ficae certos, que no decurso desta guerra nenhum acontecimento me affligiu tanto como saber de vós que semelhantes idéas correm no exercito. Devo-as encarar com horror e condemnal-as severamente. Por agora ficarão ellas sepultadas no meu coração, comtanto que novas manifestações não tornem necessario revelal-as. Em vão rebusco no meu procedimento, o que poude acoroçoar uma proposição que a mim parece-me encerrar as maiores desgraças que sobre o paiz poderiam caír. Si me não illudo, não podieis achar ninguem, a quem fossem mais desagradaveis os vossos planos.»

Um povo que tem este ideal no seu passado, tem donde tirar o orgulho nacional que lhe dará

a confiança de si mesmo, ao passo que lhe alentará a energia. Pódem vir os elementos perturbadores da colossal immigração, o mercantilismo póde-se desenvolver, a execravel sêde do ouro póde criar as riquezas sobrehumanas e postergar o velho espirito puritano, honesto, altivo, trabalhador, austero — a nação tem solida base, aquelle ideal ali está a aconselhar a reacção e ella se fará, salvando a obra de Washington. Custa muito rebaixar-se, quem possue taes titulos de nobreza.

Certo não é menos nobre o motivo que deu lugar á separação e independencia do Brazil de Portugal. A estulta tentativa de recolonização do Brazil pelas Côrtes de 1820, foi a causa da nossa independencia, causa nobilissima entre todas. Mas é doloroso ao brazileiro assentir que profundamente aulico foi o pensamento politico que a incitou e o movimento que a fez. Sem embargo do minguado partido da independencia existente no Rio de Janeiro, o povo brazileiro ficou a ella estranho e indifferente, e provincias houve, como a nossa, onde foi á força imposta, isso quasi um anno depois de proclamada. O mesmo pensamento dynastico que ao principe, ao depois

Pedro I, suggeriu o solerte D. João VI, e que principalmente o guiou na conjunctura provocada pelas ordens das Côrtes, desmerece de muito o merecimento do seu principal fautor. Dessa preoccupação originam-se talvez os erros que depois commetteu como imperador, erros que desde a dissolução da Constituinte, levaram-no ao 7 de Abril.

A historia se repete, como querem alguns pensadores? Seriam os homochronismos porventura uma lei sociologica ou acaso mero encontro fortuito de acontecimentos? Valera talvez a pena estudar o problema na historia do Brazil. Quando estas linhas escrevo sopra um vento de dissolução prévia de uma Constituinte solemnemente promettida, convocada e decretada, substituido o *referendum* das Camaras Municipaes de Pedro I pelo *plebiscito* da Republica. Não se repita a historia até o fim, que a Republica não tenha o seu 7 de Abril... Aos consules incumbe acautelarem-se, á Republica não, essa tem por si o mais forte dos sustentaculos, a sua razão de ser historica.

A pequena e curta lucta, não tanto pela independencia já feita, mas contra elementos a ella insurreccionalmente contrarios, foi sómente no

Rio e na Bahia; o resto do paiz ficou—pelos motivos indicados na introducção—alheio a sua mais importante e decisiva evolução.

Esse passado nunca chegou a ser uma tradição consagrada e querida da nação, e muito menos poude ser um ideal. O fautor da nossa independencia o expulsamos, por tentar comprimir as nossas liberdades; o da independencia americana, como os lendarios heroes romanos, entregando á nação o poder que della recebera, novo Cincinato, voltou, coberto de glorias e de bençãos, á sua familia e á sua lavoura. O nosso siquer o conhecemos, Washington é, na eloquente fraze de Castelar, venerado com amoroso acatamento no seio de todas as familias.

Entre as primitivas instituições de ambos os povos, existe tambem differença profunda. Saídos da ferrenha, si bem que por vezes esclarecida, legislação portugueza, legislação de uma monarchia que mediante D. João II, chegava com D. João III ao apogêo do absolutismo e cujo caracter intolerante se singularizava na parte respectiva ao Brazil, nós entramos em um regimen directamente filho do philosophismo francez do seculo XVIII e da mesma Revolução. Á nossa Constituição, inspirou-a aquelle espirito e, tirante

os processos por que os dous poderes legislativo e judiciario eram pelos outros sophismados, podera acaso servir ao mais democratico dos estados hodiernos.

Ao envez procederam os americanos. O citado escriptor italiano reflecte que entre os varios elementos de que se formou a Constituição americana, cumpre antes de tudo considerar as instituições e as leis que ás colonias dera a Inglaterra, «ás quaes os americanos se conformaram o mais que poderam.» Dessa Constituição, e nisto são accordes os pensadores que a tem estudado, as partes mais bem vindas são justamente aquellas que se desenvolveram das instituições preexistentes; as criadas de raiz pelos fautores da Constituição, repetidas vezes falharam o seu intento. «A natureza, isto é, a lei historica de evolução, escreve o professor de Oxford, James Bryce, cuja obra, *The American Commonwealth,* analysa Villari, neste caso, como sempre, revelou-se mais sabia que o mais sabio philosopho. O espirito conservador e tradicional que herdaram os americanos da Inglaterra, levou-os não só a respeitar o passado mas a constantemente recorrer, como a um modelo, á Constituição e ás leis inglezas, das quaes eram as suas

derivadas.» [1] Das idéas francezas não tomaram mais que o espirito moderno, necessario para caracterizar a Constituição, e o conceito de Montesquieu, fundamento e garantia das liberdades e principio da divisão dos poderes: O poder retem o poder. [2]

O mesmo metaphysico dogma da soberania popular que foi a base da nossa Constituição, não obstante a sua origem dynastica, e que é a alma, diga-se assim, da Constituição americana, existia já, conforme o demonstrou Tocqueville, na sociedade americana muito antes da independencia. [3] Assim as communas, assim a policia, assim o poder judiciario, todas as instituições politicas em summa, são nos Estados-Unidos, pelas origens como pelo espirito, pelo caracter e pela organização, profundamente divergentes das nossas.

Estas diversidades essenciaes aos dous paizes, á sua situação geographica como á sua situação historica, ao seu passado como ao seu presente, á sua raça, ás suas instituições, aos seus costumes — precisamos ponderar, para não nos pôrmos, levados pela nossa notoria tendencia

[1] *Obra cit.*, pag. 419.
[2] *Idem.*, pag. 420.
[3] *Obra cit.*, tome I, chap. IV.

imitativa, a copiar desageitadamente instituições e habitos que repugnem ao nosso temperamento nacional.

Não nos illudamos tambem sobre os Estados-Unidos. Nem tudo ali, já o deixamos perceber, é grandioso e admiravel. Naquelle maravilhoso quadro ha sombras, e no sol da America, como no sol do nosso mundo, ha manchas.

Si no seu tempo poude Tocqueville com verdade dizer que ali eram os pobres que governavam, bem mudados estão hoje os costumes. Os ricos que quando elle estudava, sabe-se com que perspicuidade, a grande republica, escaceavam, hoje abundam e dominam. Os *rings*, especie de syndicatos politicos organizados para a exploração systematica da coisa publica, fazem concurrencia ás emprezas monumentaes da sua civilização sobretudo industrial. A politica é despejada de escrupulos, e talvez como nenhuma sem coração e sem fé. É com singular unanimidade que o reconhecem quantos hão estudado as cousas americanas. A vida politica brazileira, por honra e felicidade nossa, ainda não attingiu o gráo de torpeza de que geralmente se accusa a americana, mas de desmazelo em desmazelo, de relaxação em relaxação, ella irá perdendo o pouco

senso moral que ainda lhe resta e, si não avisarmos, cairá ainda mais embaixo. É força reconhecer, com os mais imparciaes e atilados pensadores, que essa degradação politica é um dos perigos da democracia. Estas palavras com que Pascual Villari a ella se refere, concluindo o artigo que temos citado, merecem meditadas por nós brazileiros. Para nós tambem, são um util conselho: «Esperemos que a actual corrupção politica americana, originada principalmente dos dous partidos, que não têm mais nenhuma razão de ser, seja um periodo de passagem e de preparação para encontrar o modo de fazer prosperar o governo livre sem os partidos. Si tal succedesse á America, ella seria duplamente benemerita, de si mesma e da civilização. De qualquer modo nos parece que a presente situação não se póde prolongar. Ou o senso moral da nação reage, insurge-se e rechassa a corrupção politica, ou, com o andar dos tempos, diffundindo-se esta, deverá acabar por abaixar o nivel moral do paiz. Preferimos acreditar no triumpho certo do bem.»[1]

Outro aspecto da democracia americana que

[1] *Obra cit.*, pag. 446.

merece condemnado por todos os espiritos verdadeiramente liberaes, como aliás o tem sido, aspecto que precisamos entre nós combater e repulsar, é a omnipotencia da maioria. Nesse ponto, qualquer dos estados da Europa occidental é mais livre, mais avançado, mais liberal do que a apregoadissima democracia dos Estados-Unidos. A todos os espiritos livres repugna e revolta essa potencia brutal do numero, que despoticamente fere a liberdade do espirito, como outras liberdades.

Querem-se por extenso trasladadas as observações do profundo mestre das cousas americanas, o sempre citado Tocqueville, sobre semelhante feição da democracia americana.

« Tinham as monarchias absolutas deshonrado o despotismo; cuidemos em que as republicas democraticas o não rehabilitem, e que tornando-o mais duro a alguns, não lhe tirem, aos olhos do maior numero, seu aspecto odioso e seu caracter aviltante.

« Nas mais altivas nações do mundo antigo, foram publicadas obras destinadas a fielmente pintar os vicios e ridiculos contemporaneos; La Bruyère habitava o palacio de Luiz XIV quando compôz seu capitulo sobre os grandes, e Molière

criticava a côrte nas peças que fazia representar perante os cortezãos. Porém, o poder que domina nos Estados-Unidos, não consente em ser assim motejado. Fere-o a mais leve censura e a minima verdade picante o exaspera; deve-se louvar desde as fórmas do seu falar até as suas mais solidas virtudes. Nenhum escriptor, qualquer que seja a sua fama, póde forrar-se a esta obrigação de incensar seus concidadãos. A maioria vive numa eterna adoração de si mesma; sómente os estrangeiros ou a experiencia pódem fazer passar certas verdades até aos ouvidos dos americanos. Si a America não teve ainda grandes escriptores, não ha procurarmos as razões alhures: não existe genio literario sem liberdade espiritual e não ha liberdade espiritual na America. A Inquisição não poude jámais impedir circulassem na Hespanha cópia de livros contrarios á religião do maior numero. Nos Estados-Unidos o imperio da maioria consegue mais; tirou até a vontade de publical-os. Encontram-se incredulos na America, mas a incredulidade, por assim dizer, não acha orgão. Ha governos que se esforçam por proteger os costumes condemnando os autores dos livros libertinos. Nos Estados-Unidos, não se condemna ninguem por esta

especie de obras; mas ninguem é tentado a escrevel-as. Não é entretanto por terem todos os cidadãos costumes puros, mas a maioria é regular nos seus. Neste caso, o uso do poder é sem duvida bom; tambem não falo sinão do poder em si mesmo. Este poder irresistivel é um facto constante, e o seu bom emprego é apenas accidental.»[1]

A mediocridade caracteristica da literatura e da arte americana, como a demasiada tendencia pratica da sua sciencia—manifestações todas de nenhum ponto comparaveis com as da sua actividade material — são uma resultante dessa falta de liberdade de espirito, oriunda tambem da omnipotencia da maioria.

Certamente as cousas hoje não são exactamente as mesmas da época referida pelo publicista francez; tambem neste ponto têm os americanos feito progresso, mas não tão grande que fundamentalmente destrua o vicio apontado e ainda agora reconhecido. Não sei si nos Estados-Unidos um Byron, um Strauss, um Renan, um Taine, um Carlyle, um Ortigão, um Sylvio Roméro ou um Tobias Barreto seriam possiveis.

[1] *Obra cit.*, pag. 156.— É de ler todo o cap.

Em toda a formidavel controversia religiosa deste seculo, que justamente nos paizes protestantes tem ido mais accesa, os Estados-Unidos, apezar das suas innumeraveis seitas e seus muitos seminarios, salva a quantidade, appareceram tanto como nós. Isto só por si é indicativo e singular.

Espiritos ha—e não sei si não serão os melhores e os mai[illegible]s—que ao direito de votar preferem o de escrever, e á liberdade de escolher um deputado, a de ter uma idéa e a de manifestal-a, fosse embora ella contraria á de todos os seus concidadãos.

Sejamos, pois, brazileiros e não *yankees*. [1]

Conservemos a nossa originalidade, o nosso caracter nacional, os nossos costumes, o amor das nossas cousas. Estudemos os Estados-Unidos, estudemol-os não superficialmente como em tudo soimos fazer, mas fundamente. Não nos limitemos á apparencia deslumbradora da sua grandeza, penetremos nos reconditos de suas

[1] A nossa prophecia, de que iriamos macaquear os Estados-Unidos, e as nossas apprehensões dessa imitação, realizaram-se além da nossa expectativa. O ideal de certos proceres brazileiros é neste momento de nos pôr na vassallagem virtual da poderosa Republica. (Agosto de 1906)

instituições e de suas funcções. Só assim veremos o que delles podemos criteriosamente adaptar, e utilmente aproveitar. Muito, muitissimo será o que nos poderão elles ensinar, mas, por amor da nossa patria, não aprendamos sinão o bem e. sobretudo, não nos ponhamos a macaqueal-os sem discernimento, nem vergonha, fazendo-nos, nós que temos o direito de ser um astro soberano, um méro e modesto satellite da republica enorme. [1]

A grande autoridade acima citada, que com sympathia só igual á capacidade, estudou-a minuciosa e profundamente, diz com superior razão: «. . . não considero as instituições americanas, nem como as unicas, nem como as melhores a adoptar por uma democracia.» [2]

Imitemol-a, porém, desde já, no amor que lhes mereceu sempre, desde o inicio de sua vida

[1] Occorre citar aqui a justa observação de Eliseu Reclus no seu magnifico livro da geographia do Brazil:

« A Constituição brazileira, com haver imitado quasi servilmente a dos Estados-Unidos, não dará aos Brazileiros o espirito anglo-saxonio ; cada artigo da Carta ha de ser interpretado segundo o modo de pensar, as tradições, os costumes e as paixões dos sul-americanos filhos de Portuguezes.» Os factos confirmam plenamente o juizo do eminente geographo.

[2] *Obra cit.*, tom. II, pag. 109.

nacional a educação popular. Foi essa a preoccupação maxima dos patriotas daquella nação.

Acolá não foi sómente o governo, mas a nação toda que tomou a si a causa patriotica entre todas da instrucção nacional. Associações, congregações, generosissimos particulares, doadores magnificos, puzeram ao serviço dessa causa seus esforços, seu trabalho, sua propaganda, sua fortuna ou sua boa vontade. Á competencia de esforços e dedicação, o governo federal, o governo dos estados, os municipios, os cantões e, acaso mais que todos os poderes publicos, a iniciativa individual, ergueram ali a instrucção a um ponto tal de ser citada e tomada como modelo em todo o mundo civilizado. Em dez annos sómente, de 1866 a 1876, os donativos particulares á instrucção sobem a mais de 60 mil contos de réis! [1] Peabody, Hopkins, Cornell, Vassar e dezenas de outros, fundam ou dotam largamente universidades, collegios, academias, escolas e institutos de educação e ensino de toda a sorte.

Imitemol-os nisso, mas não vamos até querer, como appareceu num dos projectos de constituição federal, entregar exclusivamente á ini-

[1] Apud Ruy Barbosa, *Obra cit.*, pag. 32.

ciativa particular a instrucção publica, quando essa iniciativa não existe no paiz, e quando isso é antipathico ao nosso temperamento nacional.

---

# CONCLUSÃO

É preciso ser profundamente optimista ou profundamente indifferente, para não ver quão grave e perigosa é a situação do nosso paiz, num periodo do qual depende todo o seu futuro. A sorte das Cassandras, sei, é não serem cridas: abstenho-me, por isso, de fazer claras as minhas prophecias e de manifestar as causas dos meus receios, que aliás a nenhum homem medianamente avisado escapam.

Taes perigos, que ameaçam a um tempo a liberdade e a integridade nacional, certo não será o revezar dos partidos, apenas distinctos pela alcunha que se dão, nem as constituições plebiscitadas ou outorgadas, que os hão de conjurar, porque os produz a nossa falta de sentimento nacional, a nossa triste indifferença, a nossa carencia de espirito publico, a nossa fraqueza

[illegible] e consequente imbecilidade moral e a nossa ignorancia.

Luiz Couty, o mallogrado espirito que com tanta perspicacia applicou ás nossas questões sociaes a sua sagacidade scientifica, dizia da nossa população que a sua situação funccional podia resumir-se em uma palavra: o Brazil não tem povo. E após haver estabelecido com precisão de homem de sciencia os dados donde tirava essa para nós tristissima e, ainda mal, verdadeira conclusão, rematava com este afflictivo corollario: «Conseguintemente o poder pessoal, o poder moderador, resumido em um homem, impõe-se ainda ao Brazil.»[1]

Embora escriptos ha dez annos, estes conceitos, aos quaes o advento da Republica veio trazer a confirmação dos factos, são ainda hoje reaes e verdadeiros, por isso que, ao envez da affirmativa do poeta, com o rei se não muda o povo.

Não ha paiz civilizado, não ha nação livre, não ha cultura, não ha grandeza nacional, não ha democracia, não ha republica — sinão quando ha um povo que tem a consciencia da sua força, dos seus deveres e dos seus direitos, em summa, que

[1] *L'Esclavage au Brésil*, Paris, 1881, pag. 87

possue isso que o romano chamou civismo, e que nas nossas sociedades modernas chamamos espirito publico.

Sem illudir-me sobre as virtudes acaso exageradas da educação, sem julgal-a como certa escola, hoje decadente, uma panacéa, acredito entretanto que sómente a educação — no sentido mais amplo e alevantado desta palavra e desta coisa — póde conjurar os perigos a que alludo.

Educação physica que regenerando a nossa raça, nos dará com o vigor necessario para a lucta material da existencia, a consciencia do nosso valor pessoal, do qual se formará o nosso valor collectivo e se alentarão as nossas energias moraes.

Educação moral, educação do caracter, pelo combate a todos os vicios que nos minam e deprimem, e sobretudo pela educação do sentimento do dever, mais necessario e, ouso dizer, mais nobre que a indisciplinada reclamação dos direitos. Porque a liberdade é menos o exercicio dos direitos, que o cumprimento dos deveres, do qual nascem os sentimentos da responsabilidade e da solidariedade humana.

Educação intellectual, por ultimo, que nos dará os elementos indispensaveis ao progresso, á

civilização e á grandeza das nações, e nos armará tambem contra as emprezas dos sophistas de toda a casta e contra as illusões de certas doutrinas e theorias tão boas de medrar no feracissimo sólo da ignorancia popular, e finalmente:

Educação nacional, que resumindo todas estas, fal-as servir ao bem, á prosperidade, á gloria e á felicidade da patria, para que esta não seja apenas um nome na geographia, mas tenha um papel.

Não sómente á Escola cabe a tarefa da educação assim entendida sinão a todas as forças e orgãos sociaes: á Familia, ás Religiões, ao Governo, á Politica, á Sciencia, á Arte, á Literatura.

Pensador livre em Religião, em Philosophia e em Politica, o autor deste livro não pertence a nenhuma igreja, a nenhuma escola, a nenhum partido. Perante a sua patria, que estremece, e perante a sociedade a que pertence e á qual procura servir como entende melhor, é apenas, no bellissimo dizer biblico: «um homem de boa vontade.»

Foi com a boa vontade de servir o seu paiz que escreveu este livro, acaso inutil.

---